

algarve

rotas e caminhos

Índice

004 | rotas e caminhos do barlavento

006 | rota de sagres

018 | rota da fóia

030 | rota da costa vicentina

042 | caminhos além do barlavento

056 | rotas e caminhos do centro

058 | rota das aldeias

066 | rota do caldeirão

076 | rota da ria formosa

090 | caminhos além do centro

106 | rotas e caminhos do sotavento

108 | rota do atum

118 | rota da serra

128 | rota do guadiana

140 | caminhos além do sotavento

156 | postos de informação turística

de barlavento a sotavento, há um algarve inteiro para percorrer

Podia tratar-se apenas de mais uma publicação com sugestões de percursos do Algarve prontos a receber a sua visita. Podia, mas não é. O que a torna então diferente de todas as outras? Digo que, em primeiro lugar, a sua transversalidade. Aqui encontrará rotas que o farão saltitar de um lugar para outro, algumas com 351 ou 286 quilómetros de extensão, capazes de mostrar o que existe para lá das falésias ou entre as paisagens românticas que nos recordam os cenários de romances do século XIX.

Ao folhearmos a publicação, rapidamente percebemos que no Algarve há caminhos temáticos para todos os gostos. O das aldeias para quem quer o contacto próximo com a tipicidade das gentes e povoações, o da ria Formosa que é tão bela quanto o próprio nome anuncia, o do atum que se desenrola sob o signo azul do oceano, adequado aos apreciadores deste peixe. Totalizam 12 rotas, quando juntas. E cada uma merece que lhe dediquemos dias e dias de descoberta.

Vá por mim, marque umas férias entre nós (se é que já não o fez), embrenhe-se na região com a ajuda deste guia e verá que no regresso a casa levará um Algarve como nunca sentira – o seu. E muito por causa da estrutura deste livro. Eu explico: lendo as suas mais de 150 páginas, é capaz de ficar com a estranha sensação de estar acompanhado de um cicerone que lhe vai explicando os sítios e os monumentos enquanto passa por eles. A linguagem é tão próxima que parecerá realmente que esse guia turístico está ao seu lado, percorrendo a região consigo.

Agora parta para esta viagem com os olhos ingénuos de quem vê tudo pela primeira vez. E no final diga-nos se o Algarve o comoveu tanto quanto nos comove a nós todos os dias.

Desidério Silva
Presidente da Região de Turismo do Algarve

O Algarve é o lugar mais a ocidente da Europa Continental, o último cais antes das águas do Atlântico, uma região onde se entrecruzaram culturas, desde tempos imemoriais.

As Rotas e Caminhos do Algarve procuram oferecer ao visitante a chave para uma estadia plena de emoções fortes, um passaporte para a aventura, onde se conjuga a magia da natureza, a hospitalidade, a imponência do património cultural, mas também o luxo luxurioso e cosmopolita. Estes serão caminhos convidando à ação e à emoção, ao desafio da descoberta.

As centenas de praias do Algarve seduzem, pelas suas areias brancas e atlânticas vagas que ora se levantam, em rendas de espuma, ora se espraiam em ondas mornas.

Lugares para relaxar em animadas férias familiares, em experiências desportivas de alta energia, em contemplação meditativa de românticos pôr de sol.

No interior há jardins inexplorados, com vastas zonas de reserva natural, onde se pode seguir o voo majestático das águias ou o planar suave das cegonhas.

Dos algarvios, dir-se-á da sua hospitalidade, contadores de histórias exímios, sempre prontos a partilhar vivências, abertos à mudança e à diversidade. A simplicidade sofisticada da gastronomia inspirada no mar, perfumada de ervas, retém sabores mouriscos, tantos quantos a arquitetura tradicional também soube guardar.

No fim ficará a conhecer um Algarve onde se encontra o tradicional e o moderno, artes barrocas e minimalistas, formas de estar religiosas mas tolerantes, diversões populares e discotecas, açoteias e paredes de cal debruadas a ocre e azul, falésias e dunas, montanhas e planaltos agrestes com o mar profundo sempre ali tão perto.



rotas e caminhos *do barlavento*

Barlavento (oeste) será o nome que chamaremos ao conjunto das rotas que propomos percorrer na ponta mais ocidental do Algarve, azul será a cor que acompanhará as páginas destes caminhos. No lado oeste do Algarve convidamos a percorrer as Rotas de Sagres, da Fóia, da Costa Vicentina e vamos dar um salto a este da região nos Caminhos além Barlavento.

rotas e caminhos *do centro*

O Algarve central engloba rotas serpenteando entre o mar e a serra, e a cor verde sinalizará as páginas destes percursos. Nas Rotas do Centro, entre o Sul e o Norte, haverá a Rota do Caldeirão, da Ria Formosa e a das Aldeias. Os Caminhos Além do Centro são uma proposta para se deslindarem os trilhos do litoral e da serra das outras zonas do Algarve.

rotas e caminhos *do sotavento*

Sotavento (leste) designa o grupo de rotas a cirandar desde a zona fronteiriça. A cor castanha foi a cor escolhida para nos guiar na Rota do Guadiana, da Serra e do Atum, e as múltiplas sensações ao alcance. Os Caminhos Além do Sotavento levam-nos para as terras mais a ocidente uma rota que permite, ficar a conhecer a diversidade que o Algarve possui.





rotas e caminhos do barlavento

Imagens mágicas marcam os lugares do oeste ou Barlavento do Algarve.

O mar a bater nas falésias agrestes de Sagres entorará sinfonias à natureza indomável, enquanto nas minúsculas conchas de areia ou nas vastas dunas das praias, o único som é o marulhar das ondas e o adejar das gaivotas, a canção do vento carregado de sal e de odores de flores silvestre.

Iremos deambulando pelos sítios onde a terra se despede do sol, esteira de luz desenhada na vastidão do Atlântico.

Visitaremos cidades aninhadas nos vincos das colinas, sem quebrar os amplos panoramas da serra, como

em Monchique, penduradas nas arribas, tocando a fímbria do mar, espriadas em langorosas baías.

Seremos surpreendidos pelas marcas da história, tão islâmicas, em Silves.

Pelos sabores genuínos da gastronomia, cairemos em deliciosas tentações.

Entraremos portas adentro pela cultura algarvia, feita de contrastes e de sínteses. Mergulharemos simultaneamente no cosmopolitismo e nas tradições, ainda tão vivas.

As Rotas do Barlavento são caminhos em busca de umas férias perfeitas, daquelas que apetece sempre repetir.



índice

- 06 **ROTA DE SAGRES** **+/- 122 km**
Lagos » Ponta da Piedade » Vila do Bispo » Fortaleza de Sagres » Cabo de São Vicente » Vila do Bispo » Pedralva » Budens » Barão de São João » Barragem da Bravura » Odiáxere » Meia Praia » Lagos
Cheira a descobertas entre os penedos povoados de pescadores, mergulhamos nos séculos por entre as escuras águas de Sagres e São Vicente.
- 18 **ROTA DA FÓIA** **+/- 112 km**
Portimão » Ponta de João Arens » Alvor » Alcalar » Fóia » Monchique » Caldas de Monchique » Porto de Lagos » Silves » Lagoa » Estômbar » Sítio das Fontes » Carvoeiro » Algar Seco » Ferragudo » Portimão
Nas estradas da serra contornaremos a menos mediterrânica das paisagens algarvias. Há por ali parentescos maiores com Sintra e Monserrate, diz-se. Mas também com a Floresta Negra e com os Picos da Europa.
- 30 **ROTA DA COSTA VICENTINA** **+/- 172 km**
Lagos » Rogil » Odeceixe » Alfambras » Monte Ruivo » Bordeira » Carrapateira » Vila do Bispo » Lagos
Para cá da falésia em que se empoleira o aconchego da cegonha, campos pontuados de flores singulares, amarelas, rubras e roxas dão as boas-vindas às aves migradoras.
- 42 **CAMINHOS ALÉM DO BARLAVENTO** **+/- 286 km**
Silves » São Bartolomeu de Messines » Alte » Salir » Querença » Barranco do Velho » Montes Novos » Cachopo » Martim Longo » Pereiro » Alcoutim » Guerreiros do Rio » Almada de Ouro » Azinhal » Castro Marim » Vila Real de Santo António » Cacela Velha » Cabanas de Tavira » Tavira » Moncarapacho » Santa Bárbara de Nexe » Boliqueime » Paderne » Silves
Visitemos seculares cidades que se deixaram a mouriscar e depois embranqueceram. As mil igrejas de Tavira, os mil jardins de Loulé, os mil restaurantes com cheiros a mar nas bordas de Olhão. Encantemo-nos com o Algarve do Sotavento.





rota de sagres

Derivamos do casario sem mácula de Lagos para oeste, o percurso do Infante. Mas não recusamos o interior barrocal: saciamos a vista na calma aquífera de Bensafrim, lá onde nem as garças trazem novas dos algarves da demografia apertada. Tudo sabe a genuíno entre as curvas do ocidente. Até as gentes: rompamos por um pouco os espartilhos das paragens obrigatórias e, logo depois, os silêncios na tasca do casario. Oiçamo-los, como sabemos que já lá estavam nos tempos do Infante.

Nunca deixaram de lá estar, por entre os silêncios.

Mais próximos das falésias sentiremos a vertigem da gaviota rasante de leixões.

À beira dos precipícios arrepiar-nos-emos com o voo picado das aves pesqueiras mergulhantes nas águas fartas e límpidas.

Mais tarde vamos extasiar-nos ante o oceano espumoso, fecharemos os olhos por um momento, segundos de viagem no espaço e no tempo. As américas, África, o século XIV.

Cheira a descobertas entre os penedos povoados de arriscados pescadores, mergulhamos nos séculos por entre as escuras águas de Sagres e São Vicente.

O presente dos homens acolheu o passado grandioso no mais sábio dos algarves: o que soube preservar as paisagens primevas, naturais e humanas. E sim, até ali, entre pedras e água, encontramos um fio de sentido para a Humanidade.



Fortaleza de Sagres (AF)

rota de sagres

PERCURSO

Lagos > Ponta da Piedade > Vila do Bispo > Fortaleza de Sagres > Cabo de São Vicente > Vila do Bispo > Pedralva > Budens > Barão de São João > Barragem da Bravura > Odiáxere > Meia Praia > Lagos

LEGENDA



Barragem



Miradouro



Museu



Farol



Moinho



Praia



Marina



Monumento



Reserva Natural



Autoestrada



Estrada Municipal



Ponto de Partida



Estrada Nacional



Rota



Zona Protegida



Estrada Nacional 125



Sentido da Rota



ODEIXE

Odeixe

Adegas

Samouqueira

Maria Vinagre

Vale dos Homens

Estaveira

EN120

Rogil

Carriagem

Amoreira

Aldeia Velha

Aljezur

Chilrão

Monte Clérigo

Vale da Telha

Arrifana

Vales

EN267

Marmelete

Portela do Vale

Arrifana

Picão

EN120

Casais

Canal

Barranco da Vaca

Alfambras

Serra de Espinhaço de Cão

Vale Figueiras

Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina

EN268

Monte Ruivo

Espinhaço de Cão

Barragem da Bravura

Bordeira

BORDEIRA

EN120

Carrapateira

Amado

Murração

Barriga

EN268

Pedralva

Pero Queimado

Barão de São João

ODIÁXERE

MEXILHOEIRA GRANDE

Palmares

VILA DO BISPO

Senhora de Guadalupe

Budens

Barão de São Miguel

EN125

LAGOS

Hortas do Tabual

Figueira

Salema

Meia Praia

Batata

D. Ana

Camilo

Balança

Castelejo

Alto de Parizes

Zavial

Furnas

Figueira

Salema

Boca do Rio

Cabanas Velhas (Almádena)

Burgau

Luz

Porto de Mós

Canavial

Ponta da Piedade

Ponta Ruiva

Telheiro

SAGRES

Ingrina

Zavial

Furnas

Figueira

Salema

Boca do Rio

Cabanas Velhas (Almádena)

Burgau

Luz

Porto de Mós

Canavial

Ponta da Piedade

Cabo de São Vicente

Beliche

Tonel

Mareta

Ponta de Sagres

Martinhal

Rebolinhos

Alvor Nascente (Três Irmãos)

Praíinha

Barranco das Canas (Alémão)



É difícil sair de Lagos, ainda que seja para responder ao apelo da força bruta do mar de Sagres, palavra-chave desta rota. Sagres, que hoje continua a atrair aqueles que procuram “sentir a existência fora do corpo”, deixar a pele entranhar-se do sal da brisa, escutar o silencioso e secular diálogo da boca escancarada dos rochedos, do mar e do sol, que ali se despede do velho continente.

Não poderemos, por isso, sair de *Zawaya*, cujo significado é mesquita, como a Lagos chamavam os poetas árabes, sem antes nos perdermos por entre as ruelas da cidade histórica, onde se entrelaçam as lojas de artesanato, os restaurantes típicos, com as galerias de pintura e as lojas cosmopolitas, paredes meias com a imponência dos seus monumentos.

Desde muito cedo, Lagos foi uma porta para o Mediterrâneo e continua um sítio de encontro de povos de todos os continentes. Na sua ampla baía, rodeada pelo areal fino da Meia Praia partiu Gil Eanes, o primeiro a dobrar o Cabo Bojador, esconderam-se corsários, como Sir Francis Drake, aportaram galeões cheios do ouro e pedras preciosas das Américas ou de especiarias das Índias. Mais modestos seriam os batéis de pescadores que no Mediterrâneo pescavam e também ali chegavam seguindo o pescado aquando da desova.

Lacobriga, que em língua céltica significa fortaleza, foi fundada 2 000 a.C. por Brigo, por junção de pequenos povoados antes situados nas margens da Ribeira de Bensafrim.

Primeiro Roma, depois os visigodos, seguindo-se-lhes os árabes, todos deixam as suas marcas culturais, visíveis nos mais de 50 monumentos de interesse da cidade. A reconquista definitiva acontece em 1241 pela espada de D. Paio Peres Correia.

Fruto tão apetecido, Lagos tinha como defesa uma muralha, classificada como monumento nacional e dividida em duas cercas que hoje serpenteiam por entre o dédalo de ruas da cidade histórica, entrecortada por torreões, como o Torreão da Ribeira no extremo sudoeste.



Murallas de Lagos (HR)



Meia Praia (HR)

De uma beleza impressionante, o pano da muralha que bordeja a marginal com os seus aprazíveis jardins é entrecortado pela Porta São Gonçalo, com os seus arcos graciosos e de bom trabalho de pedra.

A Rua da Barroca mantém o sabor medieval e permite o acesso aos Paços do Concelho através da Porta da Vila.

A cerca defendia o centro urbano, em redor da mesquita (*zawaya*) onde posteriormente foi construída a Igreja de Santa Maria, na Praça do Infante, iniciada em 1498 e, desde o terramoto de 1775, Igreja Matriz da cidade.

Ali próximo está o Mercado dos Escravos, hoje transformado em galeria de pintura, forma digna de suavizar o sofrimento testemunhado pelas pedras seculares. Bem difícil será resistir à tentação de conhecer melhor tudo a que à cidade se refere, no Museu Municipal de Lagos.

Quanto ao Alcácer, ou palácio do califa Banu Mozaine, está escondido nos alicerces do Palácio do Governador de Portugal, mais tarde Cais Velho, hoje parte integrante do Hospital de Lagos.

A Igreja de São Sebastião ergue-se altaneira, mas uma das joias mais rutilantes do património de Lagos é a Igreja de Santo António, de estilo barroco, cujo interior é decorado de forma exuberante com azulejos e talha dourada e pinturas do Mestre José Joaquim Rasquinho.

A Igreja do Carmo, numa das colinas da cidade, oferece, num golpe de vista, uma magnífica perspetiva de todo o casario, a desenrolar-se suavemente até ao litoral.

Outra vez à beira das águas claras do mar, eis a estátua de D. Sebastião, o Rei Menino, do mestre escultor João Cutileiro. Junto aos Paços do Concelho, na Praça Gil Eanes, encontra-se um dos belos palacetes de que Lagos é pródiga e ruma-se ao Forte da Bandeira, mesmo junto à entrada da barra. Passada a ponte levadiça, entra-se por porta de cantaria lavrada.

Na plataforma superior, a esplanada abrange a curva graciosa da baía, revelando os veleiros que lentamente navegam rumo à Marina.



Igreja de Santa Maria (St)



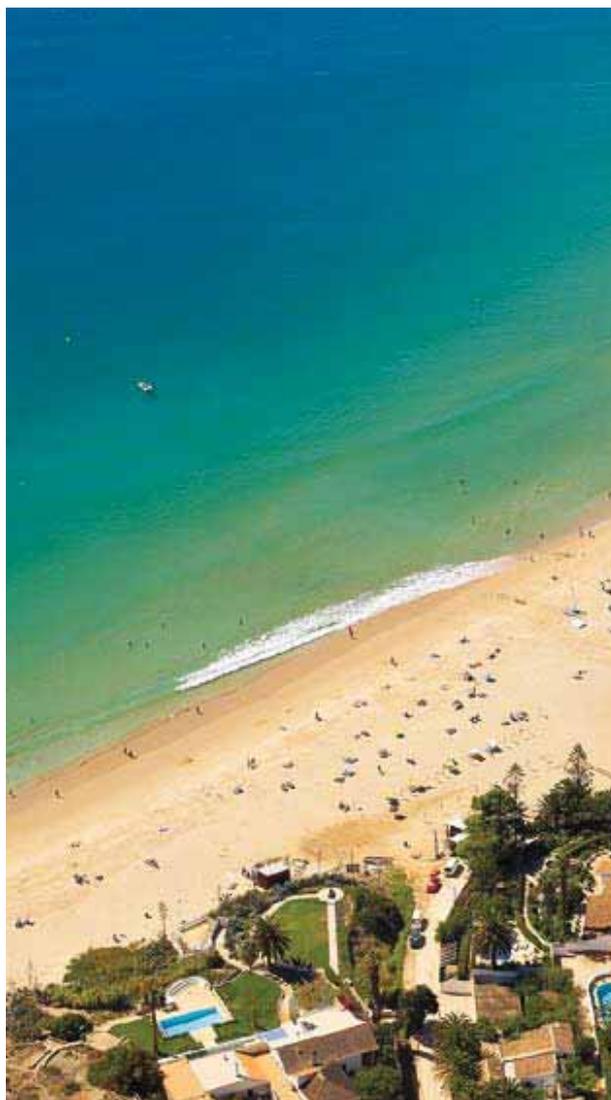
Forte da Ponta da Bandeira (St)

Paremos também na Ponta da Piedade, o início das falésias que depois do areal junto à baía oferecem um contraste exuberante. Saindo da cidade pela antiga estrada que passa nos Montinhos da Luz, aldeia indecisa entre o ruralismo dos campos de amendoeiras e figueiras e o litoral, chega-se à cosmopolita Praia da Luz, mistura de veraneantes e pescadores.

Toma-se um pouco adiante a estrada que nos leva à Boca do Rio. Na pequena praia, outrora foz, trabalhos de arqueologia revelaram uma estação de salga romana, onde era preparado o *garum*, um molho de marisco que fazia as delícias dos banquetes da Roma imperial, que o recebia em ânforas de barro.

No cerro próximo, estão as ruínas do forte de Almádena. Feito para vigiar a Almadrava, arte de pesca do atum entretanto extinta, o forte esboroa-se docemente. Mas a paisagem e o deslumbre do sítio permanecem inalteráveis.

Segue-se então para Salema, aldeia que conserva bem vivas as suas raízes piscatórias, onde é possível assistir à chegada dos barcos de pesca artesanal, que usam a maré para chegar à praia. É aconselhável retomar nesta altura a EN 125,



Praia da Luz (HR)



Ponta da Piedade (HR)



Igreja Matriz de Vila do Bispo (St)

no cruzamento que liga à aldeia da Figueira, ali onde outrora se abasteciam os marinheiros de figos torrados, iguaria que os alimentava nas viagens longas. Uma outra curva da estrada e eis a pequena ermida de Guadalupe. Ali se rezaram preces quando se partia, ao sabor das ondas, nas naus e caravelas.

Continuando em direção a poente, Vila do Bispo surge-nos numa pequena elevação, visível da Estrada Nacional 125 (EN 125). A vila é terra de ruas sinuosas, casas caiadas de branco rematadas com barras coloridas. Junto às portas, degraus altos de lajes de granito, polidas pela idade e pelo uso. De onde em onde, uma chaminé rendilhada recorta o céu.

A Igreja Matriz, ao lado do pequeno jardim é, ao mesmo tempo, centro da vila, paragem de autocarro e ponto de encontro, e possui uma bela fachada do século XVIII, com a nave central revestida de azulejos exibindo figuras de flores e golfinhos. Anexo, um pequeno museu com peças de arte sacra.

Nos arredores, os menires datados de 3 000 a 4 000 a.C., são um verdadeiro tesouro arqueológico.

O passeio inicia-se a curta distância, tomando

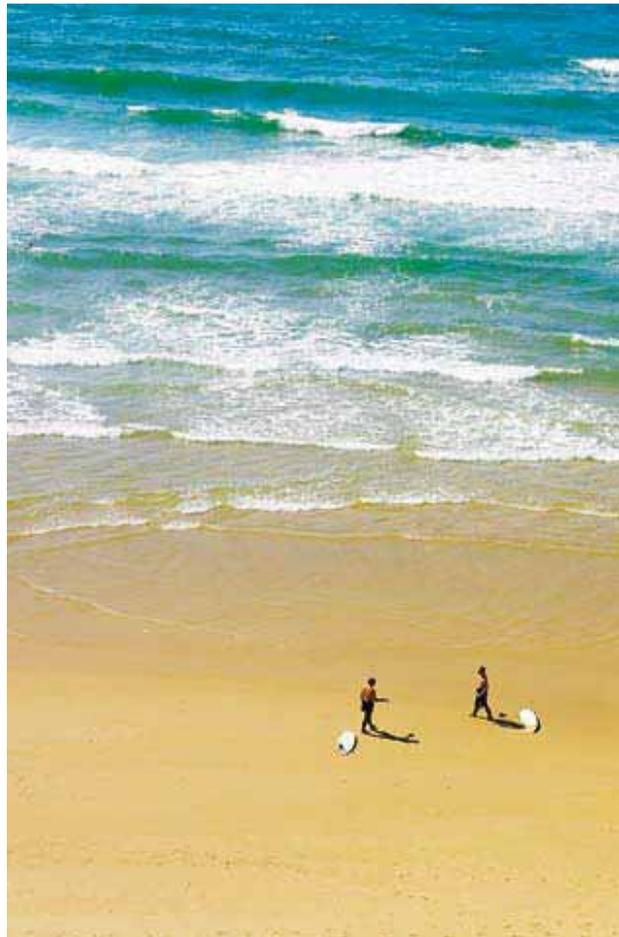


Ermida de Guadalupe (St)

a estrada antiga na direção de Sagres, no sítio de Monte Salema. A partir daí, faz-se o trajeto a pé, à descoberta dos menires espalhados pelos campos verdejantes, onde florescem espécies de plantas raras.

As praias mais próximas da vila são o Castelejo e a Cordoama, pequenas conchas de areia fina e dourada, rodeadas de altas falésias pouco escarpadas e, por isso, local de prática de parapente. Continuemos então através de paisagens deslumbrantes, para o sítio que embalou os sonhos audaciosos de um homem que ousou descobrir o mundo para além do mar...

A fortaleza de Sagres é um dos monumentos de maior aura de todos quantos existem em Portugal. Símbolo dos descobrimentos portugueses, a enigmática “rosa dos ventos”, inscrita no lajedo da fortaleza, é mundialmente conhecida desde os finais da Idade Média, por causa do Infante D. Henrique, o Navegador. Ele concebeu o mais ambicioso e aventureiro plano que a História até àquela época registara.



Praia da Cordoama (HR)



Fortaleza de Sagres (HR)

A sua Academia Náutica reuniu expressiva plêiade de homens de conhecimento, expoentes nos campos da cosmografia, astronomia, matemática, geografia, navegação e construção naval. Portugueses, espanhóis, italianos, alemães e judeus vieram pelo sonho telúrico que apontava para terras distantes. “Navegar é preciso...”

Em Sagres se aprimoraram as determinações astronómicas e as cartas de marear, desenvolveram as técnicas de navegação para o alto mar, se formaram pilotos que “com engenho e arte” romperam os limites do Velho Mundo.

Um feito de tal magnitude para a humanidade, que só viria a repetir-se quinhentos anos depois, com a chegada do Homem à Lua.

Este período áureo deixa ao mundo o testemunho inequívoco da capacidade do género humano em vencer obstáculos aparentemente intransponíveis, insuperáveis.

A fortaleza possui muralhas de belas linhas e um forte baluarte. Alvo de pirataria, do terramoto de 1755, e do enorme maremoto que se lhe seguiu, ficou quase destruída.



Farol do Cabo de São Vicente (St)

Reconstruída por Dona Maria I, perdeu-se muita da sua antiga linha de construção. Atualmente, funciona ali um museu e uma sala de exposições, mantendo-se também a histórica ermida.

Intocável até ao século XXI, ficou a magia do *Promontorium Sacrum*, sítio mais a ocidente da Europa, reverentemente batizado pelos romanos.

À distância de um golpe de vista, e a 6 km por estrada, fica o Cabo de São Vicente, assim denominado por lá ter repousado o corpo desse franciscano. A tradição conta que os moçárabes, muçulmanos convertidos ao cristianismo, trouxeram o corpo desde Pádua, para o preservar durante a ocupação sarracena.

A lenda, por sua vez, fala de corvos transformados em sentinelas contra a aproximação de estranhos. As aves seguiram o santo, cuja trasladação para Lisboa o Rei Afonso Henriques ordenou, passando por isso a integrar o brasão da capital.

Nas ponta do Cabo está um farol, versão atualizada do que em 1515 foi mandado erguer pelo Bispo do Algarve para segurança dos marítimos.

Nas enormes rochas, brutas e abruptas, ecoa continuamente a sinfonia do mar. A luz, coada pela neblina salgada, multiplica os reflexos ocres da argila ou amarelo oiro dos calcários nos penhascos alcantilados.

Entre eles, praias oferecem a imensidão do oceano. É o caso da Mareta, com o seu pitoresco porto, o Beliche, ou então o Tonel.

Contudo, o cuidado nunca é demais. O mar destas praias enfurece-se e alia-se ao vento e ergue-se em vagas poderosas perfeitas para o *surf* ou o *bodyboard*, mas que se esmagam de encontro às rochas e criam correntes traiçoeiras, escondidas por cortinas da espuma alva das ondas.

Já com saudade, estranho sentimento tão português, toma-se a estrada mais próxima da costa, retornando a Vila do Bispo. Terra com cheiro a mar e marisco, apesar de rodeada por pastos e florestas, é agora altura para uma pausa gastronómica, para saborear um sargo grelhado, uma lagosta suada, uma caldeirada de peixe ou os frescos perceves.



Praia do Beliche (HR)



Praia do Castelejo (HR)

Tempo ainda para um pequeno desvio, à esquerda, em direção à praia do Castelejo, caminho que leva até à Torre de Aspa, o ponto mais alto da zona. Ponto de vigia ancestral dos contrabandistas, que traziam as suas mercadorias para terra em pequenos barcos a remos. Tem especial interesse para os que apreciam o voo vertiginoso das aves de rapina, como os falcões e as águias pesqueiras que escolhem os rochedos escarpados para procriarem.

Na vila, opta-se desta vez pela direção de Aljezur, para mergulhar no coração da costa Vicentina, uma paisagem especial, diferente, com a natureza intocada pela passagem dos tempos e dos homens. Chegaremos em breve ao cruzamento que conduz a Pedralva, uma minúscula aldeia, logo seguida por Pero Queimado, por entre os fragrantos eucaliptos.

Continuando para sul, em breve chegaremos de novo à EN 125 e à piscatória Budens, em busca da Igreja Matriz com altares em talha dourada e de duas bonitas ermidas: a de Santo António, aninhada no panorama verdejante em redor, e a de São Lourenço, com um belo frontal de altar em azulejos do século XVIII. Nas proximidades, alguns moinhos, hoje apenas pitorescos e decorativos.

Inflitando de novo para o interior, uma curta viagem leva-nos a Barão de São João, onde predomina o encanto rural da arquitetura tradicional, passando por Barão de São Miguel, ambas na orla de uma Mata Nacional. Subindo já pelo barrocal, anunciado pelas figueiras, amendoeiras e alfarrobeiras, chega-se a Bensafrim, que em árabe significa feiticeiros, numa analogia com o verbo *sahara* (encantar).

Encantemo-nos então com as casas de grés vermelho, por entre hortas verdejantes e pomares de amêndoas, desde sempre carregadas nas mui artesanais alcofas de esparto ou de empreita de palma.

Já ansiosos por espriar de novo os olhos sobre uma planura líquida, segue-se até à Barragem da Bravura, lago feito pelos homens, para seguirmos para Odiáxere e irmos desembocar nos Palmares, colina sobranceira à Meia Praia.



Igreja Matriz de Santo António (St)



Meia Praia (HR)

A propósito, esta é uma das mais belas praias do Algarve. São 7 km de areias finas e impolutas, dunas ondulantes e pequenos mas sofisticados restaurantes, oferecendo as iguarias que os pescadores retiram do mar no mesmo dia. Isto sem esquecer outros desportos náuticos e o golfe, cujo *green* segue as ondulações da colina, acentuando o contraste do horizonte marinho e o mundo bucólico, onde alguns solares rurais deram origem a turismo de habitação, enquanto outras quintas se transformaram em *resorts* de luxo.

Chegados à Marina de Lagos, voltemos à cidade, para usufruir da intensa vida noturna e cultural.

Fazendo jus à tradição de ser um ponto de encontro de povos e culturas, a cidade ilumina-se e a única dificuldade é escolher.

A agenda cultural desdobra-se em espetáculos de cariz tradicional, a par de outros, como o teatro e a música erudita, no Centro Cultural de Lagos. Música ao vivo, acontece amiúde nas praças do centro ou nos bares e restaurantes. Não faltam igualmente as discotecas e os *pubs*, espaços que celebram a alegria de viver.



Marina de Lagos (PR)





rota da fóia

Lá de cima, em Monchique, a vista é deslumbrante sobre o ocidente meridional. Dois mares no lusco-fusco sôfrego e longe, lá onde sabemos estarem Lagos e Portimão. Também rodeámos antigas casas de pescadores, atuais segundas casas amiúde cheias com veraneantes de ocasião, praias de falésias, leixões e gaivotas amantes de espuma e areias que lhes moldem as patas ao fim da tarde. Nas preservadas ameias do dominador Castelo de Silves adivinharemos guerras com setas, catapultas e azeite fervente, divisaremos o mesmo sangue rubro vertido por mouros e cristãos na última das conquistas, há sete séculos. Nas estradas da serra contornaremos a menos mediterrânica das paisagens algarvias. Há por ali parentescos maiores com Sintra e Monserrate, diz-se. Mas também com a Floresta Negra, os Picos da Europa, as frondosas paisagens madeirenses. Entre os amieiros e o cheiro do pinho, por entre o vento fresco e a humidade circundante canta o paraíso da floresta: é um banho diferente para a pele e os olhos que agora se propõe. Mas também para a alma, lá, nas cercanias da Fóia, onde por entre penedos agrestes se divisam esses outros paraísos do turismo, em muitas dezenas de quilómetros do sudoeste português.



Alvor (HR)

rota da fóia

PERCURSO

Portimão > Ponta de João Arens > Alvor > Alcalar > Fóia > Monchique > Caldas de Monchique > Porto de Lagos > Silves > Lagoa > Estômbar > Sítio das Fontes > Carvoeiro > Algar Seco > Ferragudo > Portimão

LEGENDA



Barragem



Miradouro



Praia



Espaço Natural de Recreio e Lazer



Moinho



Termas



Farol



Monumento



Marina



Museu



Autoestrada



Estrada Municipal



Ponto de Partida



Estrada Nacional



Rota



Zona Protegida



Estrada Nacional 125



Sentido da Rota



ODECEIXE

MONCHIQUE

A22

A2

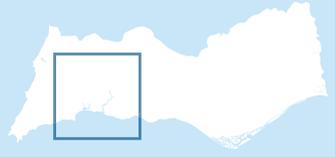
LAGOS

PORTIMÃO

SILVES

FERRAGUDO

CARVOEIRO



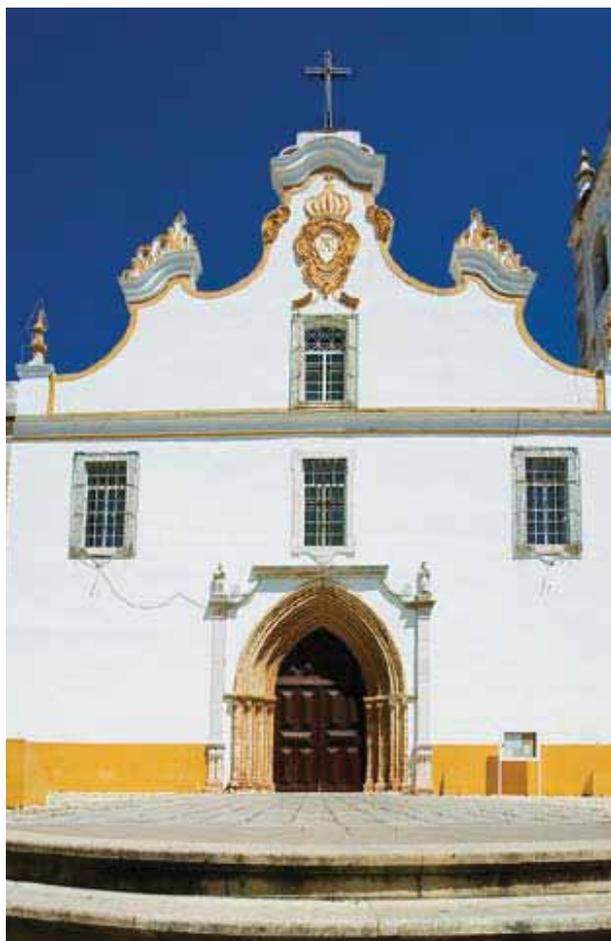
Esta rota circula entre Portimão e a Fóia e iremos dos grandes rochedos da Praia da Rocha, que o mar lambe e o vento acaricia moldando-os em caprichos encantadores da natureza, até ao sítio mais alto do Algarve, a Fóia, que se ergue altaneiro no cenário verde da Serra de Monchique.

Um olhar por variados algarves, um passeio feito de contrastes e surpresas.

Parte-se de Portimão descobrindo antes, a cidade turística vibrando de vida, a urbe que nasceu entre as margens do Rio Arade e o mar.

A história diz que fenícios, gregos, cartagineses, romanos e árabes subiram o Rio Arade até Silves, e deixaram vestígios na região. Mas são os Descobrimentos Portugueses, em pleno século XV, que fazem nascer a moderna Portimão.

Um giro pela cidade inicia-se inevitavelmente no centro histórico que retém alguns panos das muralhas medievais entre o casario. Porém, é a arquitetura dos finais do século XIX e início do século XX que marca o perfil destas ruas, com



Igreja da Nossa Senhora da Conceição (St)



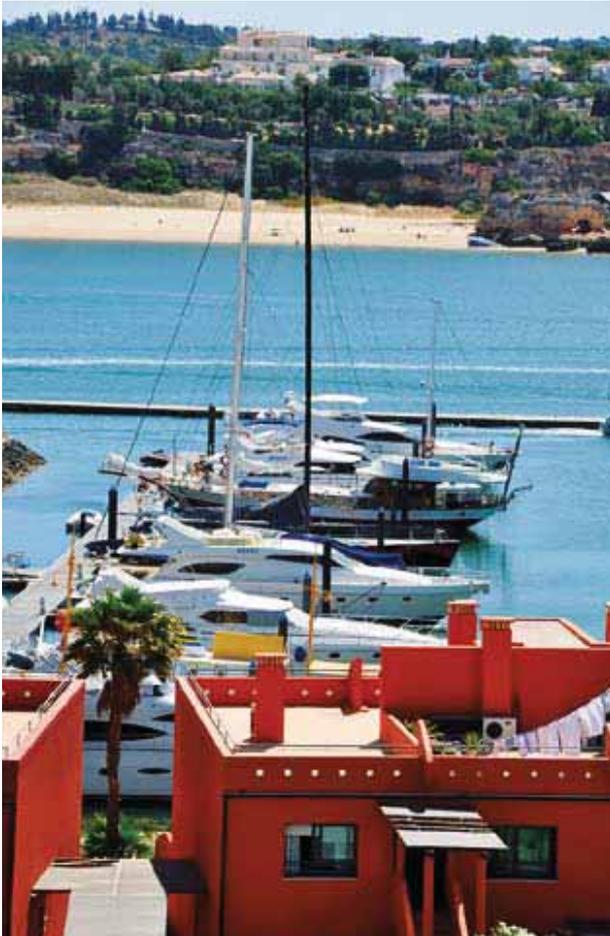
Colégio dos Jesuítas (St)

casas de dois pisos, varandas de ferro forjado, cantarias enobrecidas nas janelas e portas e paredes revestidas a azulejos. As ruas estreitas do antigo bairro de pescadores e comerciantes, como o Largo da Barca, na Rua Nova, ou do Postigo da Igreja são disso exemplo.

Quanto a monumentos, visite-se a Igreja de Nossa Senhora da Conceição com o seu portal de grés, inscrito numa bela fachada. Junto ao rio, pouco distante da barra, está o Convento de São Francisco, construído em 1535. Da sua igreja, tão sóbria quanto a parte conventual, ficou-nos um lindíssimo portal.

Segue-se o Colégio dos Jesuítas, de linhas austeras e majestosas, mandado construir entre 1660 e 1707, por Diogo Gonçalves, fidalgo enriquecido no Oriente.

A sua igreja, a mais ampla do Algarve, é de uma só nave (característica das igrejas salão). A Capela de São José, de fachada simples, situa-se na zona antiga da cidade, frente aos estaleiros navais. Ali perto está a antiga Fábrica de Conservas Féu transformada em Museu Municipal, instalado no



Marina de Portimão (PR)

edifício do final do século XIX, um belo exemplar de arqueologia industrial.

A Marina de Portimão oferece, por sua vez, uma trepidante zona de animação e comercial e uma bela praia artificial.

Ali perto, na Praia da Rocha, as falésias enquadram a vasta concha de areia. No miradouro da Bela Vista, o azul do mar confunde-se com o horizonte, cintilando ao sol.

A Fortaleza de Santa Catarina de Ribamar olha vigilante a foz do Arade e, em conjunto com o Forte de São João, do outro lado do rio (em Ferragudo), assegurou em tempos idos defesa da cidade e do porto.

Saindo da cidade para oeste eis a Praia do Vau, cuja imagem de marca são as águas amenas e tranquilas e as areias finas. Um pouco adiante, a Ponta de João Arens é um miradouro natural, extremo das arribas que envolvem a Praia dos Três Irmãos, enquanto a Prainha se esconde entre rochedos onde adejam gaivotas e cujas zonas submersas são muito frequentadas pelos apreciadores do mergulho. As águas límpidas permitem desvendar os mistérios subaquáticos e, quiçá, algum tesouro proveniente dos muitos navios que aqui naufragaram ao longo dos séculos.

A próxima paragem é em Alvor. Um pequeno paraíso inigualável, a Ria de Alvor tem de um lado o mar e do outro o vasto estuário da ribeira, separados pela extensa duna. Cenário de uma quietude total, que se pode gozar mais de perto em inesquecíveis passeios de barco.

Os pescadores artesanais mantêm intactas as artes de pesca e mariscagem, mais os seus barcos coloridos. Diz a tradição que terão vindo de Monte Gordo, uns para tentar embarcar para o Novo Mundo, outros fugindo do Marquês de Pombal, que mandou arrasar as suas cabanas na praia para os obrigar a viver em Vila Real de Santo António. As aves migratórias fazem os seus ninhos nos sapais, planam e volteiam sobre as águas baixas junto ao areal, riscando com as suas asas o azul do mar.



Fortaleza de Santa Catarina (PR)

Vale a pena espreitar a Igreja Matriz, com pórticos de estilo manuelino, profusamente lavrados. Uma curiosidade: a sacristia, anexa à igreja, é um antigo morabito árabe. Do adro da igreja goza-se um excelente panorama da ria.

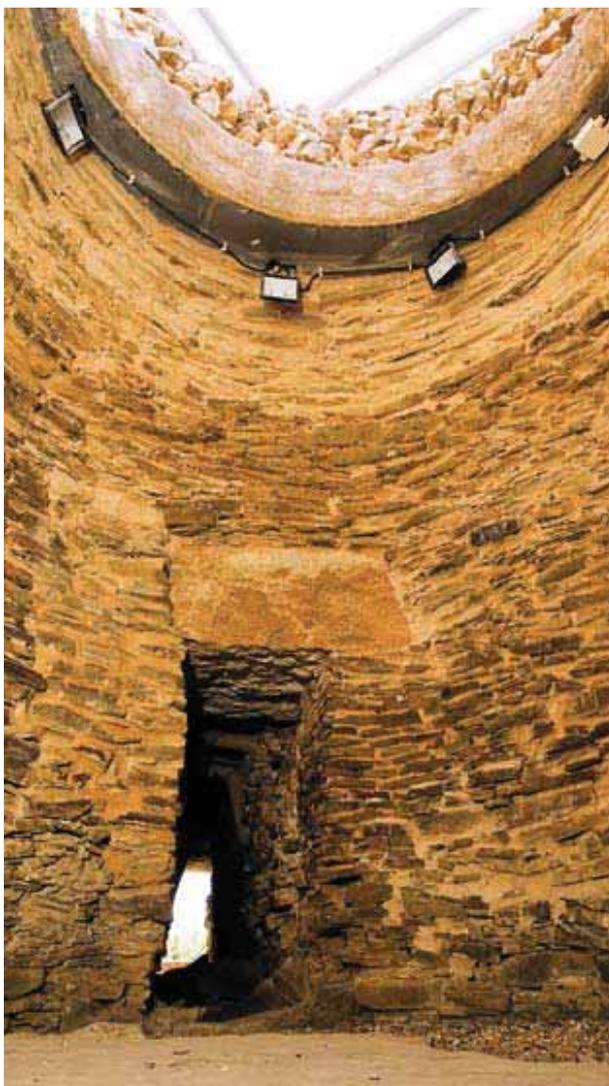
As ermidas de São João e de São Pedro, de forma cúbica e cúpula esférica são outros tantos morabitos árabes. Do Castelo de Alvor restam apenas dois troços da muralha com casas adossadas. E junto à pacata aldeia de Montes de Alvor, o aeródromo permite desportos como o paraquedismo, ou então transportes privados rápidos.

Seguiremos depois para a Tapada da Penina, que em hebraico significa pérola.

Neste antigo arrozal, nasceu o primeiro campo de golfe do Algarve, desenhado por Sir Henry Cotton e rodeado por enormes e frondosas árvores. Os aficionados têm nesta zona outros campos, de reconhecida qualidade internacional.

Pela EN 125 e na direção de Lagos, basta seguir as indicações para aceder às Ruínas de Alcalar. Os vestígios arqueológicos comprovam uma presença humana que vem desde o neolítico. O monumento resistiu mais de 4 000 anos. No Centro Interpretativo encontra o visitante informações para saciar a curiosidade. Um pouco mais adiante estão os vestígios de uma *villa* romana construída no século III d.C., por um rico proprietário rural, na confluência das ribeiras do Farelo e da Senhora do Verde. É nos belos mosaicos que reside a maior riqueza das Ruínas da Abicada. Estamos já no barrocal algarvio, e passaremos pela aldeia da Senhora do Verde, coleando por uma estradinha de montanha, através de espetaculares plantações de sobreiros e vales cultivados. O zambujeiro, a oliveira ou a alfarrobeira revezam-se com plantas selvagens e aromáticas. Associada a esta impressionante diversidade de plantas subsiste uma fauna abundante. Entre as aves, destacam-se as aves de rapina diurnas e noturnas e muitos pássaros como o abelharuco, o papa-figos, o charneco, o picanço, o pintassilgo, o verdilhão ou as toutinegras.

Breve chegaremos a Casais, a 8 km no sopé do sudoeste da Fóia; a curta distância encontram-se



Ruínas de Alcalar (St)



Pintassilgo (HR)



Fóia (PR)

A fonte da Fóia, a 798 metros na encosta noroeste, mantém um caudal inalterável, seja inverno ou verão, e uma temperatura constante de 14º Celsius, dando a ilusão de frescura nos dias quentes e tepidez no tempo mais invernosos.

Desce-se para Monchique, onde há hortênsias e camélias um pouco por todo o lado e o Largo de São Sebastião é de passagem obrigatória.

No casco urbano da vila avultam a Igreja Matriz com o pórtico principal manuelino, a Capela do Santíssimo, as igrejas de São Sebastião, da Misericórdia a Ermida do Senhor dos Passos. As ruínas do Convento de Nossa Senhora do Desterro, a menos de 1 km, estão rodeadas de arvoredo e daí goza-se um admirável panorama. Mesmo ao lado, ergue-se a maior magnólia da Europa, classificada como património natural.

Os “sítios” como aqui se usa chamar às quintas ou pequenas aldeias, convidam a passeios a pé e a cavalo, ao cicloturismo e à fotografia panorâmica.

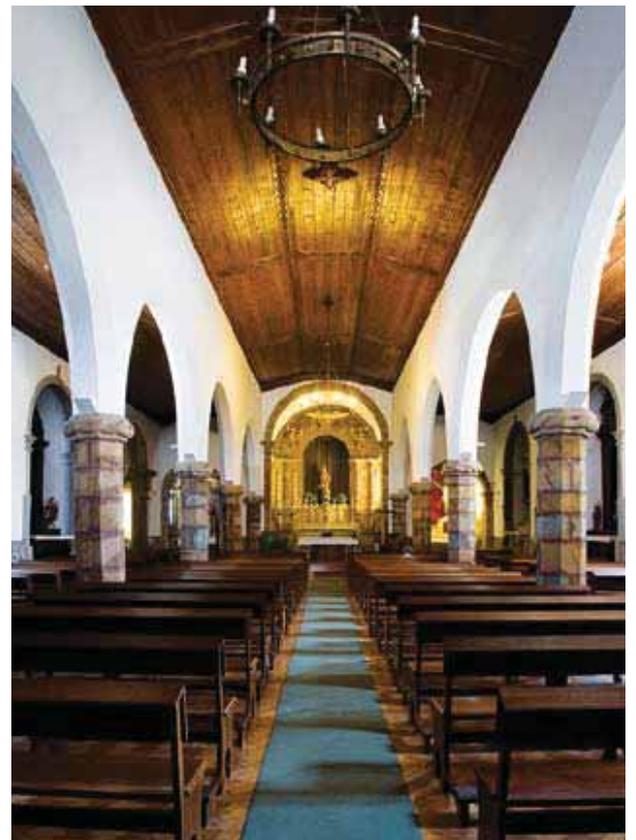
Sabe bem, depois de uma tão variada panóplia de verdes, fazer uma pausa para saborear a gastronomia, que a cozinha de Monchique é interessante e com combinações assaz curiosas,

a Quinta e a Capela de Santo António, fundadas pelo bispo de Silves (1501 a 1536), D. Fernando da Silva Coutinho.

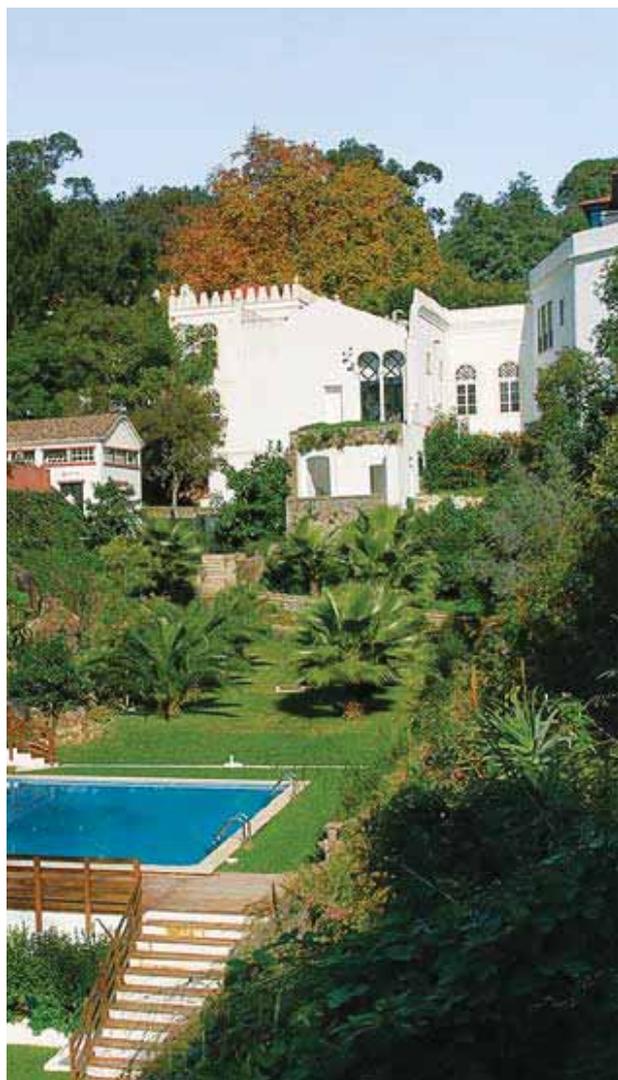
Virando em Casais, na EN 267, em direção a Marmelete, 4 km depois está a Portela Baixa, local de onde se avista a costa desde Quarteira ao Cabo de São Vicente. Há que seguir a estrada que se dirige ao Chlirão, numa encosta bafejada pelo vento do Atlântico, enquanto a vegetação vai rareando à medida que subimos, até ser só tojo e urze.

E eis-nos no miradouro da Fóia, no topo da serra, a 902 metros de altitude, num dos mais belos panoramas do Sul, que abrange um amplo horizonte que se estende pelo litoral e pelas ondulações do Alentejo. Em dias claros, vê-se de Sagres a Faro, a sul, ou a Serra da Arrábida, a norte.

A paisagem difere do resto do Algarve, desenrolando-se em socalcos e nascentes a borbulhar.



Igreja Matriz de Monchique (St)



Caldas de Monchique (LC)



Cruz de Portugal (PR)

como os pratos de arroz com castanhas, as papas moiras feitas de milho, ou a típica assadura de porco. Particularmente saborosos são os enchidos artesanais de porco preto, o presunto curado à antiga. Nos doces, destaque para o bolo de tacho e o pudim de mel. Terra de medronho, selvagem e espontâneo, o seu mel e a sua aguardente são famosos.

Encetaremos o regresso ao litoral saindo da vila pela EN 266 ao longo da estrada, as pequenas lojas de artesanato são uma tentação, com as cadeiras “de tesoura”, inspiradas nos assentos romanos, a cestaria de vime, a tecelagem.

As Caldas de Monchique surgem agora na curva da estrada, entre o verde da montanha e o azul do céu. Aqui se localizam as Termas de Monchique, onde brota uma água leve, pura e cristalina, que os romanos batizaram de “sagrada”, por aliviar o reumatismo e afeções das vias respiratórias. O seu mais ilustre hóspede foi o rei D. João II. Com o seu perfume romântico, nas termas apetece muito passear entre eucaliptos e sobreiros, subir até ao topo da Picota, cujos declives oferecem uma vista magnífica.

Ainda na mesma estrada, bordejada de vegetação luxuriante, chegaremos a Porto de Lagos no vale da Ribeira de Odelouca, um antigo porto fluvial usado até ao século XIV. Conta a lenda que uma princesa moura e um príncipe cristão fugiram juntos. O pai dela, furioso, perseguiu-os até à ribeira, onde a pobre princesa, ao tentar ficar com o seu amado, se afogou. O pai, desesperado, chama-a: “Oh! de louca!” E o nome ficou.

Não andaremos mais de 10 km até Silves, a magnífica Xelb, onde califas, príncipes e poetas viviam no “Palácio das Varandas”, debruçado sobre o Rio Arade. O seu belo castelo de grés domina a paisagem.

Bastam alguns passos até à porta do Museu Municipal de Arqueologia, construído em torno de uma cisterna do século XII, de vários andares. Uma visita à Igreja da Misericórdia, com porta de estilo manuelino, ou à antiga Sé, torna-se também indispensável.



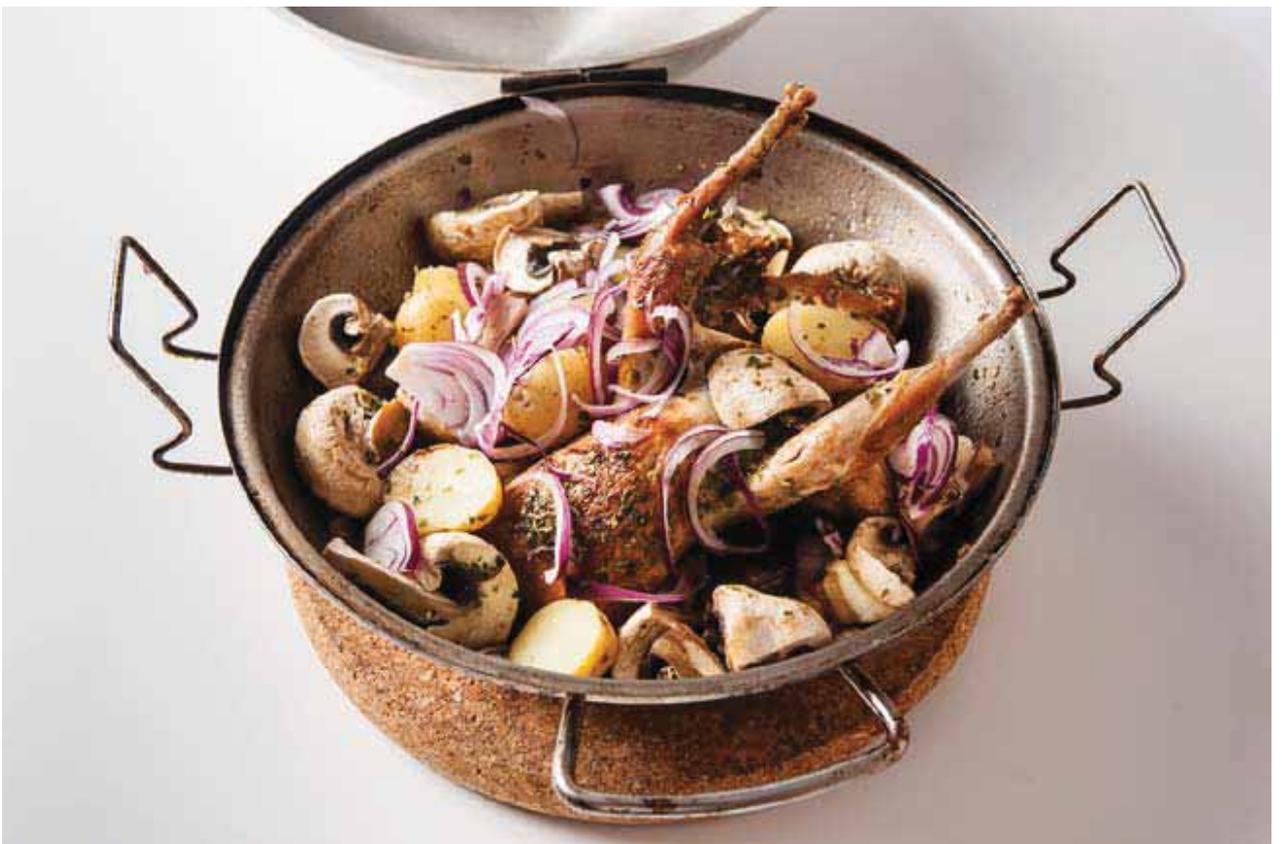
Carapaus alimados (RTA)

Toma-se a seguir a via a nascente da cidade, na direção de Enxerim, para a Cruz de Portugal, um cruzeiro quinhentista de 3 metros de altura e ricamente esculpido.

Ao sossego de estar entre colinas suaves e pedras com história, junte-se o exotismo da Quinta Pedagógica, a cerca de 6 km de distância de Silves. A Quinta Pedagógica está instalada numa velha escola primária recuperada. Tímidos, os veados e os gamos dividem o espaço com faisões, gamos e águias que ali se recuperam, quando feridos ou doentes, para depois retornarem à liberdade.

A gastronomia de Silves recorre a sabores antigos e olorosos, como a sopa de batata à antiga, com hortelã e pão caseiro. Pelo Rio Arade vinham os carapaus que se “alimavam” em salmoura, e da serra a caça. O bolo real, o doce de ovos ou as meias luas, são os doces tradicionais. Na fruta, nada melhor que a laranja algarvia.

A Lenda das Amendoeiras é uma das mais antigas e em Silves foi aplicada aos amores da nórdica Romaiquia e a Al-Mu’tamid, poeta e príncipe da cidade, filho do califa de Sevilha. Conta a lenda que a bela princesa morria de saudades por não



Cataplana de perdiz (TV)

ver a neve, como na sua terra. Para lhe agradecer, o príncipe do sul que a raptara, mandou plantar em todos os campos amendoeiras para as flores alvas se confundirem com os flocos tenros. Curou-se a princesa das saudades e assim viveram felizes.

Embalados pelas lendas, sairemos da cidade atravessando o Arade e seguiremos a estrada que liga a Lagoa passando pela Venda Nova, envolta em laranjais.

E não serão mais de 6 km até Lagoa, a que os árabes chamavam Abenabece. Ao sol amadurecem as castas de uvas de excelente qualidade. Distanto a cidade cerca de 5 km da costa, vive-se aqui um ambiente calmo com invernos amenos desafiando a passeios equestres ou pedonais.

O seu monumento mais importante é o Convento de São José, agora usado como centro cultural, com uma galeria de exposições. Construído no século XVIII, possui uma torre com miradouro e um arco sobre a rua. Na entrada existe uma



Amendoeiras em flor (RTA)



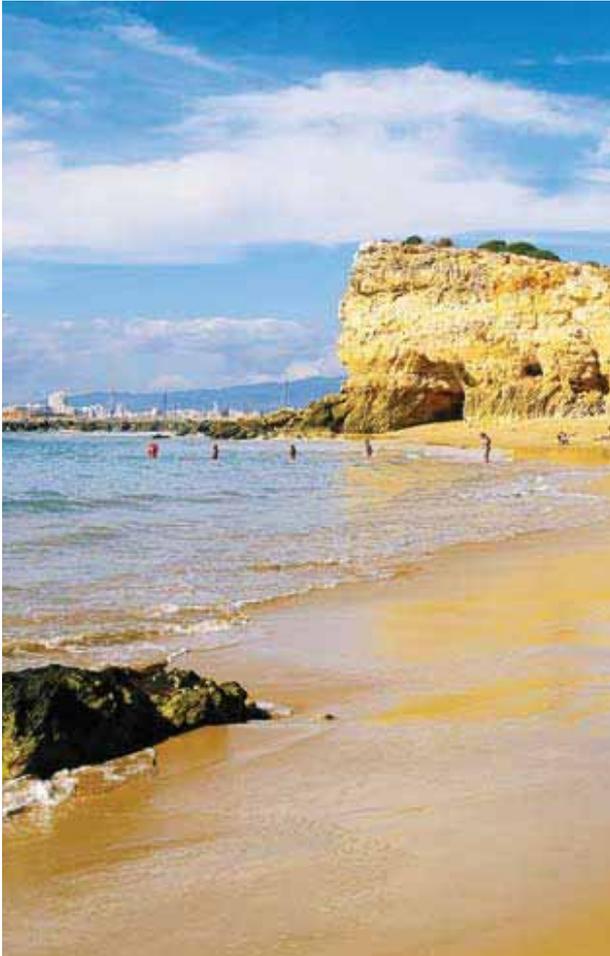
Olaria (PR)

Roda dos Expostos onde outrora se depunham, sob anonimato, crianças abandonadas. Nos jardins pontifica um menir, datado de 5 000 a.C. e deslocado da zona de Porches.

O artesanato ainda está presente no quotidiano de Lagoa, em especial a olaria, colorida com belos tons de azul e decorações campestres e marinhas. As delicadas miniaturas de barcos de pesca e carroças são ex-libris da arte popular.

Andaremos cerca de 2 km até Estômbar, uma pequena aldeia cuja igreja nos fascina ao primeiro olhar, por causa dos azulejos setecentistas e de duas colunas, únicas em todo o país, que são totalmente recobertas de ornamentações, reproduzindo plantas exóticas e figuras que dão ao conjunto um toque oriental.

É bom ceder ao apelo da água do Sítio das Fontes, situado a cerca de 1 km, na margem esquerda do Rio Arade, um parque de lazer, ou mais propriamente um ecomuseu com oliveiras centenárias, lírios selvagens, orquídeas bravas, cardos e choupos, em orgia de cores de uma natureza caprichosa.



Praia do Pintadinho (HR)

Estamos já de novo junto ao mar, andados 4 km até ao Carvoeiro, de cuja praia os coloridos barcos dos pescadores partem para a pesca.

Perto (800 m) ficam as insólitas rochas esculpidas pelo vento e pelo mar do Algar Seco, as suas formas fantasiosas formando a romântica “Varanda dos Namorados”. O local é fascinante, com 18 grutas visitáveis de barco, e acessíveis por secretos itinerários ao longo da falésia.

Após contemplar a beleza da Praia do Pintadinho, nas falésias sobranceiras, será necessário retroceder e passar por Mato Serrão e tomar a direção de Ferragudo. A aldeia de pescadores deve o nome a um “ferro agudo”, usado para puxar do mar as redes prenhes de sardinha.

A Igreja de Nossa Senhora da Conceição dependurada sobre o porto, no cimo de uma curiosa escadaria, tem uma interessante coleção de ex-votos, de homens do mar, em reconhecimento de salvamentos milagrosos.

Para guardar a foz do Rio Arade, construiu-se em Ferragudo o Forte de São João do Arade. Hoje, o forte e a aldeia são um refúgio privilegiado de lazer, do seu cais partem barcos de passeio para a subida do rio, passando pela Ilhota onde está erigida a ermida do Rosário, por entre um panorama de fragedos, montes e grutas das margens do rio.

De regresso a Portimão, é tempo de provar a gastronomia local, nos inúmeros restaurantes que a oferecem. A proximidade do mar elege a sardinha assada e as amêijoas como principais expoentes petisqueiros. A doçaria assinala a importância dos frutos secos e é elemento primordial do património gastronómico.

Portimão ferve de vida e a única dificuldade será escolher onde jantar e onde terminar alegremente o dia ou mais propriamente a noite. O casino, na Praia da Rocha, com os seus espetáculos, surge como uma boa opção.



Forte de São João do Arade (St)

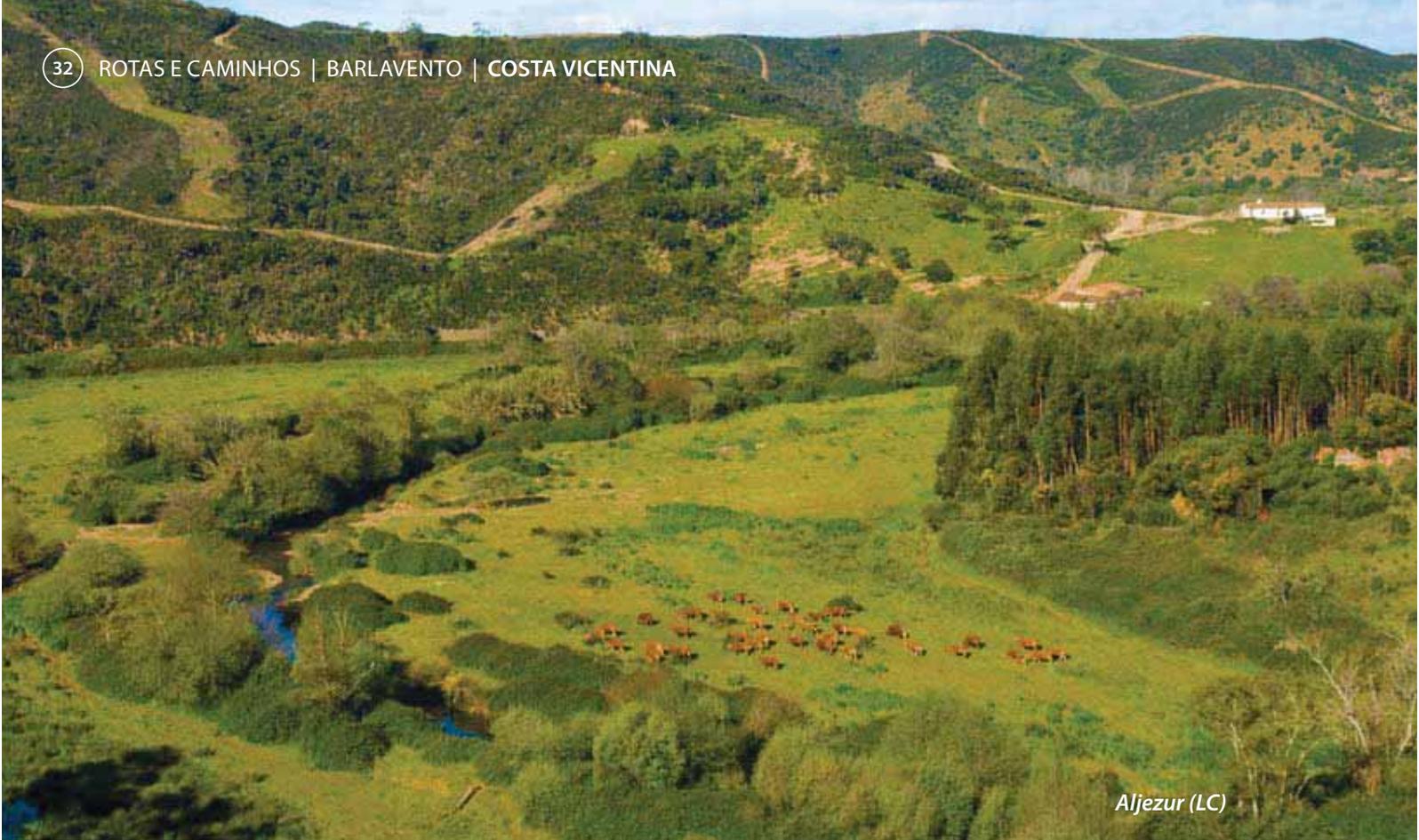




rota da costa vicentina

De Odeceixe a Vila do Bispo, de branco se veste a vista do passeante: ao longe, tiras de espuma, como inocentes farrapos, engolem a areia fina na paisagem de praia a perder de vista.

O outro branco das casas persegue-nos nas deambulações rumo ao sul: o casario de cal em Odeceixe, essoutro de Aljezur, pedaços de história que desvirginam sem estupro a rasteira paisagem vicentina. Lá em baixo, por toda a costa, veios serpenteantes de águas claras sulcam a paisagem antes de se perderem na imensidão atlântica. Ao lado, parados nas margens e no tempo, sonhadores de boné e camisa aos quadrados tentam a sorte, que esparsamente lhes há de chegar das águas cálidas. Encontrá-los-emos iguais na diversidade, no mesmo passeio mas mais para sul, cana apontada ao céu e às américas, corajosos equilibristas na ponta de uma rocha, à espreita da luta na beira do precipício. Para cá da falésia em que se empoleira o aconchego da cegonha, campos pontuados de flores singulares, amarelas, rubras e roxas, dão boas-vindas às aves migradoras, fingem-se obstáculos no serpentejar inconsciente dos répteis. Deliciam-nos o olhar, tingem-nos os sentidos, subitamente esquecidos da cidade dos magotes.



Aljezur (LC)

rota da costa vicentina

PERCURSO

Lagos > Rogil > Odeceixe > Alfambras > Monte Ruivo > Bordeira > Carrapateira > Vila do Bispo > Lagos

LEGENDA



Barragem



Miradouro



Museu



Farol



Moinho



Praia



Marina



Monumento



Reserva Natural



Autoestrada



Estrada Municipal



Ponto de Partida



Estrada Nacional



Rota



Zona Protegida



Estrada Nacional 125



Sentido da Rota



ODECEIXE

Samouqueira
Maria Vinagre

Esteveira
Rogil

Carriagem

Amoreira

Monte Clérigo

Vale da Telha

Arrifana

Vales

Arrifana

Picão

Canal

Barranco da Vaca

Alfambras

Vale Figueiras

Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina

EN268

Monte Ruivo

Espinhaço de Cão

Serra de Espinhaço de Cão

Barragem da Bravura

BORDEIRA

Carrapateira

Bensafrim

MEXILHOEIRA GRANDE

ODIÁXERE

Murração

Pedralva

Barão de São João

Barriga

Pero Queimado

Barão de São Miguel

Palmares

Cordoama

VILA DO BISPO

Senhora de Guadalupe

Budens

LAGOS

Meia Praia
Batata
D. Ana
Camilo
Balança

Castejo

Alto de Parizes

Hortas do Tabual

Figueira

Salema

Luz

Porto de Mós

Canavial

Ponta da Piedade

Ponta Ruiva

Telheiro

SAGRÉS

Ingrina

Zavial

Furnas

Salema

Porto de Mós

Canavial

Ponta da Piedade

Cabo de São Vicente

Beliche

Tonel

Ingrina

Zavial

Furnas

Salema

Porto de Mós

Canavial

Ponta da Piedade

Mareta

Ponta de Sagres

Ingrina

Zavial

Furnas

Salema

Porto de Mós

Canavial

Ponta da Piedade

Martinhal

Ingrina

Zavial

Furnas

Salema

Porto de Mós

Canavial

Ponta da Piedade

Rebolinhos

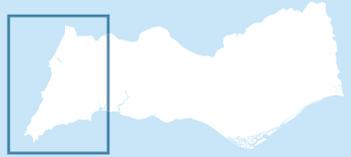
Salema

Salema

Porto de Mós

Canavial

Ponta da Piedade



A Aljezur chega-se, para quem se encontra na costa sul, pela estrada EN 120, sendo Lagos a última grande cidade do litoral, antes de nos embrenharmos no território do Parque Natural da Costa Vicentina e do Sudoeste Alentejano. A estrada serve de fronteira ao Parque, que se estende até ao litoral.

Em tradução liberal, Aljezur significa, em árabe, a ribeira das pontes – seriam necessárias, quando a ribeira era navegável. O assoreamento levou ao estagnar das águas, tornando difícil a vida das populações.

Preocupado com a sua saúde, o Bispo D. Francisco Gomes, no século XIX, quis transferir a aldeia para a colina em frente, e mandou erguer por isso, a igreja na vila nova.

Ou porque a insalubridade se resolveu, ou por resistências que nestes casos sempre existem, Aljezur ficou dividida em duas. A vila velha descamba em presépio até à ribeira, as casas alinhadas em socalco, desde o castelo de forma



Aljezur (PR)



Casa Museu Pintor José Cercas (St)

octogonal, conquistado aos árabes em 1246 por D. Paio Peres Correia.

Atribui-se aos árabes a construção do castelo de Aljezur, que, no cume mais alto se limitaram a erguer uma abóbada de xisto e duas torres, uma redonda e outra quadrada, para defesa perfeita do lugar. Conta a lenda que os árabes foram surpreendidos a banhos na magnífica praia da Amoreira, a cerca de 6 km de Aljezur, e aí dizimados até que a água ficasse vermelha. O tempo apagou o horror facínora, mas manteve as belezas naturais.

Acede-se ao castelo pelas ruas íngremes da vila velha e o panorama que se vislumbra vale por si só. Lá em baixo, fica a várzea fértil e cultivada. Depois, o Cerro das Mós e por fim os contrafortes da Serra de Espinhaço de Cão.

Quando descer, impõe-se um olhar atento à Casa Museu Pintor José Cercas, que permite conhecer a vida de um filho ilustre de Aljezur e da sua época. A dois passos, fica o Museu Municipal, com um núcleo Arqueológico e outro Etnográfico, e também uma Galeria. O Museu Antoniano está instalado numa antiga capela,



Igreja Matriz de Aljezur (St)

construída no século XVII.

Tome nota, para quando a fome apertar, que a gastronomia local permite saborear as papas mouras: o clássico xarém algarvio, confeccionado com farinha de milho mas com um tempero especial, cheirando a cominhos. Incontornável, é o naco de vitela tenro e alto, os sargos suculentos. A seu tempo, que chega no virar do outono, a batata-doce entra para os cozidos, transforma-se em pastéis que aqui se fazem como em nenhum outro lugar.

Atravessada a ponte para a vila nova, ao virar a curva, fica a Igreja Matriz, onde ressaltam a imagem da padroeira, Nossa Senhora de Alva, um cálice gótico e um cofre eucarístico.

Deixemos então o casario, em busca das praias escondidas por entre as falésias, não sem antes referir um trilho pedonal: o percurso entre o morro do castelo e a Praia da Amoreira, pelas margens da ribeira. Se o tempo sobrar, já que são cerca de 6 km, deite pés ao caminho, para não perder uma pequena maravilha.

Pela saída norte (EN 120), a 7 km, façamos a primeira incursão ao litoral para espreitar a Praia da Carriagem.

Terá o privilégio de observar o voo de inúmeras aves marinhas. Águias, açores e gaviões, vigiam do alto, usando os ventos para planar.

Teremos de usar o mesmo estradão para regressar ao asfalto, embora quem seja mais destemido e tenha carro apropriado, possa seguir o atalho à esquerda, sensivelmente a 3 km da costa. Neste trilho, nos campos alternam a batata-doce e o amendoim.

Muito em breve chegamos ao Rogil onde é imprescindível a visita ao moinho da Arregata.

Quanto à gastronomia, nada melhor que os pastéis de batata-doce, ou a dita simplesmente assada. Ou talvez uma sandes de moreia frita, se o mar a deu e a maré esteve de feição. Sabores simples, fortes e únicos.

Uma espreitadela à lojinha junto à estrada vai revelar-se compensadora, especialmente para quem gosta de artesanato.



Batata-doce (TV)

Aqui se fabricam as características chaminés do Algarve. Profusamente decoradas, em rendilhados caprichosos, há-as de todos os tamanhos, tanto para encimar os telhados, como para decoração.

Um outro desvio conduz-nos à pequena localidade de Esteveira e daí, sempre em estradão não asfaltado, ao miradouro da Samoqueira.

O acesso não é dos mais fáceis, mas é definitivamente compensador. Aí está o paraíso deserto, o sonho de todos os viajantes. Um pequeno ribeiro formou na foz uma concha de areia. Na baixa-mar, por entre as poças de água cálida vagueiam camarões minúsculos e transparentes.

Retornando à EN 120, passemos por Maria Vinagre, onde os búzios encontrados nas paradisíacas praias em redor são matéria-prima para trabalhos artesanais. E nos restaurantes da zona, comem-se mariscos acabados de capturar.

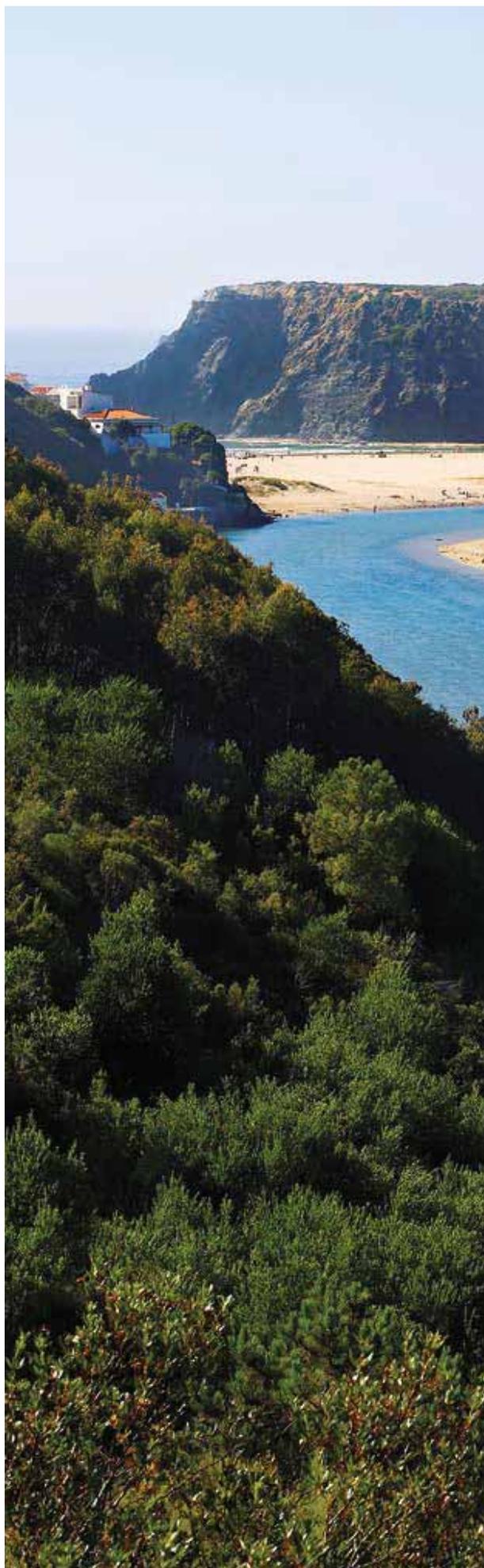
O percurso até Odeceixe é ladeado de frondosas árvores. A vila está situada num vale estreito, e é clara a simbiose campo/praias. Pinheiros e eucaliptos erguem-se majestosos. Lá no alto, está um moinho reconstruído com uma bela vista sobre a aldeia. No interior, uma mostra de utensílios segue todo o ciclo da moagem.

No artesanato, os trabalhos em couro são muito apreciados. Daqui até à foz da ribeira de Odeceixe, distam 4 km. Em cada uma das margens há uma praia diferente. No lado sul está instalado um miradouro.

A paisagem surpreende-nos pela sua constante mutação. Vira a maré e além surge um pequeno banco de areia. Enche a ribeira e acolá desaparece o canal existente. Como num passe de magia, vemos ora uma praia, ora um rio impetuoso, ora um manso riacho.

Tudo por culpa do encontro entre o mar e as águas doces da ribeira. Do outro lado do cerro fica o Alentejo, que os rios sempre se fizeram fronteiras, pondo-lhes os homens pontes em cima, para que as margens sirvam para unir e não para separar.

Fiquemos no Algarve, com regresso aprazado (EN 120) a Aljezur, que desta vez iremos atravessar, e andado 1 km, seguir o desvio de Vale da Telha.



Foz de Odeceixe (HR)



Praia da Arrifana (HR)

dá acesso ao porto, equilibram-se as casas dos pescadores. Eles sabem que nas “pedras” existem os melhores pesqueiros da costa vicentina, que podem ser degustados nos pequenos restaurantes locais.

Na Pedra da Agulha, um rochedo cónico que se ergue frente à praia, os pescadores de percebeves, ao rochedo, esperando no fio da navalha que o vaivém bravio das ondas lhe permita ter acesso aos bancos de marisco, situados abaixo da linha de água. Sobem, depois, com o saco às costas, encharcados até aos ossos, para colher este arisco fruto do mar, cujo sabor não tem melhor descrição do que a simples frase: sabe a mar.

Um curto percurso de 3 km leva-nos até Vales e a seguir continua-se em direção ao Sul, pela EN 120 passando pelas Alfambras. É em Espinhaço de Cão - nome da aldeia e da serra que a rodeia - que se envereda pelo desvio para oeste, numa estrada envolta em luxuriante vegetação, com recantos onde o tempo parece ter parado, até se alcançar Monte Ruivo.

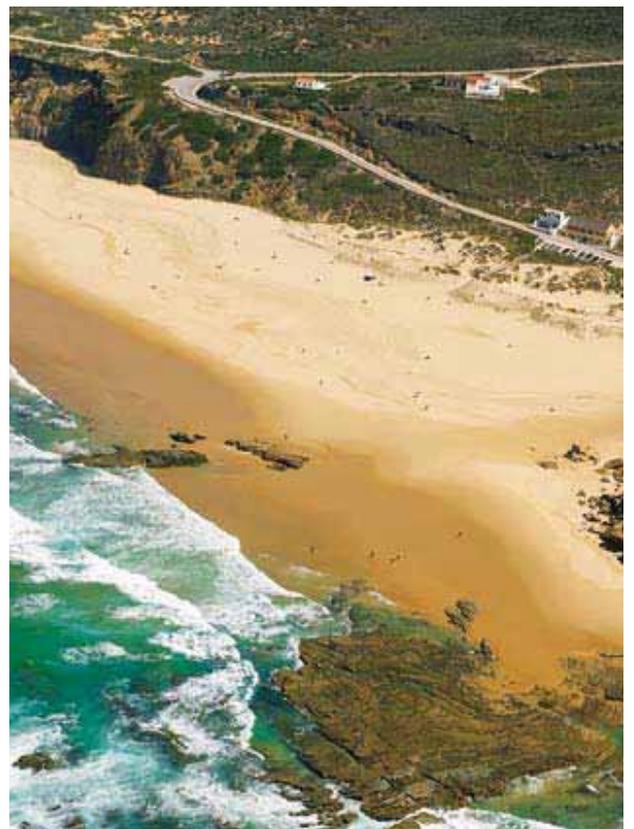
A natureza caprichou em aromas e cores e entende-se a verdadeira razão de nos encontrarmos num Parque Natural. O ar cheira a

Junto à costa, a direção norte leva-nos à Praia de Monte Clérigo. O mar cavou grutas de formas excêntricas, deixou rochas espalhadas na areia, as ondas fazem as delícias dos que praticam desportos radicais.

Tornaremos ao cruzamento, não sem antes deambular pelo pico das falésias, uma fabulosa vista panorâmica. Por vezes, o voo das aves compete com as asas dos ultraleves e a copa dos parapentes.

Apontando desta vez a sul, até à Praia da Arrifana, deparam-se-nos rochas imponentes que abrigam o pequeno porto de pesca artesanal.

É uma zona da costa particularmente acidentada, entre a Pedra da Carraça e a da Atalaia, mas por isso mesmo de grande beleza. Ali, o mar zangou-se e quis levar consigo bocados de rocha escura. Um combate interminável, com as ondas a rebentarem em fúria, nos dias de maré viva, ou em poderosas e calmas vagas. Na rampa que



Praia do Monte Clérigo (HR)



Natureza (LC)

rosmaninho e a alecrim. Nas curvas da serra cresce o sobreiro, o pinheiro e o medronheiro, selvagem e espontâneo, de cujas bagas se faz a tão afamada aguardente de medronho.

Os eucaliptos balançam empurrados pela brisa. Um rebanho pachorrento de vacas castanho-dourado olha-nos com curiosidade, descoberto o seu esconderijo num pequeno e estreito vale, que o trilho torneou.

O verde da esteva está salpicado de flores silvestres vermelhas, amarelas e lilases.

É o sítio onde se esconde o javali, ou o gato bravo. As codornizes atravessam a estrada em voo rasante. Não é difícil ver pequenas lebres a saltitar e por vezes os populares comentam a passagem da raposa.

Na interseção com a EN 268, volta-se de novo para sul. Andados 5 km, entramos na Bordeira e são poucos os metros que nos separam da Igreja Paroquial. Alvo e simples, o templo é anterior ao terramoto de 1755.

Lá dentro uma só nave, sustentada pelo arco triunfal. De estilo neoclássico, os altares são em



Vegetação (LC)



Igreja de Bordeira (St)

talha dourada. Ao seu lado está o cemitério com um belo portal de estilo manuelino.

As casas da Bordeira obedecem ao estilo berbere, com telhado de uma só água. Protegem-se de ventos e intempéries seguindo os declives do monte.

A próxima paragem é na Carrapateira. A aldeia tem existência secular e quase se esconde por entre as dunas, mirando a ribeira que lhe corre próximo.

Conta a história que os corsários, marroquinos e outros, obrigaram à construção do forte em 1673 por D. Nuno da Cunha de Ataíde, Conde de Pontevel e Governador do Reino. O forte envolveu o templo, de construção anterior, como atestam os retábulos de Santo António e São Pedro (século XVI).

Diz a lenda que muitos dos naufrágios de corsários eram provocados pela sinalização incorreta das falésias. Os habitantes, ao ver o inimigo, acendiam fogueiras que os conduziam à costa escarpada, donde não conseguiam escapar.

As dunas em volta mudam conforme o capricho



Bordeira (HR)



Praia do Amado (HR)

do vento e das marés. A esta vagabundagem, opõem-se frágeis e modestas plantas selvagens, sentinelas contra os desvarios do oceano. Há répteis e cágados a espreitar do cimo de pedras coloridas. E nas margens da ribeira, as lontras chapinham descuidadas.

Chegados ao cume do cerro mais próximo, há que espriar a vista, sobre o azul escuro do oceano ao longe, os verdes vegetais mais perto, entrecortados pelo branco de cal das casas, participação dos homens nesta paisagem ímpar.

Entre a Praia da Bordeira e a Praia do Amado, a estrada junto ao mar permite divisar o perfil de altas arribas a mergulhar na espuma alterosa das ondas. As areias estendem-se terra adentro em dunas extensas, ou são ninhos bordejados por rochas. A Praia do Bordeira, o Pontal e o Palheirão seguem a correnteza caprichosa das penedias em despique com o mar.

Aqui se despede o sol da terra, rumo à vastidão do Atlântico, e fica o mar a bater nas falésias agrestes, onde o único som é o marulhar das ondas e o adejar das gaivotas. Sente-se a forte brisa marítima e o sol pinta uma paleta de cores no mar revolto.

Continuando para sul, na EN 268, a próxima paragem é Vila do Bispo, de seu primeiro nome Santa Maria do Cabo. Na Igreja Matriz encontra-se um belo conjunto de azulejos do século XVIII e o Centro Cultural exhibe frequentemente exposições.

Terra farta, Vila do Bispo foi o celeiro do Algarve, passado atestado por inúmeros moinhos.

A mariscagem e a pesca surgiam como complemento, relativamente aos trabalhos agrícolas. Afinal, no mar bravio surgiam estranhos monstros, a que hoje chamamos baleias. Os cetáceos durante séculos fizeram uma rota migratória na Costa Vicentina. Temerosos, os habitantes apenas lhes aproveitavam os esqueletos, despojos que o mar expelia, para com as costelas erigir cabanas e das vértebras fazer bancos.

Para voltar a rever a amplitude do oceano, de que nunca nos cansamos, propõe-se o desvio para a Praia do Castelejo, gémea da Praia da Cordoama. Na Ponta da Águia, os marisqueiros

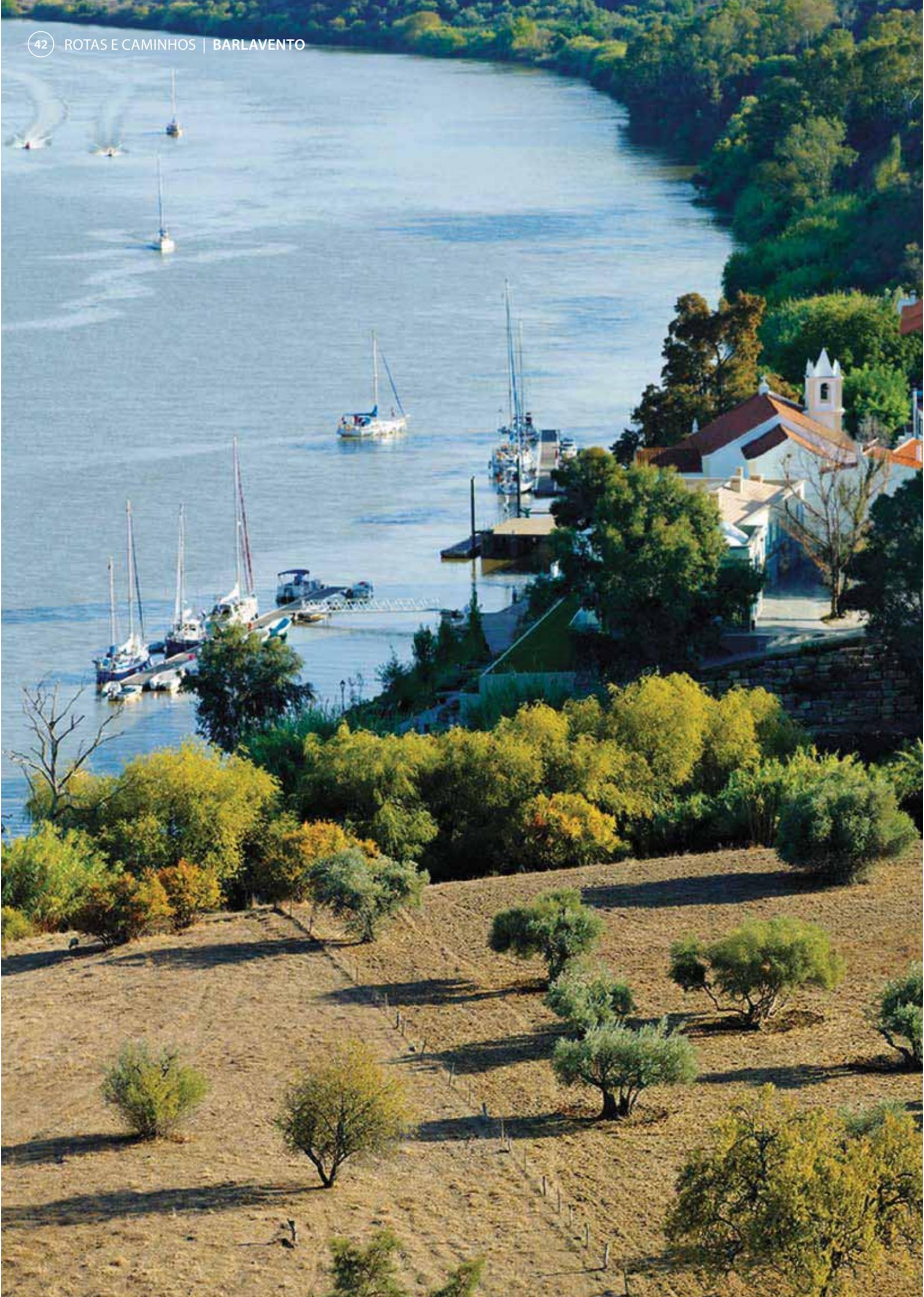


Igreja Matriz de Vila do Bispo (St)

de Vila do Bispo, colocam-se nas pequenas prateleiras que a rocha forma, para daí lançarem a linha. Temerários, enfrentam o azul infinito que se estende a seus pés, com a face e as mãos curtidas de sal, aceitando o desafio de arrancar o peixe, mariscos e moluscos às águas revoltas, por vezes em risco de vida.

No regresso a Vila do Bispo, estacione o carro e vá a pé até à Torre d'Aspa, um dos pontos mais altos junto à costa. A seus pés, o mar imenso, salgado das lágrimas de Portugal, como escreveu

Fernando Pessoa, invocando os Descobrimentos, saga que levou marinheiros lusos a todas as partidas do Mundo, em busca de outras terras e outras gentes. Ainda hoje, a terra que os viu nascer e o mar por onde se aventuraram, conservam a beleza primitiva, um invejável património natural, ainda intocado. Serão poucos e fáceis os quilómetros de volta, pela EN 125, à bela e cosmopolita *Zawaia*, como lhe chamaram os árabes, a quem os romanos batizaram de *Lacóbriga* e os lusitanos, Lagos.





caminhos além do barlavento

Por um par de dias esqueçamos a costa agreste batida pelas águas espumosas. Deambulemos pelos algarves ternos da ave rodopiante e intercetora, da água que afoga conchas num bilião de grãos ao longo da costa suave.

Emaranhemo-nos pelas canas de infinitas surpresas, atulhemo-nos nos sapais da garça e do perna-longa, da cegonha e de todos os outros precavidos peraltas imigrantes. Com os pés nus na areia fina e mole aqueçamo-los e ao espírito na água ronqueira e pacificada, bebamos ali um pouco de Mediterrâneo sempre com os olhos no oceano infindo.

Mais longe, num suave prolongamento alentejano, perscrutemos Espanha nas orlas dançantes do grande rio peninsular que por ali morre. Ouçamos palmas andaluzas trazidas pelo vento, miragens de saias afolhadas e portes altivos sobre garupas.

Mas não percamos nunca os dali: abraçados para sempre pelo terno Caldeirão, assentam a vida na terra de alfarrobas e amêndoas, só para eles longe dos mares. Nos umbrais de cal, sob sombras de muros virgens e chaminés de renda, entrelaçam vime e moldam o que mais lhes sobra. Visitemos seculares cidades que se deixaram a mouriscar e depois embranqueceram. As mil igrejas de Tavira, os mil jardins de Loulé, os mil restaurantes com cheiros a mar nas bordas de Olhão. Encantemo-nos com o Algarve de Sotavento. Percamo-nos de nós encontrando-nos com o que de mais indomável e mourisco nos ficou.



caminhos além do barlavento

PERCURSO

Silves > São Bartolomeu de Messines > Alte > Salir > Querença > Barranco do Velho > Montes Novos > Cachopo > Martim Longo > Pereiro > Alcoutim > Guerreiros do Rio > Almada de Ouro > Azinhal > Castro Marim > Vila Real de Santo António > Cacula Velha > Cabanas de Tavira > Tavira > Moncarapacho > Santa Bárbara de Nexe > Boliqueime > Paderne > Silves



LEGENDA

	Barragem		Cais Ferryboat		Miradouro		Praia
	Espaço Natural de Recreio e Lazer		Farol		Monumento		Reserva Natural
	Cais de Embarque		Marina		Museu		

	Autoestrada		Estrada Nacional 125		Rota		Ponto de Partida
	Estrada Nacional		Estrada Municipal		Sentido da Rota		Zona Protegida

Os Caminhos Além do Barlavento são um longo passeio que irá permitir aos que, na sua visita algarvia, ficaram nas terras mais a oeste do Algarve, conhecer e descobrir outras cidades múltiplas e variadas paisagens do leste do Algarve.

Todavia, os algarvios não usam a habitual designação dos pontos cardeais para fazer esta distinção e têm termos próprios que a princípio parecem estranhos: à zona mais a oeste da região chamam Barlavento, enquanto o Sotavento designa o leste.

Estes termos têm um sabor a maresia e com facilidade imaginamos marinheiros procurando identificar para que lado sopra o vento, observando a correria das nuvens e o sentido das ondas.

Os termos Barlavento e Sotavento entranharam-se na linguagem quotidiana, nesta região que tem uma cultura de síntese entre a serra e o mar.

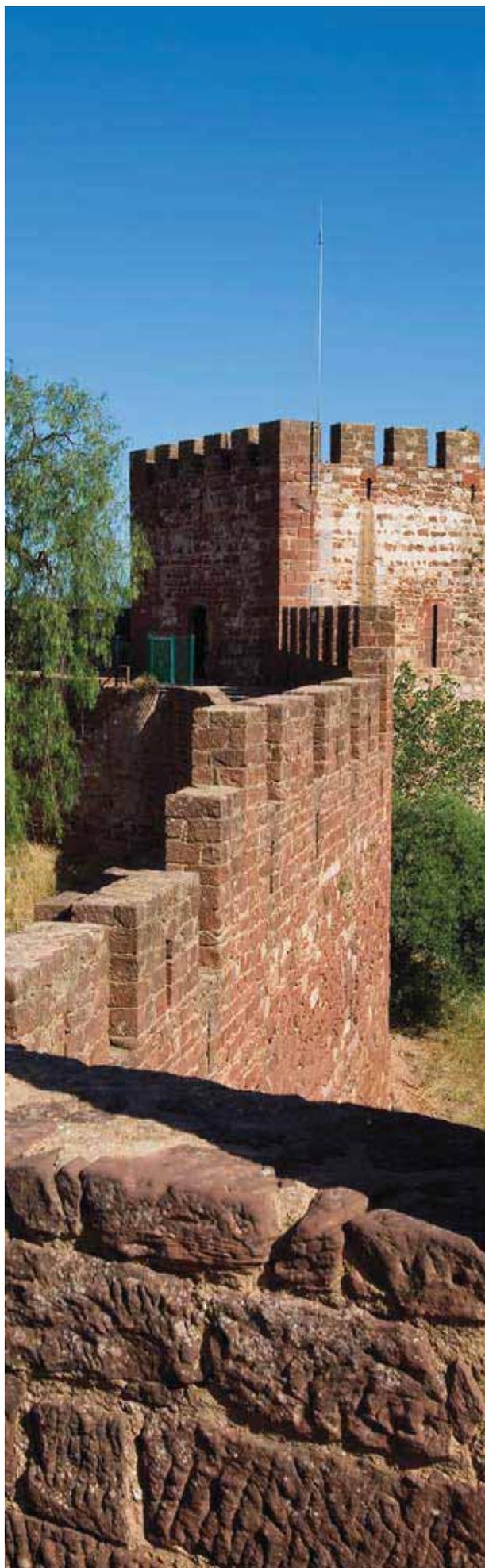
Uma outra razão para estes caminhos além do Barlavento é não descreverem os mapas o cheiro acre das estevas, a sensualidade suave das faldas da Serra do Caldeirão, o som cantante do sotaque de Vila Real de Santo António. Para os sentir, é preciso lá ir e descobrir outros rostos do Algarve.

Esta rota parte de Silves, a esplendorosa capital que durante o domínio islâmico albergou poetas e homens de ciência. Em 1063, Al Mutamid, evocava assim a cidade:

*"...Saúda o Palácio das Varandas da parte de um donzel
Que sente perpétua saudade do seu Alcácer.
Ali moravam guerreiros como leões e brancas gazelas
E em que belas selvas e em que belos covis!..."*

Ainda que com outra perspetiva, um cruzado que fez a crónica da conquista da cidade pelos cristãos em 1189, mostrava-se igualmente maravilhado:

"Silves... erguia-se em anfiteatro, no seu esplendor de cidade asiática, com as fachadas árabes dos palácios a rebrilhar ao sol quase tropical, com os seus eirados e minaretes, as ruas peçadas de bazares, e, em baixo e ao redor, os pomares viçosos de amendoeiras, laranjeiras e figueiras, e no cimo,



Castelo de Silves (St)

recortando-se no fundo azulado da serra, o Alcácer de pedra ruiva, assente em terreno escarpado e encimado pelo torreão grande..."

Passados oitocentos anos, e embora sem os fulgores de ontem, Silves mantém um halo mágico e conserva intacto o Alcácer (castelo) do qual Al Mutamid tinha saudades e que o cruzado tanto admirava.

Iremos pela EN 124, para São Bartolomeu de Messines que fica a cerca de 25 km. A vila está aninhada junto da montanha do Penedo Grande, na Serra do Caldeirão e ali nasceu o poeta e pedagogo João de Deus. É quase obrigatória uma visita à sua Casa-Museu. No exterior, deleite-se o olhar perante a arquitetura popular nas vielas a que se acede passando pelo Arco do Remexido.

Bem curiosa é a história da Ermida de São Sebastião, erigida para proteção de pestes e maleitas ainda no século XVI. E para se apreciar um soberbo panorama sobre a vila, há que subir até a Ermida de Nossa Senhora da Saúde, templo do século XVIII.

Para os gulosos, é tempo de provar os famosos folhados de Messines ou o mel com sabor a laranjeira, rosmaninho e alecrim.

Nos arredores da vila mergulha-se na tranquilidade da serra. Os cerros redondos a norte são cobertos de sobreiros, medronheiros e azinheiras. A sul fica a zona do Barrocal, de terra vermelha e fértil, dos laranjais e dos pomares de figueiras, amendoeiras ou alfarrobeiras. Belezas naturais que convidam a passeios a pé, a cavalo ou bicicleta passando pelos espelhos de água refrescantes das barragens do Funcho e do Arade.

Ali chegados ainda se pode alugar uma canoa.

Uma curiosidade: Foi no lugar de Benaciate, a escassos quilómetros de Messines, que se encontraram umas das mais importantes estelas com registos da escrita do sudoeste peninsular, até hoje indecifrada.

O próximo ponto de paragem é Alte, cerca de 15 km para leste sempre na EN 124. Já estamos em plena Serra do Caldeirão, e este é um Algarve diferente. São as ondas do mar substituídas por



Figueira (HR)



Laranjeira (RTA)

ondas de terra, cerros entrecortados por vales até ao longínquo anfiteatro, azulado pela neblina, dos cabeços mais altos da serra.

São variados os verdes, é diferente a brisa ao transportar o pólen dos cardos, o cheiro do rosmaninho. Haverá mil murmúrios, do abelharuco, que escava o seu ninho nos taludes dos terrenos, do pica-pau-malhado e dos chapins. Julga-se que existam nestes matos da serra mais de 390 espécies de plantas, muitas delas medicinais ou aromáticas. E que belas são as rosas-albardeiras, que delicadas surgem as orquídeas selvagens, que bom é o cheiro do alecrim.

As ruas de Alte justificam um passeio a pé, para ver as chaminés, as platibandas, pormenores pitorescos da arquitetura tradicional. Tilintam em cascata leve as águas da Fonte Grande, sente-se toda a frescura do vale da Ribeira de Alte. Um desvio de 3,5 km no caminho para Santa Margarida leva-nos à oficina de artesanato da Torre onde se fazem brinquedos de madeira. E seria uma falta grave não provar os deliciosos doces e bolos, nomeadamente de amêndoa e mel, nas pastelarias locais.

Chegou a altura de partir, passando por Benafim e pela Rocha da Pena, uma crista calcária de 479 metros de altitude, um rasgão furioso nos outeiros suaves, indomável e belo. Após um troço de 15 km na mesma estrada, descobrimos Salir.

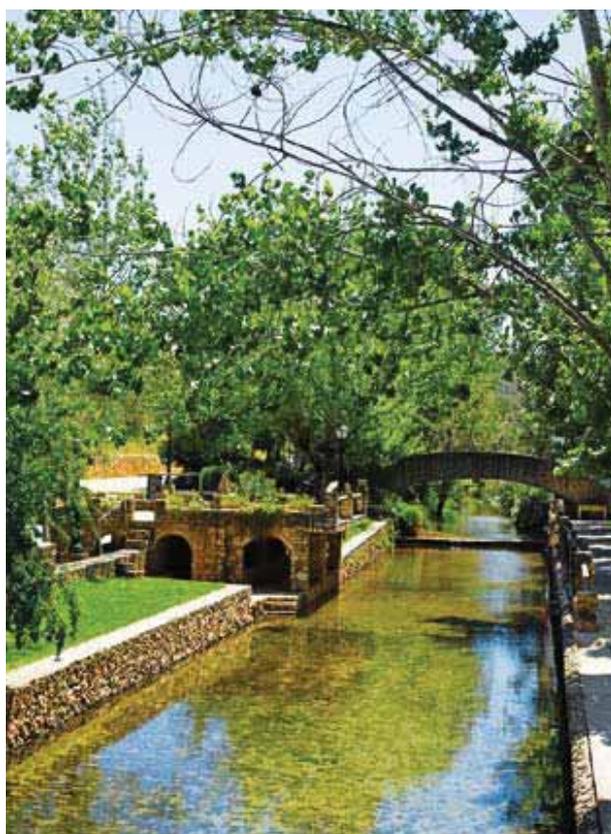
O escritor Raul Proença, dizia a propósito desta zona: *"É realmente um mar de montanhas o que vemos - mas um mar de montanhas todas iguais, equidistantes e redondas e tão macias que se diriam feitas de veludo. Há grandeza e ao mesmo tempo suavidade, qualquer coisa de caricioso e de brando nessa extensão enorme que nos arrebatava e nos subjuga"*.

Falta apenas uma nota sobre o Castelo de Salir, construído em terra habitada pelos celtas, que os árabes fizeram crescer no século XII a ponto de precisar de defesa.

Nesta altura inflete-se a viagem para a EN 525 e depois de ultrapassar Tôr e a sua bela ponte antiga, seguiremos pela EN 524 em direção a Querença, passando pelo sítio classificado da Fonte da Benémola. É uma área protegida, de



Alte (PR)



Fonte Grande (HR)



Mariola (HR)

grande riqueza natural. Há freixos, salgueiros, tamargueiras, canaviais, silvados e loendros. Nas encostas do vale que ladeiam a ribeira, crescem as alfarrobeiras, os tomilhos, alecrins e carrascos. Nas margens, as lontras partilham o espaço com os guarda-rios, os chapins, as garças e abelharucos.

No caminho para Querença (9 km), uma típica aldeia algarvia, empoleirada num cerro, existem diversos restaurantes onde a gastronomia é um património incontestado. Dificilmente se conhece a cultura de um povo se não se conhecer a sua gastronomia. Este é por isso um local ideal para umas aulas saborosas. A Festa das Chouriças, em janeiro, plena de colorido, ecoa o linguajar doce e cantante das gentes da serra. Na aldeia fabricam-se um dos mais apreciados enchidos da região e as bonecas de trapos, com os trajes tradicionais representando várias profissões. As chaminés e as platibandas ricamente trabalhadas dão à terra um cariz de tradição intocada.

Próximo da terra ficam as grutas da Salustreira e a Igrejinha dos Mouros, uma gruta em forma de templo. Continuando a navegar pelo mar de montanhas que é a Serra do Caldeirão, saindo de Querença toma-se a EN 396 para norte até ao Barranco do Velho, que foi o lugar de encruzilhada das estradas entre o litoral e o interior algarvio. A escassos 4 km ficam os Montes Novos, onde o medronho é melhor do que em nenhum outro lugar, como reivindicam os que fazem a destilação dos frutos.

Chega-se a Cachopo, 22 km depois e ainda na mesma estrada, que serpenteia por entre as estevas. A Fonte Férrea é um local muito bonito com grandes árvores, sombras e água, bom para brincar, namorar e dar largas à imaginação. O núcleo museológico local retrata os saberes tradicionais da serra e para se lá chegar, passa-se por entre casas em xisto ou caiadas, com eiras e chaminés rendilhadas. As tecedeiras da Lançadeira têm a sua oficina, bem no centro da aldeia. No desvio até à Mealha (9 km) vêm-se construções circulares, uma habitação primitiva com espessas paredes de xisto e telhado cónico, feito de colmo ou junco. Perto fica Anta da Masmorra, situada junto aos moinhos e a Anta das Pedras Altas, monumentos pré-históricos.

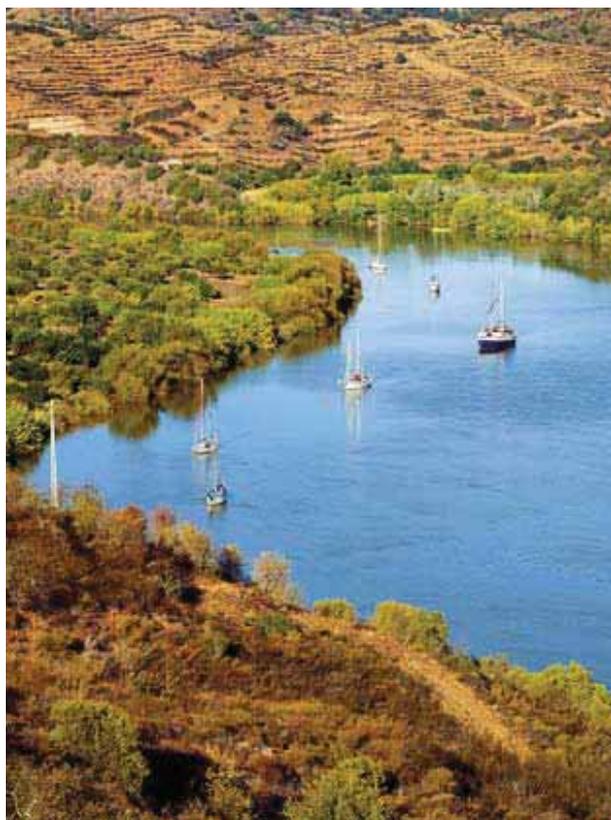


Chouriça Assada (HR)

Estaremos em Martim Longo 16 km mais adiante. O planalto onde a aldeia se desenvolveu é belo, porque agreste e extenso. Na oficina A Flor da Agulha mulheres inventam bonecos de juta que representam os habitantes da aldeia, o seu vestuário os hábitos e as profissões. Prove-se o doce mel de rosmaninho ou olorosos queijos de cabra.

Passaremos pelo Pereiro lembrando-nos que esta região do nordeste algarvio, de tão pouco povoadas terras, no século XIX era couito de gente endividada. Bastava-lhes assinar termo na câmara de Alcoutim e comprometerem-se a defender a fronteira, para não terem de cumprir as sortes militares.

Já vai longo o passeio por entre as terras áridas e por isso sabe bem chegar a Alcoutim e à beira do Rio Guadiana.



Rio Guadiana (HR)



Alcoutim (LC)

A vila margina o rio, encimada pelo castelo que remonta ao tempo do *Al Garb*. À sua frente, está San Lucar del Guadiana na outra margem e noutro país. São muitos os segredos que estas margens guardam dos tempos do contrabando. E antes dele ou simultaneamente, as guerras fronteiriças. Hoje os laços mais fortes são o de vidas há tanto tempo entrecruzadas que mais do que vizinhos, são família.

Repousa-se a vista nas águas do Guadiana, na amurada do castelo que faz as vezes de um excelente miradouro. Lá ao fundo, a praia fluvial apetece. A Lenda da Moura Encantada, um tema comum a todo o Algarve, conta em Alcoutim que *"a bela sarracena ficou sofrendo penas no castelo velho, guardando um grande tesouro"*. O feitiço para a desencantar e ficar com o tesouro, só funciona vencido um monstro, num combate travado à beira de duas azinheiras carcomidas pela idade, na noite de São João (próxima do solstício do verão) usando unicamente punhal ou espada. Até hoje, tal a força do imaginário, muitos candidatos tentaram, sem conseguir, por causa de fortes nevoeiros que escondem o local. Já se cortaram as árvores, mas estas, teimosamente, voltaram a rebentar. E ainda lá estão, albergando não se sabe que prodígio, guardião



Alcoutim (LC)

do tesouro e do encantamento da desditosa moura.

Não se resistirá à gastronomia do nordeste, temperada com ervas de cheiro. Experimente esta ementa: para entrada, um queijo de cabra ou uma chouriça, azeitonas e pão caseiro, seguido de uma açorda de galinha do campo ou uma caldeirada de lampreia e, para sobremesa, os doces típicos de amêndoa e figo. E agora sim, é tempo de continuar.

Toma-se a marginal, passando por Guerreiros do Rio, com o seu museu sobre as artes piscatórias, até à foz da Ribeira de Odeleite. Nas ruelas íngremes os cesteiros trabalham à porta. Tivéssemos mais tempo e seguiríamos o roteiro das azenhas e dos açudes da ribeira até à barragem, que muito ficaríamos a ganhar.

Assim, rumaremos a Almada de Ouro e depois ao Azinhal, percorrendo menos de 6 km. A renda de bilros do Azinhal, ou a cestaria de cana, falam-nos de obras feitas com vagares.

Na Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António, um dos sítios preferidos de aves migradoras, há também o voo de incrível beleza das cegonhas ou as nuvens rosadas dos flamingos. A reserva foi a primeira a ser criada em Portugal, em 1975, e engloba um território de esteiros e sapal, um habitat feito à medida de muitos bichos, da terra, do ar e da água. O sal, retirado por métodos tradicionais, faísca à luz do sol, branco inesperado por entre o verde dos campos e o azul do rio.

Eis-nos em Castro Marim, uma das vilas mais antigas do Algarve. O Forte de São Sebastião e o Castelo de Castro Marim, cada um em sua colina, eram defendidos por um conjunto de muralhas. Das suas amuradas vêm-se “terras de Espanha e areias de Portugal” tal qual o brado do gajeiro das caravelas, celebrado numa cantiga popular. Esqueceu-se o moço de falar na beleza dos esteiros e das salinas, com a alvura de Vila Real de Santo António e de Ayamonte a brilhar lá ao fundo, entre as águas do Guadiana e as do Atlântico.

Vila Real de Santo António repete a receita de Alcoutim e tem em frente a espanhola Ayamonte, com o Guadiana pelo meio.



Igreja Matriz de Vila Real de Santo António (St)

O coração do seu centro histórico é a antiga praça real - hoje Praça Marquês de Pombal - que exibe uma magnífica calçada à portuguesa com o piso radiado, branco e preto. Na costa, o farol, com mais de 40 metros de altura, proporciona uma ampla visão do todo o pinhal circundante, a foz do Rio Guadiana, o Atlântico e a vizinha Espanha.

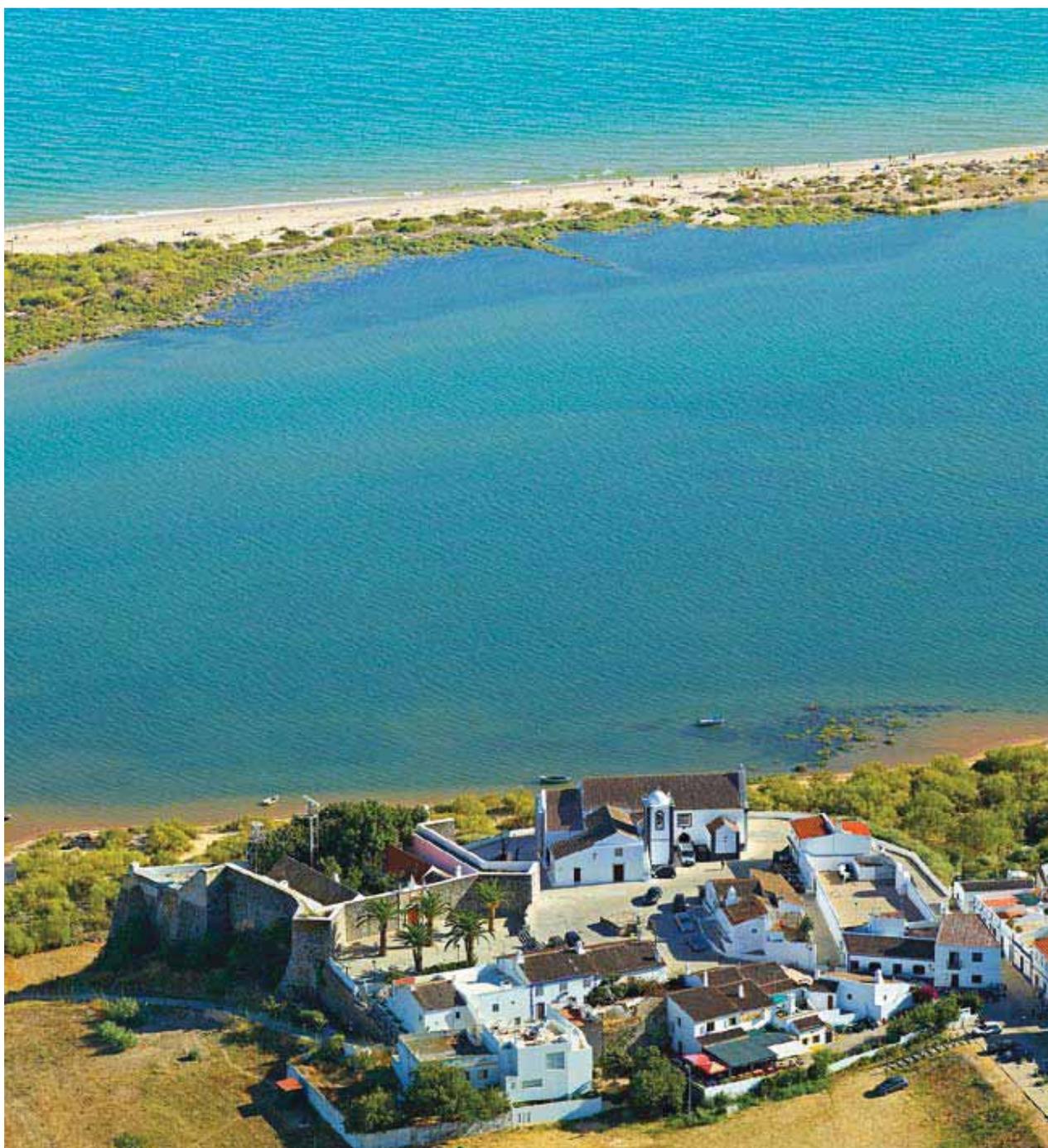
Frente às magníficas praias, encontra-se a Mata de Monte Gordo, um pinhal com um habitante especial: o camaleão. A espécie é protegida por estar ameaçada de extinção. Se os encontrar trate-os delicadamente. O cativeiro não é permitido.

Terra petisqueira, lembramos os famosos pratos confeccionados à base de atum, como a estupeta, moxama (lombo seco e prensado), ou uma espinheta (guisado com batatas), não sem antes provar umas conquilhas abertas ao natural. Nos doces, desde os carriços aos bolinhos de amor ou às tortas de amêndoa, tudo é de chorar por mais.

Poderemos aqui tomar a opção de seguir pela Via do Infante (70 km), até cerca de 3 km de Silves, onde iniciámos este percurso, caso se pretenda um regresso mais rápido. A questão é que numa via rápida os deliciosos pormenores que nos surpreendem não podem ser devidamente apreciados.



Camaleão (JEP)



Cacela Velha (HR)

A EN 125, mais lenta, leva-nos até Cacela Velha (12 km), uma aldeia antiquíssima, implantada no topo de uma arribas fronteiras à Ria Formosa. Aqui se inicia o Parque Natural que se estenderá até à península do Ancão a oeste de Faro. Ilhas, esteiros, praias, a ria é um verdadeiro paraíso que iremos conhecer numa rota que lhe é especialmente dedicada.

Cacela é uma minúscula aldeia alcandorada num penhasco sobre o mar, envolta numa portentosa paisagem, uma joia intocada ao longo dos tempos. No largo central, fica a cisterna, de origem medieval, que é o coração da aldeia. A fortaleza foi edificada em 1794 e a Igreja Matriz,

mostra um portal renascentista e um interessante conjunto de arte sacra.

Aqui é o lugar certo para apreciar os mais belos pôr do sol do Algarve, enquanto se degustam deliciosas ostras, succulentas amêijoas, fresquíssimo peixe grelhado, ou um saboroso prato de marisco salteado.

Cabanas de Tavira (a 6 km para oeste) é uma terrinha de pescadores com uma praia magnífica, acessível unicamente por barco.

Passaremos por Tavira, a cidade que se debruça no Rio Gilão, com os seus telhados de tesoura e



Tavira (HR)

as múltiplas igrejas. De tão bela, a cidade merece uma visita demorada e atenta por entre as ruelas do centro histórico, os aprazíveis jardins, a maravilhosa praia da ilha de Tavira.

Moncarapacho fica no lado Norte da EN 125, tomando-se o desvio junto à Fuseta de acesso à Via do Infante e seguindo depois as indicações. Terra de pomares, tem como visitas obrigatórias a cinco vezes centenária Igreja Matriz e o Museu Paroquial, com espécies arqueológicas e preciosos exemplos de arte sacra, numismática e etnográfica.

Na saída norte da vila e após uma espreitadela à olaria, vira-se para o Cerro de São Miguel ou Monte Figo, a 411 metros acima do nível do mar. Estando o dia claro, a linha de costa desdobra-se aos nossos olhos, espalhando-se as cidades de Olhão e Faro pela campina.

Difícilmente se encontrará um lugar onde o pôr do sol tenha uma miríade tão grande de cambiantes, iluminando uma paisagem tão diversa, do Algarve da praia até ao Algarve da serra, passando pelo barrocal.

No cruzamento central de Moncarapacho está o desvio que nos coloca em poucos minutos no Palácio de Estoi, o único exemplar da arquitetura romântica do Algarve. Uma sumptuosa construção do século XVIII rodeada de belos jardins e uma interessante estatuária como o tríptico das Três Graças sobre uma concha, cópia de uma obra do escultor italiano António Canova (1757-1822).

A menos de 1 km estão as ruínas romanas de Milreu, (século II d.C.) uma faustosa *villa* de um patrício, com termas de belos mosaicos, assim como as ruínas de uma basílica cristã do século IV, construída sobre o templo romano.

A direção que agora tomamos é para oeste, e no cruzamento com a EM 520-2 segue-se em frente. Andaremos 7 km por uma estrada que segue na meia encosta do barrocal, como se de um miradouro constante se tratasse, e aí está Santa Bárbara de Nexe. Aqui o ofício de calceteiro é uma tradição.

Palácio de Estoi (St)



Destes modestos artífices da pedra saem obras-primas que embelezam as praças de inúmeras cidades, revestidas com a típica calçada à portuguesa. Será pela EN 270, passando por Loulé, que iremos agora até encontrar Boliqueime.

Aparentemente, a palavra Boliqueime será uma corruptela da expressão italiana olhos de água. Até Paderne, a nossa próxima paragem, vão apenas 8 km. A terra ficará para sempre inscrita na história de Portugal porque o seu castelo é um dos que figuram na Bandeira Nacional. Lá do alto vê-se a azenha e o açude da Ribeira de Quarteira com um moinho de água, engenho mais antigo que os moinhos de vento. Um percurso pedestre de 4 km em torno do castelo e passando pela ponte medieval desvenda mistérios da fauna e da flora da região. De Paderne segue-se pela EM 524 em direção a Algoz e aí apanha-se a EN 269, que neste troço possui vários miradouros e nos levará de novo a Silves.

Castelo de Paderne (St)





rotas e caminhos do centro

Deslindem-se os trilhos do litoral e da serra, mergulhe-se nas águas límpidas das ilhas, ondeie-se nos canais da Ria Formosa, mergulhe-se nas águas mansas das praias de Albufeira.

Serão tantas outras, as zonas do Algarve que aqui descobrimos, nestas Rotas do Centro, cidades que são ainda a casa dos pescadores, mas também centros mundanos, de lojas cosmopolitas e noites brilhantes plenas de música e gente bonita.

No final, teremos uma mão cheia de recordações inesquecíveis, múltiplas estórias para contar, inúmeros sabores raros e exóticos para apreciar.

Saberemos distinguir o sotaque dos filhos de Olhão

de quaisquer outros algarvios, descobriremos os tavirenses telhados de tesoura, feitos em quatro águas, à beira do Rio Gilão.

Havemos de seguir, de nariz no ar, o voo magnífico da cegonha, entre o ninho – assente no Arco da Vila, entrada da Cidade Velha, em Faro – e a Ria Formosa.

Pequenos prazeres, grandes emoções, gulodices marinhas umas vezes, doces e serranas de outras, vão preencher os dias de férias no Algarve.

Vai apetecer, se não ficar, pelo menos voltar uma e outra vez a estes diferentes algarves.



índice

- 58** | **ROTA DAS ALDEIAS** **+/- 98 km**
 Albufeira » Montechoro » Ferreiras » Purgatório » Paderne » Alte » Espargal » Boliqueime » Vilamoura » Maritenda » Oura » Galé » Albufeira
A Rota das Aldeias é uma espantosa viagem pelas variadas faces que o Algarve possui, entre a cosmopolita Albufeira, de magníficas praias e a tradicional Alte, com o seu pitoresco casario, passando pelas terras floridas do barrocal, onde cada curva da estrada anuncia vistas panorâmicas.
- 66** | **ROTA DO CALDEIRÃO** **+/- 123 km**
 Loulé » Tôr » Fonte da Benémola » Salir » Rocha da Pena » Querença » São Brás de Alportel » Santa Catarina da Fonte do Bispo » Malhão » Santo Estêvão » Luz de Tavira » Pedras d'el Rei » Fuseta » Moncarapacho » Cerro de São Miguel » Santa Bárbara de Nexe » Loulé
A Rota do Caldeirão leva-nos pelo ondear da serra, entre tomilhos, rosmaninhos e alfarrobeiras, ouvindo as ribeiras correr, descobrindo os saberes dos artesãos. Seremos gulosos na prova dos enchidos tradicionais, espreitaremos a Ria Formosa, e as praias para lá das ilhas. Mas tudo começa em Loulé.
- 76** | **ROTA DA RIA FORMOSA** **+/- 102 km**
 Faro » São João da Venda » São Lourenço » Almancil » Quinta do Lago » Vale do Lobo » Santa Bárbara de Nexe » Estoi » Moncarapacho » Quelfes » Olhão » Ilha da Culatra » Ilha da Armona » Ilha do Farol » Ilha da Deserta (Barreta) » Faro
A Rota da Ria Formosa seduz o visitante pelos contrastes dos planos de água e as ilhas de areias voláteis e praias fabulosas. Contrastantes são também as cidades de Faro e Olhão, uma com o seu casario de vetustas antiguidades, a outra entranhada de sol e de sal, desde sempre ligada ao mar e à pesca. Os trilhos desta rota abrem-nos o mundo maravilhoso do Parque Natural da Ria Formosa.
- 90** | **CAMINHOS ALÉM DO CENTRO** **+/- 260 km**
 Vila Real de Santo António » Castro Marim » Santa Catarina da Fonte do Bispo » São Brás de Alportel » Loulé » Boliqueime » Paderne » Silves » Lagoa » Carvoeiro » Alcantarilha » Estoi » Faro » Olhão » Tavira » Cacela Velha » Vila Real de Santo António
Os Caminhos Além do Centro são uma proposta para se deslindarem os trilhos do litoral e da serra das outras zonas do Algarve. No final, teremos um álbum fotográfico, pois passaremos pelas Ruínas de Milreu, pelos monumentos de Tavira e pelas quentes e belas praias de Monte Gordo.





rota das aldeias

Num abrir e fechar de olhos, circulamos entre o casario cosmopolita e a paisagem de estevas. A rota segue mais a norte, mas ao lado do Algarve dos calores em biquíni; das vielas transbordantes de odores a gente e a almoço de pesca na grelha; dos fins de tarde a entreolharmo-nos em negativo com a bola de fogo suspensa, ainda indecisa entre azuis; de outras esferas de fogo piscando, prateadas, giratórias sobre o acaso das cabeças errantes, na noite. Ao lado do Algarve frenético, de gentes, paisagens e vidas em contraste, há outro, de casarios esbranquiçados, menos vítreos, pedregulhos centenários, riscos de alcatrão desfeito rompendo irrequietos dourados. Do Algarve fresco do mar e quente do magote passamos a essoutro das testemunhas do tempo, os muros castelares, desfeitos pelo vento, refeitos pelos homens, em Paderne. De caminho debruçamo-nos sobre linhas de casas, em Alte, navegamos com os olhos no dorso dos cisnes da fonte pequena, mergulhamos a cabeça e a alma no frescor da água farta: prazeres da aldeia portuguesa que os homens não deixaram estragar. Pelo caminho, há orgias de cores na rota das açoteias, gente de rosto vincado, suando na penteada paisagem anacrónica. E também uma serra gastronómica que se descobre no barrocal. Um mundo de contrastes num minúsculo quintal de Algarve.



Alte (PR)

rota das aldeias

PERCURSO

Albufeira > Montechoro > Ferreiras > Purgatório > Paderne > Alte > Espargal > Boliqueime > Vilamoura > Maritenda > Oura > Galé > Albufeira

LEGENDA

 Aeroporto	 Marina	 Praia
 Barragem	 Miradouro	 Reserva Natural
 Espaço Natural de Recreio e Lazer	 Monumento	
 Farol	 Museu	

 Autoestrada	 Estrada Municipal	 Ponto de Partida
 Estrada Nacional	 Rota	 Zona Protegida
 Estrada Nacional 125	 Sentido da Rota	



A2

A22

SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES

ALTE

PADERNE

LOULÉ

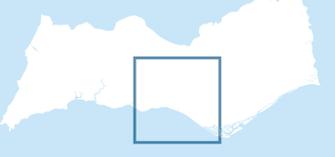
ALBUFEIRA

BOLIQUEIME

ALMANCIL

QUARTEIRA

SANTA BARRA DE NEXOS



A Rota das Aldeias é uma espantosa viagem pelos contrastes que o Algarve possui, entre a cosmopolita Albufeira, de magníficas praias e a tradicional Alte, com o seu pitoresco casario, passando pelas terras floridas do barrocal, onde cada curva da estrada anuncia vistas panorâmicas.

Revelam-se depois aldeias novas, feitas para o lazer e o *dolce far niente*, ensombradas pela frescura dos pinheiros, ao lado dos mais belos areais.

O miradouro do Pau da Bandeira é um excelente ponto de partida para um percurso citadino por Albufeira, início desta rota.

As falésias enconcham a Praia Maria Luísa e a Praia dos Pescadores, compondo um quadro colorido.

Ali ao lado, a zona comercial fervilha de vida e animação. Pelas ruelas íngremes, chegaremos à Igreja Matriz (século XVIII), com a sua imponente torre sineira. Vale a pena entrar e apreciar o retábulo do pintor Samora Barros.

Albufeira foi construída pelos árabes no topo do Cerro da Vila, arriba com pretensões a península, uma posição inexpugnável e por isso lhe chamaram *Al Buhera* (fortaleza).

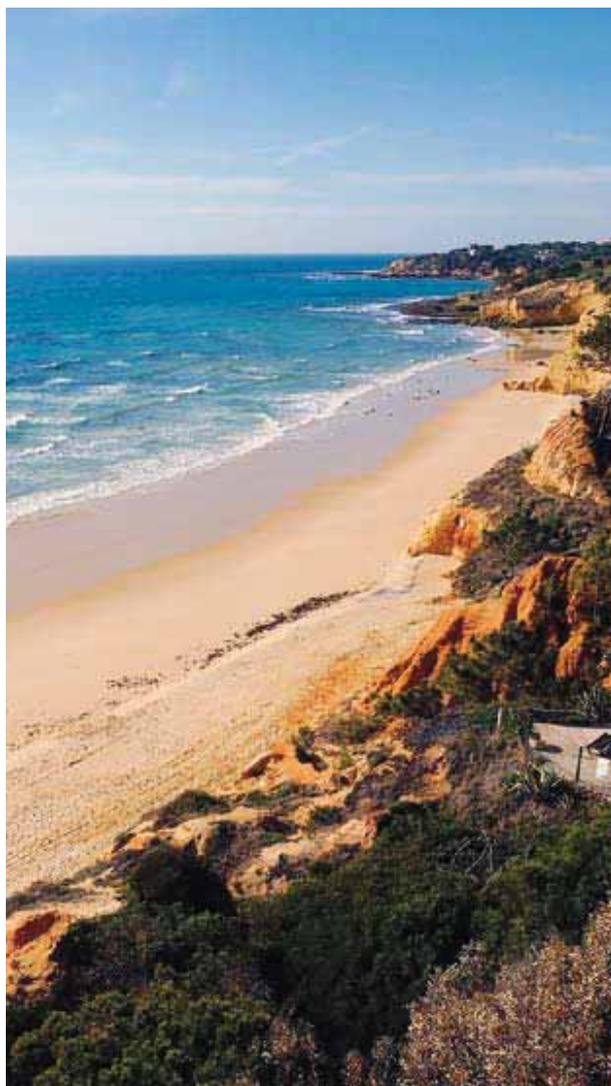
Antes deles, já os romanos tinham gostado do lugar, conhecido por *Baltum*, ali instalando artes de pesca. A integração de *Al Buhera* no Reino dos Algarves não foi fácil. Só à segunda tentativa, em 1249, é que se efetiva a reconquista dos cristãos aos mouros.

O terramoto de 1755 destrói praticamente todas as construções. São por isso preciosidades a Igreja de São Sebastião, que conservou o seu portal lateral manuelino (século XVI) e a Igreja de Sant'Ana, ambas do século XVIII, e traça inspirada na arquitetura popular.

A Capela da Misericórdia, por sua vez, substituiu a antiga mesquita árabe e conserva da edificação gótica (século XV) o portal, o arco triunfal e a abside.

Das muralhas do castelo resta apenas uma torre de defesa da Porta do Norte, adaptada a restaurante.

Uma larga avenida conduz-nos a Montechoro, numa colina sobranceira, onde se acentua a



Praia Maria Luísa (AF)



Igreja de Sant'Ana (St)

vertente de estância de lazer, com propostas múltiplas para compras. Nas inúmeras esplanadas ouvem-se quase todas as línguas do mundo.

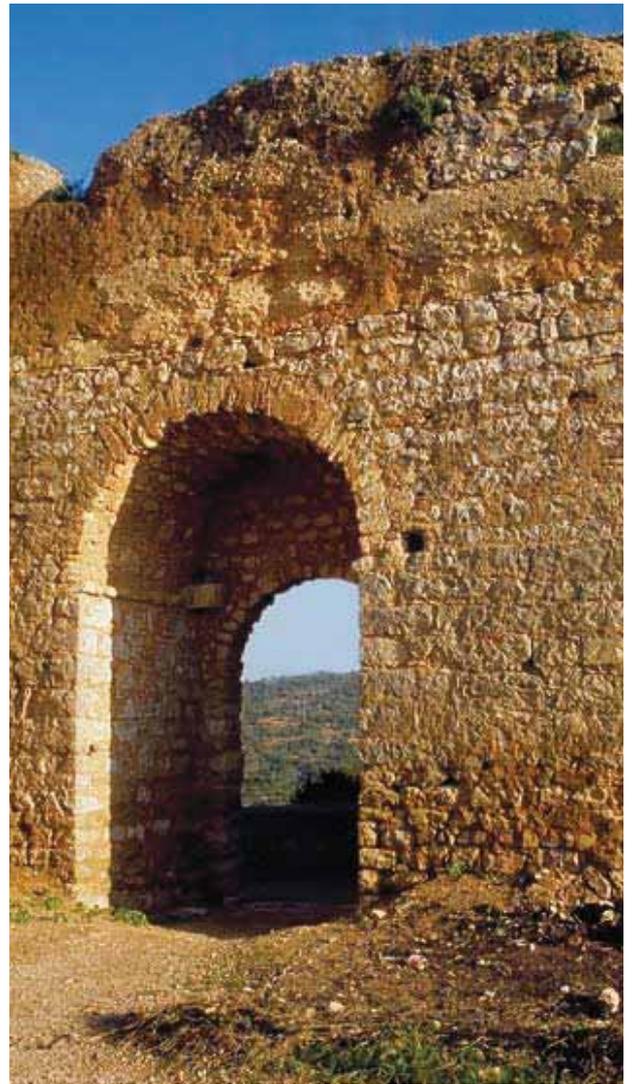
Apenas alguns minutos e já estaremos a mergulhar numa paisagem diferente, com pequenos e simpáticos aglomerados de casas que se estendem até às Ferreiras, a 5 Km a norte de Albufeira, onde se veem algumas das casas típicas com platibandas, açoteias e chaminés. Tomaremos aí a EM 395, que ao longo das suas curvas desvenda moinhos de vento e noras. Será na aldeia que dá pelo estranho nome de Purgatório que iremos virar em direção a oeste, e pela EN 270 alcançaremos Paderne, localizada numa colina suave com o seu branco casario antigo destacando-se na paisagem circundante. Uma interessante chaminé decorada do século XVIII parece dar-nos as boas vindas.

Um esporão rochoso em torno do qual corre a Ribeira de Quarteira, exhibe no alto o castelo de Paderne, de origem árabe. Ali perto, resiste intacta uma ponte românica conservando um troço da antiga calçada. A azenha e o açude na base da colina, mantêm em funcionamento um sistema tradicional de moagem. A frescura do lugar convida a um passeio, até porque os matos em redor escondem, na primavera, belas orquídeas selvagens, de cores luxuriantes e formatos estranhos.

Por entre as colinas que se vão elevando para formar a Serra do Caldeirão chegaremos a Alte. Apetecem as águas frescas da Fonte Grande e da Fonte Pequena. Apetece seguir nas ruas da aldeia, o trilho das chaminés rendilhadas, das platibandas coloridas, até à sua igreja matriz. O templo primitivo foi fundado por Dona Bona, mulher de Garcia Mendes da Ribadeneyra, segundo senhor de Alte, no final do século XIII, como agradecimento pelo regresso do seu esposo da oitava cruzada à Palestina.

Uma outra mulher está na origem da lenda sobre o nome da aldeia.

Lavradora rica e considerada, tinha a sua quinta no Freixo Verde e habituara-se a que o padre só rezasse missa estando ela presente na única ermida de toda a freguesia. Até que um dia, can-



Castelo de Paderne (St)



Fonte Pequena (PR)

sado dos constantes atrasos, o cura não esperou pela fidalga. Já vinham de regresso os fiéis quando se cruzaram com a lavradora que, indignada, ordenou aos seus criados: Alto! Aqui farei uma igreja!

Com o tempo, essa passou a ser a matriz da freguesia e Alto transformou-se em Alte, muito por culpa do sotaque serrenho, onde se “engolem” os finais das palavras.

Alte é o local perfeito para comprar artesanato, para provar bolos cujas receitas são doces heranças de família ciosamente guardadas.

Uma bucólica estradinha na saída norte de Alte conduz-nos por entre a terra do esparto, do figo e da amendoeira até a Nave dos Cordeiros, seguindo-se o Espargal e por fim a Ribeira de Algibre, retratos impressionantes de um Algarve genuíno, cioso da sua identidade.

Após uma dezena de km percorridos na EN 270, um troço de estrada particularmente bonito, chegaremos a Boliqueime na encosta de uma pequena colina, no princípio do barrocal.

Já os mercadores da Flandres importavam as melhores qualidades de figos, amêndoas e alfarobas desta zona. Junte-se-lhes magníficas



Empreita (HR)

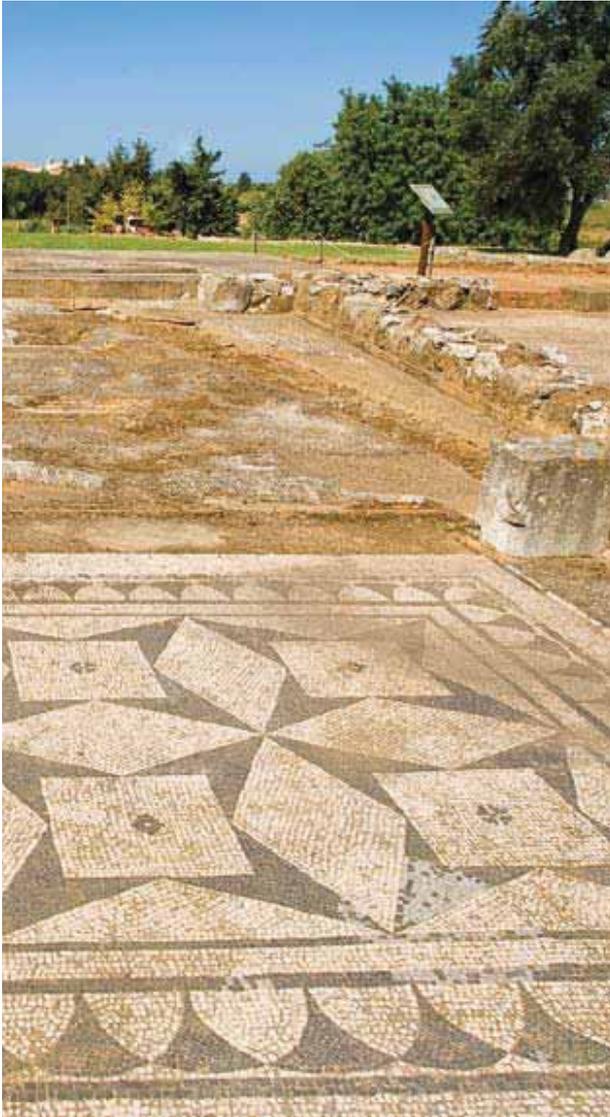


Marina de Vilamoura (HR)

Uma das melhores quintas pertencia ao célebre Morgado de Quarteira, Martim Marcham, que a recebeu por doação do rei D. Diniz em 1297. A quinta de Quarteira deu origem a Vilamoura um luxuoso complexo turístico construído em torno de uma bela marina. Basta-nos seguir para leste na EN 125 até ao acesso sinalizado de Vilamoura e chegaremos ao mar por entre campos de golfe e jardins cuidados deste centro de férias.

O Parque Ambiental de Vilamoura é uma mais valia ecológica e paisagística. A garça-vermelha e a galinha-sultana, são as estrelas deste ecossistema, onde podem ser observadas mais de 100 espécies de aves.

Por outro lado, o Museu e Estação Arqueológica Cerro da Vila oferece aos visitantes uma viagem imaginária por uma *villa* romana do século I, atestando que este lugar, tão aprazível, atraiu desde sempre os homens.



Ruínas Romanas do Cerro da Vila (St)

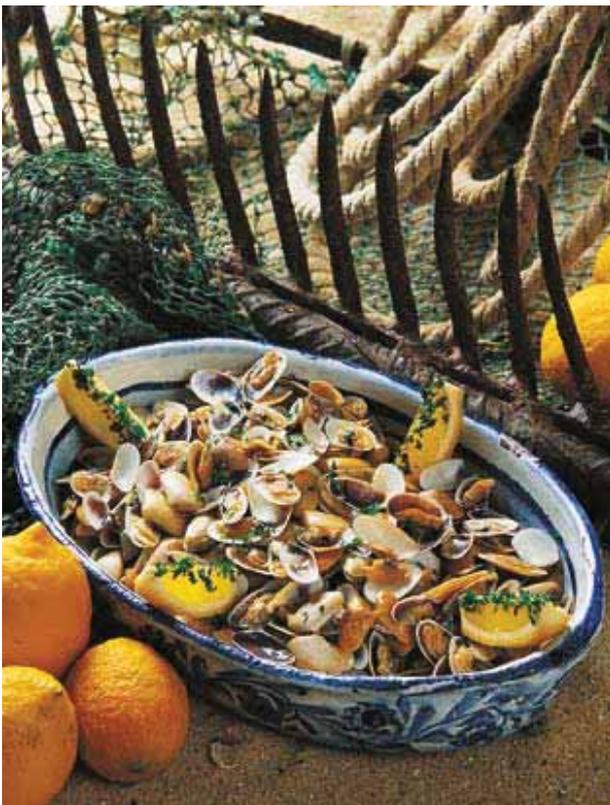
Vilamoura proporciona a prática de inúmeras atividades ao ar livre, mas também é possível fazer uma sessão de compras em lojas de nível internacional, degustar menus de todo o mundo, assistir aos *shows* e tentar a sorte no casino. Ou então, muito simplesmente, gozar as praias amplas de águas tépidas.

Teremos de regressar à EN 125 e em seguida voltar para sul, junto à Maritenda, para aceder às maravilhas da Praia da Falésia e da Praia do Barranco das Belharucas, a inusitada beleza dos Olhos de Água, da Praia Maria Luísa e da Balaia, até chegarmos à Oura.

O Algarve possui das praias mais belas da Europa, e Albufeira integra uma cadeia de areais acondicionados entre arribas coloridas, que vai desde a Praia da Falésia a leste e se prolonga, a oeste até à Galé, passando pelo Castelo, as exclusivas Praia da Coelha e de São Rafael. Não resistiremos ao chamamento da areia fina e do mar azul-turquesa, à oportunidade de procurar uma esplanada e ficar ali, quase com os pés na água, gozando o pôr do sol.

Aliás, pode lá voltar-se após o jantar, para ouvir música e dançar em terraços e varandas.

Entretanto, serão inúmeros os restaurantes onde pode provar a gastronomia local. A sopa de conquilhas perfumadas por louro e coentros, as cavalas cozidas com orégãos, as sardinhas de tomatada, são alternativas aos grelhados aqui sabiamente executados e muito, muito apetitosos. E depois, perder-se na animação trepidante das noites de Albufeira.



Sopa de conquilhas (RTA)





rota do caldeirão

Também há Algarve acima das grandes estradas que o atravessam. Lá onde as cegonhas espreitam os homens do alto das chaminés dos fornos de cerâmica; lá junto do chilrear das ribeiras que cortam o verde; lá onde o homem não agride a Mãe que o fez existir: apaziguado com ela, despe-a como a um sobreiro, rasga-a com os dedos como a um montado de argila que há de ser telha sobre alvos, grossos umbrais da zona.

Ali, no reino da solidão, longe do mar de azáfamas que cresce junto ao oceano, se erguem os braços maternais feitos rocha, que afagam o Algarve cosmopolita. E contudo há restos de Alentejo para cá do Caldeirão onde já fervem os verões de todo o ano: entre as estevas e os sobros adivinha-se ainda a grande planície dourada. Mas o perfume do mar já invade as casas, ainda inebria as gentes que o procuraram sem o possuir. Gentes tantas que no sopé pariram múltiplos gémeos de abrigos contra o calor. E ruas e vida, em cidades e vilas como Loulé e São Brás de Alportel.



rota do caldeirão

PERCURSO

Loulé > Tôr > Fonte da Benémola > Salir > Rocha da Pena > Querença > São Brás de Alportel > Santa Catarina da Fonte do Bispo > Malhão > Santo Estêvão > Luz de Tavira > Pedras d'el Rei > Fuseta > Moncarapacho > Cerro de São Miguel > Santa Bárbara de Nexe > Loulé

LEGENDA



Aeroporto



Farol



Museu



Barragem



Miradouro



Praia



Cais de Embarque



Monumento



Reserva Natural



Autoestrada



Estrada Municipal



Ponto de Partida



Estrada Nacional



Rota



Zona Protegida



Estrada Nacional 125



Sentido da Rota



Castelo de Loulé (St)



A Rota do Caldeirão leva-nos pelo ondear da serra, entre tomilhos, rosmaninhos e alfarrobeiras, ouvindo as ribeiras correr, descobrindo os saberes dos artesãos. Seremos gulosos na prova dos enchidos tradicionais, espreitaremos a Ria Formosa, e as praias para lá das ilhas. Mas tudo começa em Loulé.

As muralhas do castelo, de origem árabe mas reconstruídas no século XIII e que ainda hoje mostram suas três torres de alvenaria, são a primeira paragem. No pátio há um poço e o arco da antiga porta de ligação à povoação. Também podemos visitar a Igreja Matriz, de estilo gótico (século XIII) e cuja torre sineira foi adaptada de um minarete muçulmano.

No centro da cidade, o Convento do Espírito Santo funciona como Galeria de Arte Municipal. Nas lojas que rodeiam as muralhas ainda se descobrem peças de cobre, barro, chapéus e alcofas feitos de empreita, uma arte feminina e uma técnica secular. Trabalha-se a palma como se estivesse a entrançar o cabelo e para um chapéu são precisos 5 a 6 metros de trança fina. Inicialmente, os cestos de empreita de palma serviam para embalar o figo, a amêndoa e a alfarroba.

Na saída para Boliqueime, seguindo a EN 270, vislumbra-se o santuário da Mãe Soberana, alcandorado num outeiro que é também um excelente miradouro. As gentes locais honram a sua padroeira com uma das maiores procissões a sul do país, que já se realiza há mais de 400 anos, na altura da Páscoa. Os homens levam o pesado andor pela íngreme ladeira acima, enquanto a multidão, entusiasmada, saúda lançando gritos vibrantes e acenando lenços brancos.

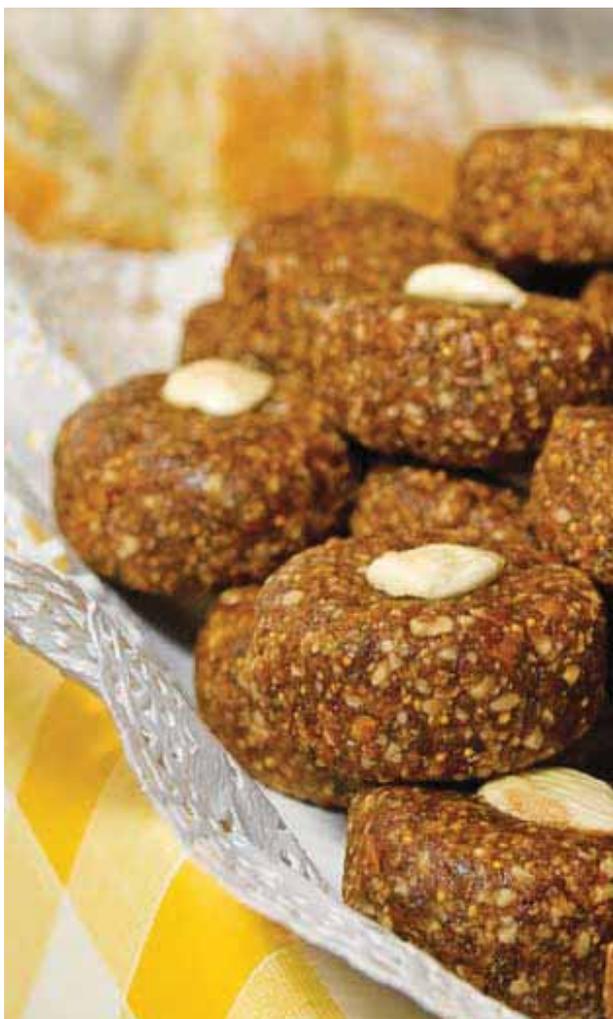
Situada na terra a que se chama Barrocal, uma zona que fica entre o litoral e a serra e se estende desde a costa vicentina a oeste até ao Rio Guadiana a leste, Loulé está no centro do Algarve, uma terra de grande dinâmica comercial, organizada em torno do mercado, de traça mourisca.

Muito famoso, aliás o mais famoso do Algarve, é o seu Carnaval com um alegre corso.

Breve chegaremos à Tôr uma aldeiazinha de ruas estreitas, com a sua antiga ponte. Calcorreando

Festa da Mãe Soberana (LC)





Doçaria regional (HR)

a ER 524, à direita fica área protegida da Fonte da Benémola, rodeada de freixos e salgueiros, choupos e aloendros que se misturam com o alecrim o tomilho e o rosmaninho. Este é um Sítio Classificado pela riqueza ambiental que ostenta.

Tomando a saída para Salir, não resistiremos a um pequeno desvio para a Nave do Barão. Vastos campos de amendoeiras ocupam o vale, ladeado pelas encostas da colina semeadas em socalcos.

Breve chegaremos a Salir, aldeia posicionada na beira serra e cuja origem se perde nos tempos.

O seu castelo guarda vestígios dos Celtas mas o castro é de origem árabe (século XII.) e são visíveis os torreões e parte da muralha a que os locais chamam "O Muro da Sabedoria".

A gastronomia local é rica e original, e vale a pena provar o xarém com torresmos, ou a sopa montanheira. Os queijos de cabra e ovelha, ou os enchidos caseiros compõem uma entrada perfeita enquanto a aguardente de medronho casa lindamente com os doces onde entra o mel, o figo e a amêndoa.



Medronheiro (HR)

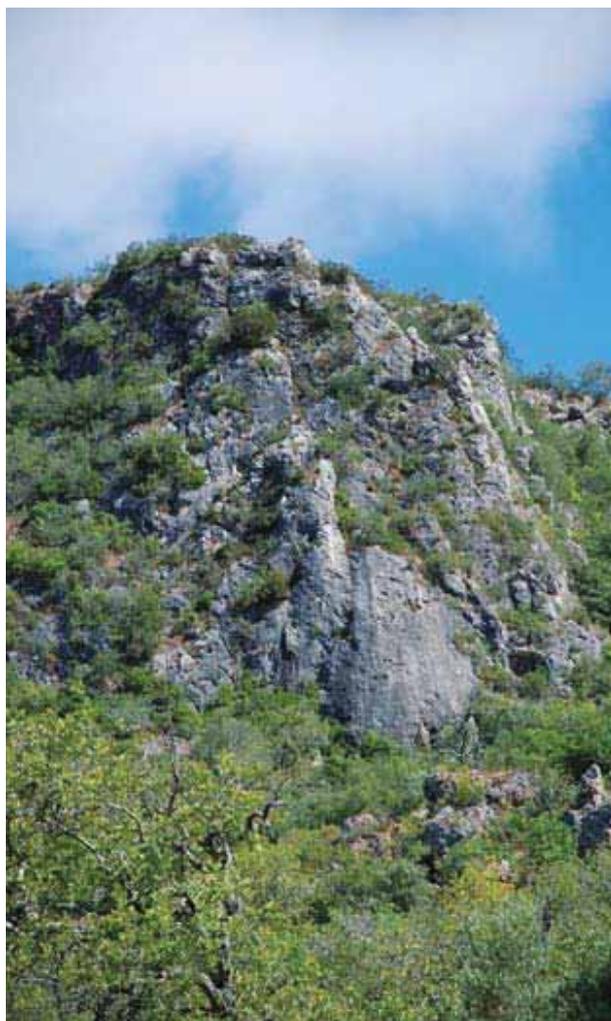
Uma ocasião propícia para conhecer Salir é a Festa da Espiga, um misto de religiosidade e paganismo, com um curioso cortejo etnográfico que se realiza sempre na Quinta-feira da Ascensão.

A norte de Salir está outro pequeno paraíso: A Rocha da Pena é uma colorida montra das belezas do barrocal. Já foram identificadas 390 espécies de plantas e cerca de 122 espécies de aves. Para melhor esquadrihar o lugar sugerimos um passeio a pé por entre uma paisagem de sonho. No topo da Rocha existem duas construções primitivas provavelmente da Idade do Ferro.

Teremos de regressar a Salir para apanhar a EN 124 e depois viraremos para sul até Querença.

Dizem os mais velhos que Querença significa afeto, amor, boa vontade. Situada próximo de duas ribeiras a aldeia é cheia de encanto e belíssimos panoramas.

No largo principal a Igreja Matriz de Nossa Senhora da Assunção ostenta um belo pórtico manuelino e no seu adro realiza-se em janeiro a Festa das Chouriças, uma ocasião única para provar muitos dos pratos da serra.



Rocha da Pena (PR)



Igreja Matriz de Querença (PR)

Seguindo as indicações à saída da povoação, na direção do sul, passaremos por Porto Nobre e São Romão, com as casas alinhadas junto à estrada, segundo a tradição rural algarvia, até chegarmos a São Brás de Alportel.

Faz-se entrada na vila e logo nos surgem, no centro histórico, as casas térreas e caiadas, de arquitetura popular e os prédios apalaçados dos antigos industriais e comerciantes da cortiça, com fachadas cobertas por azulejos, cantarias lavradas e varandas de ferro.

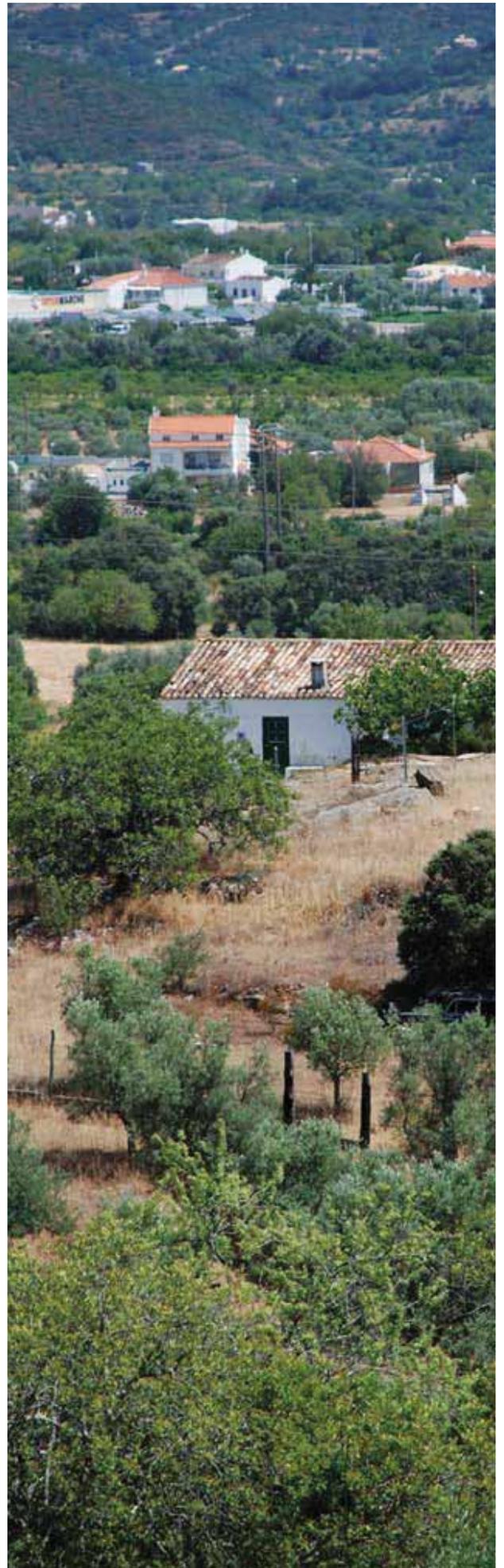
Do adro da Igreja Matriz admira-se a serra, em anfiteatro envolvente. Logo ao lado, situa-se o Jardim do Episcopado também conhecido por Jardim da Verbena, com o seu bonito coreto, anexo ao palácio construído entre o século XVII e o XVIII para os bispos do Algarve passarem as suas férias, devido ao ameno clima da zona.

Entramos depois no palacete que abriga a Casa da Cultura António Bentes, e o Museu Etnográfico do Trajo Algarvio, revivendo perante a sua coleção de trajes antigos os dias em que se dançava o corridinho nas eiras aquando da desfolhada.

A cortiça de São Brás de Alportel é uma das melhores do mundo, usada para as rolhas dos champagnes mais famosos. Os sobros erguem-se majestosos, deixando crescer na sua sombra os medronheiros, uma bonita arvorezinha espontânea. No outono, simultaneamente ao amadurecimento dos frutos do ano anterior, cobre-se de cachos de flores brancas. Dos frutos rubros destila-se a forte aguardente de medronho.

É fácil surpreender quadros bucólicos que retratam um tempo que passa devagar e cheio de prazeres simples, nesta vila.

A Santa Catarina da Fonte do Bispo chegaremos rodando na EN 270, em busca dos telheiros que ali estão desde há séculos. Espalha-se no ar o aroma do azinho ou da casca da amendoeira queimada nos fornos, onde cozem os ladrilhos e a telha mourisca. Nos pomares vicejam amendoeiras e laranjeiras, as casas térreas mostram pedaços de pedra por entre as paredes brancas de cal.





Igreja Matriz da Luz de Tavira (St)

Ainda na mesma via chega-se ao Malhão e vira-se para Santo Estêvão, que aparece por entre pomares de laranjeiras, e nalgumas curvas da estrada adivinhámos já a presença do mar.

A Luz de Tavira orgulha-se das suas casas com platibandas, verdadeiras obras-primas, denotando influências de Arte Nova. A frontaria da Igreja Matriz, templo do século XVI, foi redecorada com uma dessas platibandas. Entretanto, a porta lateral, de estilo manuelino é uma das mais belas do Algarve.

Usaremos a EN 125 até próximo do aldeamento de Pedras D'el Rei e da Praia do Barril, de águas cálidas e cristalinas, onde ficam as Quintas de Torre de Ares e a das Antas e terá existido a antiga cidade romana de Balsa no tempo de Júlio César ou de Augusto (século I a.C.).

O sítio é à beira da Ria Formosa e o espólio arqueológico aqui descoberto é valiosíssimo.

Voltaremos à EN 125 e vendo-se Alfandanga, dá-se um salto até à Fuseta.

Uma curta viagem de barco coloca-nos na contracosta, numa praia de sonho, com um areal a perder de vista.

Até Moncarapacho, serão poucos minutos e ali chegados aproveitemos para espreitar a olaria e o museu paroquial.



Praia do Barril (HR)



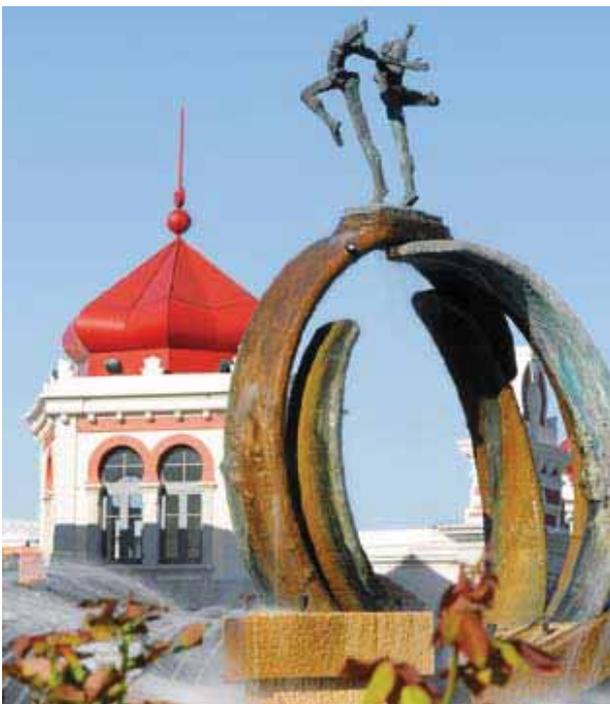
Cerro de São Miguel (LC)

Há que subir até ao Cerro de São Miguel, para lá do alto vemos desde Vila Real de Santo António até Albufeira, na vertente sul. A norte, a vista espraia-se pelo ondulado da Serra do Caldeirão. Tomaremos a sinuosa estradinha na encosta norte que nos leva até à Ermida, quase enterrada na colina e de traça muito singela. Atravessa-se pelo Azinhal/Amendoeira um pequeno nicho, junto ao serro do Malhão, olha-se num relance para Estoi, alcançando por fim Santa Bárbara de Nexe.

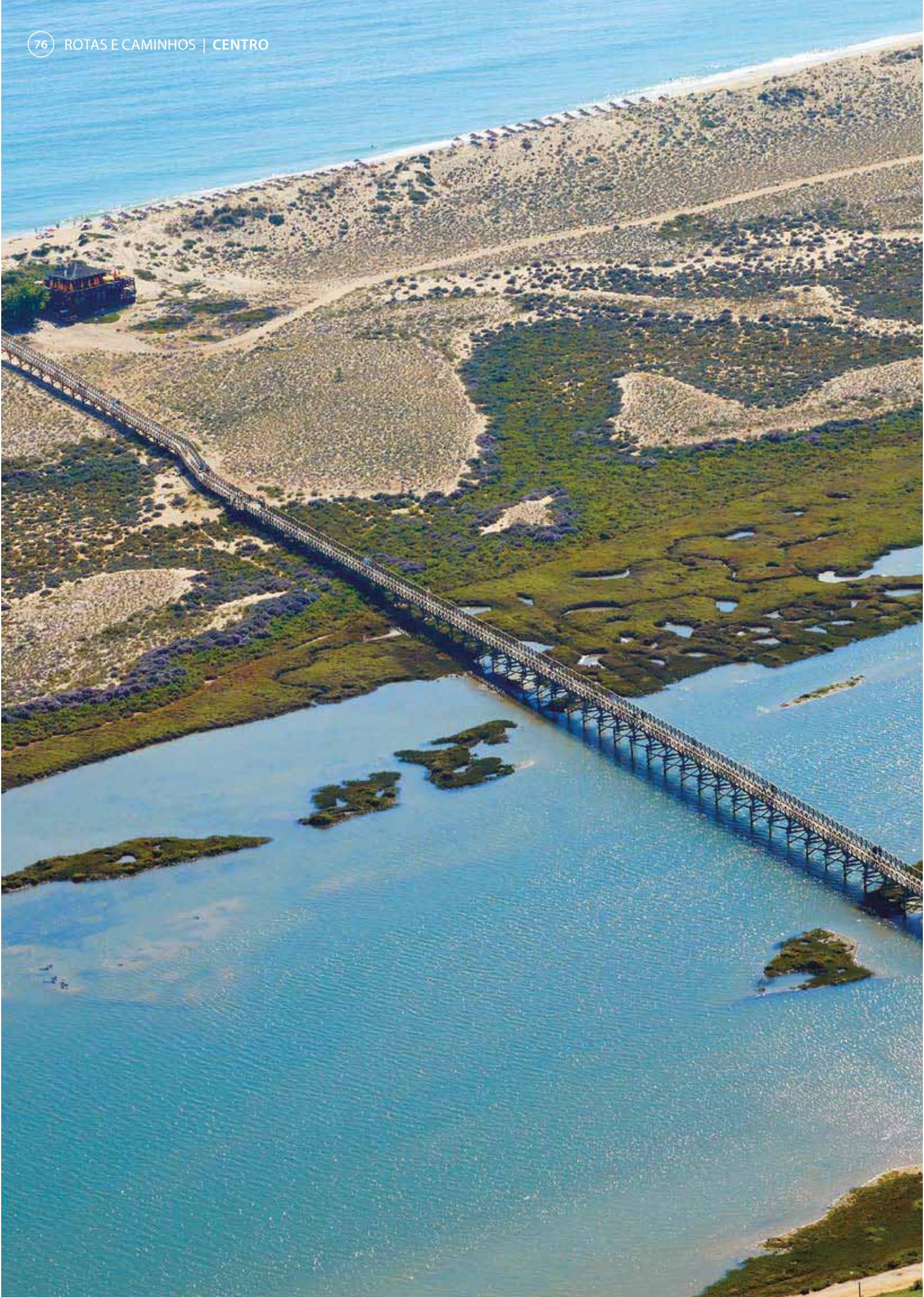
Toda esta zona constitui um miradouro natural e muitas das casas rurais foram reconstruídas para imponentes moradias de férias, mantendo contudo a sua traça original.

São sítios calmos e aprazíveis, onde se estabeleceu uma larga comunidade estrangeira em busca do sossego e da amabilidade das comunidades locais.

Breve estaremos em Loulé, a tempo de procurar na cidade e nos seus arredores um dos múltiplos restaurantes que mantêm nas suas ementas os pratos da cozinha regional. Em julho ou agosto, as noites são aquecidas pelo Festival de Jazz da Casa da Cultura. Ainda dentro do concelho, basta descer um pouco mais para encontrar o casino, a marina de Vilamoura e muitas outras propostas de animação.



Loulé (HR)





rota da ria formosa

De Faro a Olhão com passagem pelo paraíso das aves. Carambolamos em sonho entre as ilhas-barreira, como pássaros. Extasiamo-nos na Quinta do Marim, espreitamos a intimidade quotidiana da gaivota-de-cabeça-preta, da cegonha altiva que deambula, sem tocar, entre o mar e a terra. Como as aves pesqueiras africanas que ali veraneiam, adivinhamos o peixe que ginga as ilhas. Saboreá-lo-emos mais tarde em terra de pescadores, no mesmo lugar em que ousaremos a abertura da amêijoia, depenicaremos do maná dos bivalves.

Em terra, somos viajantes no tempo: da velha Ossónoba à mais remota Milreu, ao palácio de todas as fortunas, em Estoi, insolitamente rodeado de plantas e flores que parecem ter resistido aos séculos. No Algarve de agora descobrimos outros algarves. O alvo casario fora do tempo em Moncarapacho. Aburguesamo-nos na Quinta do Lago mas, de novo esquecidos dos homens, ali ao pé respiramos o verde do Ludo, à procura das sombras em défice na rasteira paisagem do restante passeio.

Entre a terra e o mar, os homens e os pássaros, enchemo-nos de Algarve, no coração da Ria Formosa.



Ria Formosa (HR)

rota da ria formosa

PERCURSO

Faro > São João da Venda > São Lourenço > Almancil > Quinta do Lago > Vale do Lobo > Santa Bárbara de Nexe > Estoi > Moncarapacho > Quelfes > Olhão > Ilha da Culatra > Ilha da Armona > Ilha do Farol > Ilha da Deserta (Barreta) > Faro

LEGENDA



Aeroporto



Farol



Museu



Barragem



Miradouro



Praia



Cais de Embarque



Monumento



Reserva Natural



Autoestrada



Estrada Municipal



Ponto de Partida



Estrada Nacional



Rota



Zona Protegida



Estrada Nacional 125



Sentido da Rota



A Rota da Ria Formosa seduz o visitante pelos contrastes dos planos de água que se formam, entre a terra firme e as ilhas de areias voláteis e praias fabulosas.

Contrastantes são também as cidades de Faro e Olhão, uma com o seu casario de vetustas antiguidades, a outra entranhada de sol e de sal, desde sempre ligada ao mar e à pesca. Navegando ou caminhando, os trilhos desta rota abrem-nos o mundo maravilhoso do Parque Natural da Ria Formosa.

O ponto zero do percurso é em Faro, uma cidade ampla de antiquíssima origem, com uma fisionomia própria e uma personalidade marcada.

A sua história está marcada por inúmeros terremotos, incêndios, saques de pirataria e ações militares, mas todavia a cidade seduz pelo seu aspeto claro e sóbrio.

Desde o século XVI que Faro é a capital do Algarve, protegida pelo cordão dunar das ilhas da Ria Formosa. Ao longo dos séculos e desde o período romano, altura em que se assumiu como um



Ruas de Faro (LC)



Ilha da Culatra (HR)



Sé de Faro (St)



Arco da Vila (St)

dos mais importantes centros urbanos do sul da península ibérica, a sua importância manteve-se. O geógrafo árabe Rasis considerou-a *“entre as de igual grandeza, a melhor do mundo”* da sua época. Desconhece-se com exatidão a sua origem, mas há quem defenda ser aqui o local da mítica Ossónoba.

Rodeada pela muralha seiscentista, a Vila Adentro - o mais antigo centro histórico de Faro – reúne alguns dos seus mais significativos valores do património cultural, tornando a sua visita obrigatória.

A entrada faz-se pelo Arco da Vila, uma das portas abertas na muralha, situada junto ao Palácio do Governador e acederemos à Sé, um edifício gótico (século XII), com uma torre que nos proporciona uma bela vista sobre a cidade. Em frente, está o paço episcopal, palácio nobre do século XVIII, de linhas sóbrias mas de aspeto imponente, reconstruído logo após o terramoto de 1755. A curta distância está o paço do concelho, formando este conjunto arquitetónico uma praça ampla de proporções elegantes.

Convento de Nossa Senhora de Assunção (St)



Igreja do Carmo (St)



Uma estreita viela leva-nos ao Convento de Nossa Senhora de Assunção, com o seu gracioso claustro.

Ali funciona o Museu Municipal de Faro do qual se destacam a sala islâmica, entre diversas exposições permanentes.

O Arco do Repouso, a porta nascente da muralha, conduz-nos até ao Largo de São Francisco, onde o convento do mesmo nome foi transformado em Escola de Hotelaria e Turismo. Já a Porta Nova, a poente, desemboca junto à ria e à doca.

A cidade é rica em igrejas, antigos palácios, museus e galerias, com destaque para a Igreja do Carmo, que possui, a seguir à de Évora, a Capela dos Ossos mais relevante no contexto nacional.

As casas caiadas de branco, com seus telhados de quatro águas ou de tesoura como lhe chamam os locais, os arcos e as ruas estreitas, são pormenores que definem a arquitetura da capital algarvia, visíveis na Rua de Santo António e no espaço pedonal em volta, animados por esplanadas e lojas cosmopolitas.



Ria Formosa (HR)

Com a promessa de aí regressarmos, para conhecer, por exemplo a Praia de Faro, cujo acesso se faz pelo canal principal da Ria Formosa, deixamos Faro seguindo para oeste na EN 125, atravessaremos São João da Venda e tomando atenção às indicações do trânsito em breve estamos em São Lourenço, cuja igreja está totalmente recoberta de azulejos do século XVII, enquadrando o altar em talha dourada e oito painéis figurativos.

Almancil é a porta de entrada para alguns dos mais luxuosos empreendimentos turísticos do Algarve.

Seguiremos por entre as famosas rotundas da Quinta do Lago até à beira mar, para nos deliciarmos com os percursos pedonais que estão desenhados de forma a proporcionar a apreciação de centenas de aves, flores exuberantes, matas de pinheiros e grandes lagos de água doce. Momentos de rara beleza natural, em especial, ao amanhecer ou sob o encanto da luz do sol poente.

Igualmente acessíveis estão quase todos os desportos, desde a equitação até à vela, destacando-se todavia o golfe. As praias vastas, possuem inúmeros



Golfe Quinta do Lago (HR)

atrativos e uma gostosa oferta em termos gastronómicos.

Poderemos regressar a Almancil fazendo um pequeno desvio por Vale do Garrão e Vale de Lobo, destinos turísticos cosmopolitas, porém integrados harmoniosamente na paisagem.

Será ao regressarmos por São João da Venda que iremos optar por deixar a EN 125 e seguir para norte, atravessando o Esteval e seguindo para Santa Bárbara de Nexe, a meia encosta do serro, fazendo a transição para o barrocal algarvio. A próxima paragem será em Estoi.

A joia desta grande aldeia é sem contestação o Palácio de Estoi, convertido em Pousada e classificado como imóvel de interesse público.

Este complexo é uma sumptuosa construção do século XVIII, um dos melhores exemplares do período romântico.

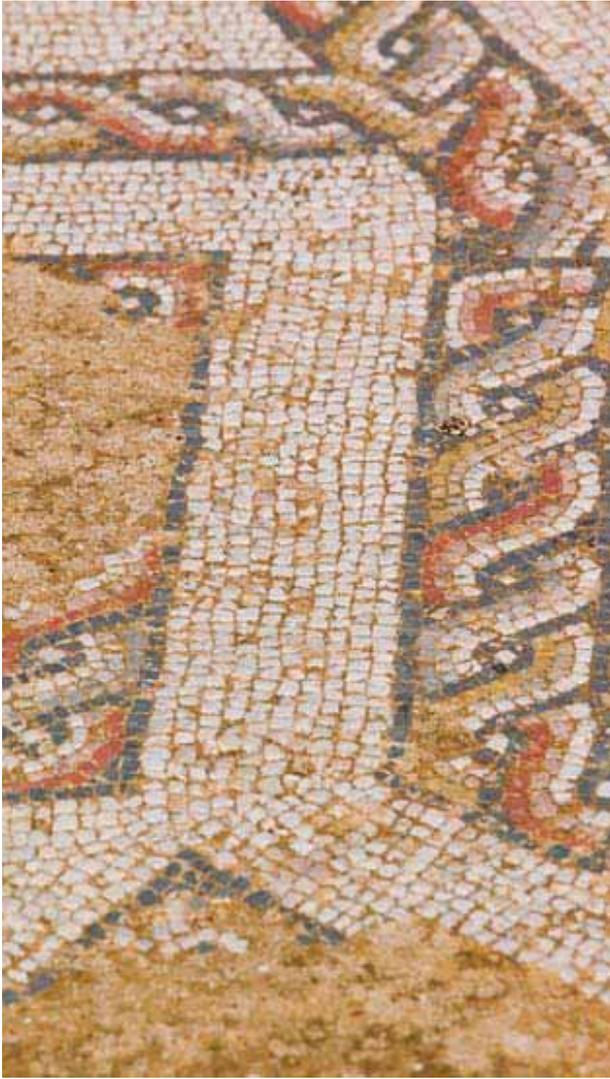
A Igreja Paroquial (séculos XVI/XVII) rodeada de construções de arquitetura popular oferece, no alto da sua torre sineira em plano superior ao do palácio, um panorama encantador, deslumbrante no tempo das amendoeiras em flor, que nos arredores formam grandes pomares.



Palácio de Estoi (St)



Praia de Vale do Lobo (HR)



Ruínas de Milreu (St)

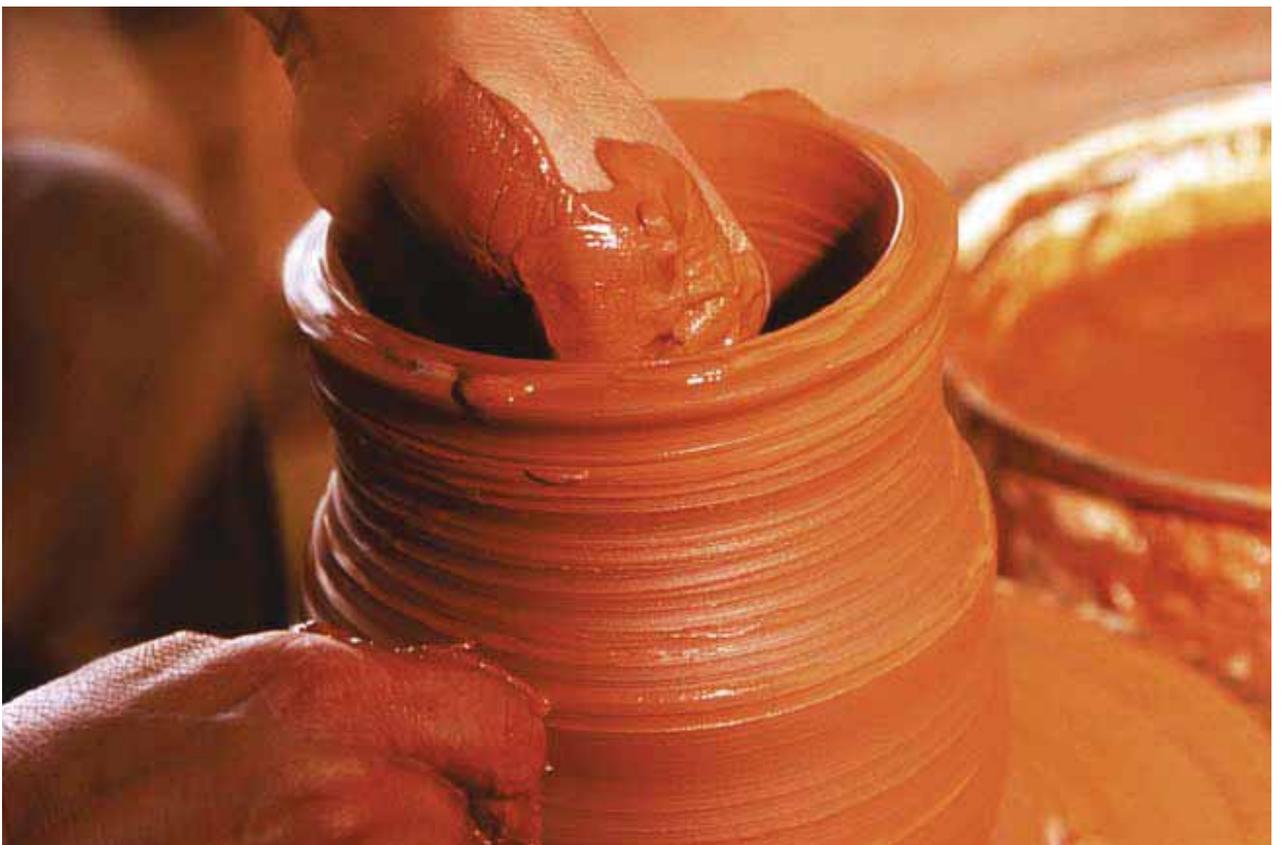
A tradição da Festa da Pinha, em maio, que se iniciou no tempo dos almocreves, observa um curioso ritual. Enfeitam-se as carroças e os cavalos e o cortejo vai da aldeia até ao pinhal do Ludo, próximo do litoral.

Aí acendem-se grandes fogueiras, onde se queimam mechas de alecrim perfumado, em torno das quais se realiza um piquenique e um animado baile popular.

A 1 km ficam as Ruínas de Milreu (século II D.C), vestígios de uma faustosa vila romana de um patrício, onde podemos encontrar termas com mosaicos policromos e as ruínas de uma basílica cristã do século IV, construída sobre o templo romano. No Centro Interpretativo poderá encontrar-se todas as informações sobre o complexo.

O desvio para Moncarapacho fica junto ao largo da Igreja de Estoi e bastará percorrer 9 km para lá se chegar.

Apreciem-se as sebes de romãzeiras que só terminam junto à Olaria de Moncarapacho, uma empresa familiar de artesãos criadores de peças típicas. Um local ideal para levar uma recordação do Algarve.



Olaria (St)



Igreja Matriz de Mocarapacho (St)

A aldeia possui algumas casas do século XIX e início do século XX, e a Igreja Matriz edificada no século XV é uma ampliação da primitiva capela gótica. O Museu Paroquial, anexo à Capela do Espírito Santo integra, para além de um conjunto de interessantes peças de arqueologia e etnografia local, uma valiosa coleção de imaginária religiosa dos séculos XVI a XVIII, sendo a sua principal atração o presépio napolitano setecentista de 45 peças.

Serão apenas 6 km até ao cimo do Cerro de São Miguel (Barranco de São Miguel), a 411 metros de altura, de onde se vislumbra um dos mais belos panoramas do Algarve.

Na breve passagem por Quelfes, encanta o verde das figueiras e das vinhas envolvendo a povoação que, nas ruas em torno da igreja, ainda conserva casas de paredes brancas e chaminés rendilhadas. Nas proximidades, fica a ponte de origem romana reconstruída por diversas vezes



Museu Paroquial de Moncarapacho (St)

onde, em 1808, as tropas napoleónicas foram derrotadas num combate, ponto de partida para a sublevação de todo o Algarve.

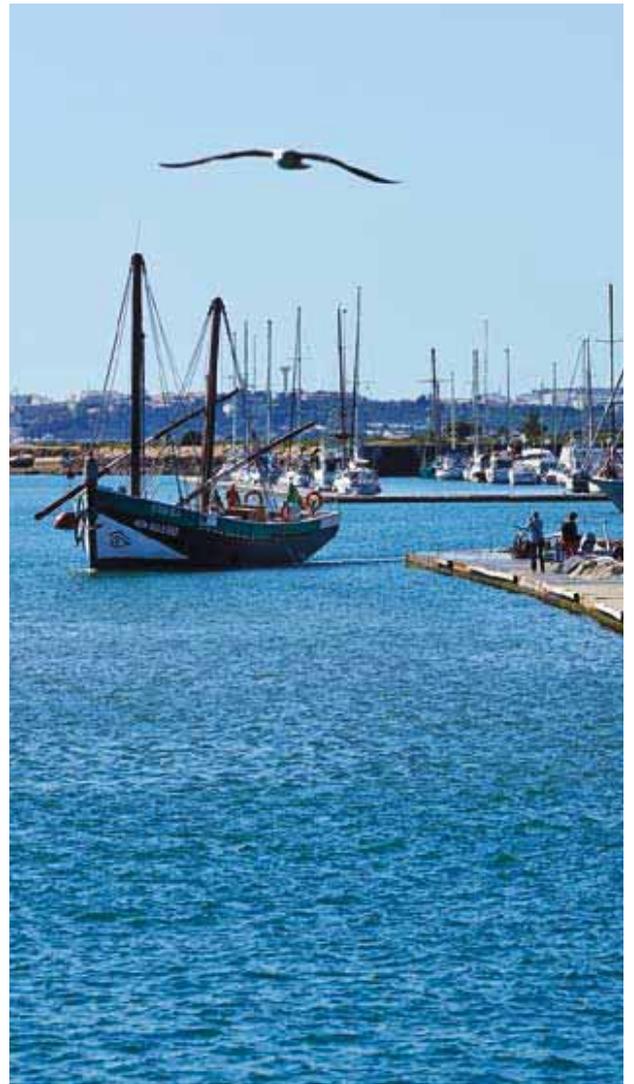
Uma das cidades que mais atrativa se mostra do Alto do Cerro de São Miguel é Olhão, com as casas de açoteias e minaretes, uma malha de cubos brancos que lhe valeu o epíteto de cidade cubista.

Olhão pede uma visita com vagar, para percorrer os recantos, os becos, o labirinto de ruelas e travessas estreitíssimas.

A origem da palavra Olhão remonta aos séculos XV/XVI. O “Logar de Olhão” possuía água em abundância e atraiu pescadores que ali se fixaram. O escritor Raul Brandão descreve-a como *“uma cidade entranhada de sal e de sol”*.

A visita à cidade do mar, deve terminar na marginal junto à ria refrescada por jardins e esplanadas onde se destaca o ambiente colorido do Mercado Municipal, que de dia cumpre a sua tradicional função e de noite acolhe uma animada vida noturna. É um espetáculo de cores, aromas e sabores, um prazer para os sentidos.

Junto da malha tradicional, a Igreja Matriz data de 1695 declara na fachada que foi edificada



Olhão (St)



Igreja Matriz de Olhão (St)

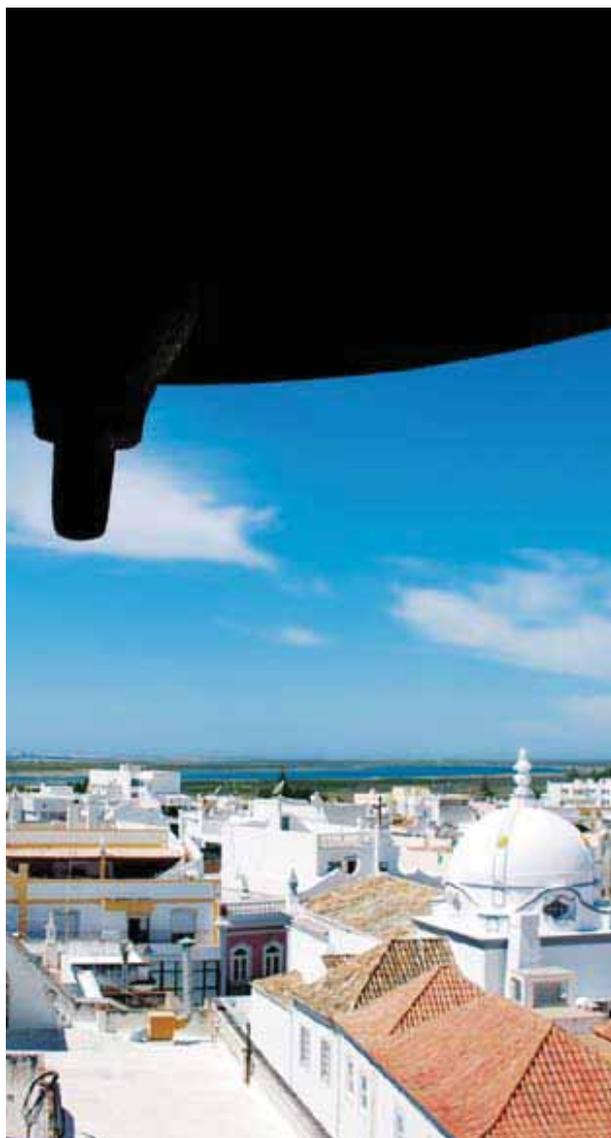
"À custa dos homens do mar deste povo se fez este templo em que só haviam umas palhotas". Foram esses mesmos pescadores que construíram no século XVII o primeiro edifício feito em alvenaria, a Ermida de Nossa Senhora da Soledade.

A partir da torre da Igreja Matriz, contempla-se o impressionante panorama da construção tradicional das casas olhanenses, tal cubos sobrepostos, açoteias para a seca do peixe, mirantes para vigiar o mar. Noutras ruas e avenidas há nobres fachadas enriquecidas em azulejos, varandas e ferros forjados.

Em qualquer lugar da cidade, por vezes no singelo restaurante ou na casa de petiscos, chegam à nossa mesa pratos da cozinha tradicional de confeção talvez simples, mas de paladar inesquecível.

Todos os frutos do mar participam na gastronomia de Olhão, desde o xarém com conquilhas, às lulas cheias à moda de Olhão, aos guisados de litão ou safo, ao arroz de lingueirão, aos chocos com favas, ou as famosas cataplanas em numerosas versões, uma cozinha de pescadores cheia de saberes.

A importância do marisco nestas terras é de tal ordem que merece, todos os anos em agosto, honras de um festival.



Olhão (PR)



Marisco (HR)



Aves (St)

Os doces também são uma tentação. Bolachas bêbedas, em que na receita entra aguardente; figos cheios, bolo de figo, empanadilhas e bolo de laranja e amêndoa são saborosas maneiras de terminar uma refeição.

É irresistível a proposta de conhecer a sede do Parque Natural da Ria Formosa.

Partimos ao longo de uma trilha que permite observar aves migratórias, plantas enraizadas em solos secos ou alagadiços.

O moinho de maré murmura canções líquidas conforme o mar sobe ou desce.

O Chalé do pintor João Lúcio, rodeado pelo misterioso pinhal, apresenta uma arquitetura esotérica e cheia de simbolismo. Lá dentro funciona uma ludoteca.

O Parque Natural da Ria Formosa abrange cerca de 17 mil hectares, de Cacela Velha ao Ancão e é uma porta para a descoberta do maravilhoso universo da fauna e da flora desta zona do litoral algarvio. O Centro de Informação e Interpretação, instalado na Quinta de Marim, a 1 km de Olhão, possui um museu e exposições dignas de visita.

Já de volta a Faro, seja marinhando ou por estrada, e neste caso usemos a EN 125, a gastronomia da capital oferece voluptuosos bivalves - amêijoas e conchas - seguidos de uma sopa de peixe típica, um apetitoso arroz de lingueirão, ou em alternativa a cataplana de tamboril ou de marisco, uns choquinhos fritos com tinta, pratos deliciosos e muito apreciados.

Haverá ainda tempo para nos perdermos na animada noite de Faro, onde os jovens da Universidade do Algarve, com irreverência e classe, protagonizam uma movida divertida a que não é alheia uma vasta oferta cultural.



Moinho de maré (HS)





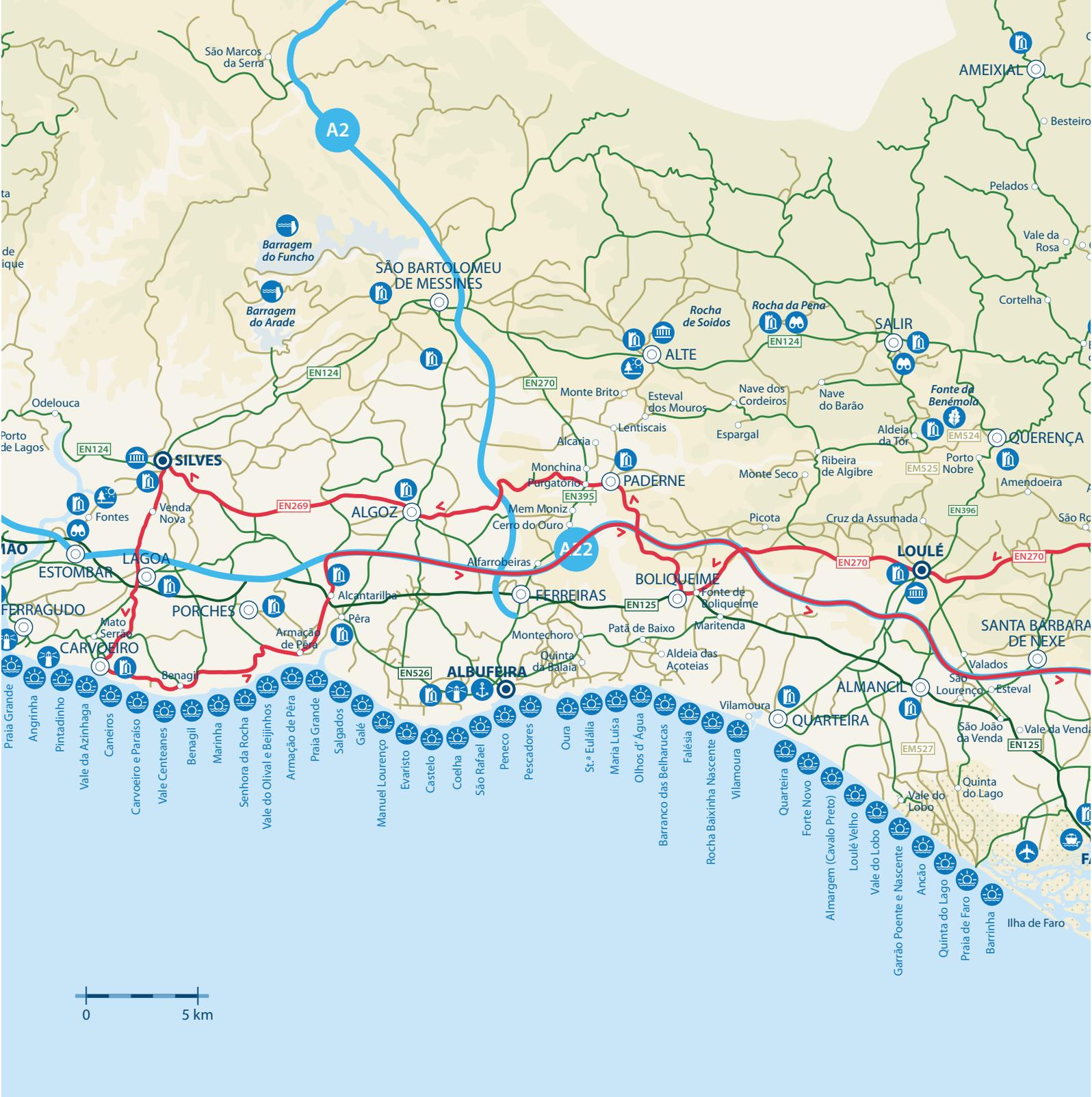
caminhos além do centro

O Algarve pela medida grande da trajetória do Sol. Levantarmo-nos com ele, bola vermelha que se atreve ao espaço dos lados da Andaluzia e terminarmos com ele desaparecendo no oceano eterno. Pelo meio, aventurarmo-nos para o oeste, pelas rotas do turista terrestre. Arriscarmos os caminhos das brisas serranas que fazem dançar estevas, urzes e medronheiros, dançarmos com eles por entre a sinuosidade dos caminhos deste Algarve outro, de Castro Marim a São Brás. Espantarmo-nos, senhores da paisagem, com inusitados precipícios rentes a estradas que se perdem no azul.

Rendermo-nos às delícias da paisagem mediterrânica que nos levam de Loulé a Paderne e a Silves, o Algarve das casas caiadas, das chaminés rendilhadas por onde o sol passa a custo, dos castelos que testemunham o começo da aventura. Descermos de novo ao litoral mas continuarmos em cima, apesar da descida: falésias a nossos pés, casinhas de brincar do tamanho de uma mão no presépio do Carvoeiro, deslumbrarmo-nos com a branca areia fina, quiçá mergulhar antes do regresso pelo barrocal e desse outro mergulho no cosmopolitismo da cidade maior.

Perdermo-nos nos labirintos de Olhão, perder a vista nesses outros labirintos, os canais da Ria Formosa, as ilhas, ousar apontar binóculos para o festival de azuis e descobrir uma ave de África.

No fim, visitar as mil igrejas de Tavira, subir e descer as encostas pedrosas da cidade do Gilão, antes de regressarmos a casa e repousarmos a vista de novo a leste do paraíso, do outro lado do Guadiana.



caminhos além do centro

PERCURSO

Vila Real de Santo António > Castro Marim > Santa Catarina da Fonte do Bispo >
 São Brás de Alportel > Loulé > Boliqueime > Paderne > Silves > Lagoa > Carvoeiro >
 Alcantarilha > Estoi > Faro > Olhão > Tavira > Cacela Velha > Vila Real de Santo António



LEGENDA

	Aeroporto		Cais de Embarque		Marina		Museu
	Barragem		Cais Ferryboat		Miradouro		Praia
	Espaço Natural de Recreio e Lazer		Farol		Monumento		Reserva Natural
	Autoestrada		Estrada Nacional 125		Rota		Ponto de Partida
	Estrada Nacional		Estrada Municipal		Sentido da Rota		Zona Protegida

Os Caminhos Além do Centro são uma proposta para se deslindarem os trilhos do litoral e da serra das outras zonas do Algarve. No final, teremos um álbum fotográfico incomparável.

No litoral, as praias extensas e de águas mansas do Sotavento, são substituídas pelo recorte caprichoso das falésias, e pequenas conchas de areia surpreendentes no Barlavento. Nas cidades, sobressai a herança islâmica de Silves, a identidade senhoril de São Brás de Alportel, a vivacidade de Loulé, a imponência de Faro, a graciosidade de Tavira.

Antes de partir à descoberta, impõe-se um olhar mais atento sobre Vila Real de Santo António, ponto de partida desta rota.

Criada em 1774 em plena era do Iluminismo, como uma réplica da planta da baixa lisboeta, definida após o terramoto de 1755, a arquitetura



Praça Marquês de Pombal (PR)



Centro Cultural António Aleixo (St)

do seu centro histórico distingue-se pela sobriedade das suas construções, as ruas geometricamente perpendiculares convergindo para a Praça Marquês de Pombal. A zona baixa é o paraíso das compras, com as suas centenas de lojas e esplanadas. O antigo mercado, agora transformado no Centro Cultural António Aleixo, substituiu as bancas de peixe, frutas e legumes por salas de cultura.

A cidade esteve desde sempre associada à pesca, *ferryboats* cruzam o rio para a outra margem, até à vizinha espanhola Ayamonte, enquanto outros sobem e descem o Rio Guadiana e a sua doca de recreio que dá um ar cosmopolita à avenida da República, marginal encantadora.

O farol vigia a costa e toda a cidade, oferecendo do seu topo uma ampla visão da foz do Rio Guadiana, do verde intenso do pinhal, ali plantado para proteger as dunas que enquadram a bela baía de Monte Gordo, das praias a perder de vista, banhadas pelo Atlântico que aqui se mostra quente e manso.

A norte, a Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António é um reino deslumbrante, abrigando uma flora única e múltiplas espécies de aves. Ao odor da maresia mistura-se o perfume silvestre e o sapal, encharcado pelo vaivém da maré, pulsa de vida: peixes,



Dias Medievais de Castro Marim (RTA)

moluscos e crustáceos, encontram um habitat propício.

A cidade orgulha-se também da sua rica gastronomia com os famosos pratos confeccionados à base de atum, uma tradição que vem de muito longe. Acrescentem-se as conchas ou os saborosos camarões de Monte Gordo, os grelhados, as saladas frescas de frutos do mar.

Sairemos da cidade pelo norte, em direção a Castro Marim (IC 27) serpenteando por entre as salinas exploradas artesanalmente, que refletem na sua alvura a luz do sol. No horizonte, esvoaçam aves e o Guadiana esparrama-se em águas calmas.

Castro Marim é uma das localidades mais antigas do Algarve, e importante centro do domínio árabe até 1242. A vila já esteve mais próximo do mar e constituía uma ilha rodeada por águas baixas, um porto importante, de onde partia a estrada romana que, paralela ao Rio Guadiana, passava por Alcoutim, Mértola e Beja, chegando a Lisboa.

A sua posição estratégica face à fronteira com o reino de Castela e a necessidade de rechaçar os ataques mouros vindos do norte de África, justificam o castelo, o forte de São Sebastião e as muralhas. As suas ameias proporcionam um miradouro ímpar de toda a zona envolvente. Com este lastro histórico é fácil entendermos porque estão tão entranhadas no imaginário popular as lendas de princesas mouras e valerosos cavaleiros que as pretendiam arrebatrar aos encantamentos.

Não é difícil descobrir artesanato genuíno, que faz as delícias de quem aprecia a arte popular: miniaturas em madeira, cestaria em cana, rendas de bilros ou tapeçaria, em peças únicas e originais.

Os Dias Medievais de Castro Marim são um interessante festival que todos os anos em agosto traz para as ruas um vistoso cortejo em que participam todos os habitantes com trajes da época.

A nossa sugestão é aproximarmo-nos do centro do Algarve pela Via do Infante, cujo nó de acesso está a centenas de metros. Usufruir da modernidade depois de apreciar o património histórico



Salinas (PR)



São Brás de Alportel (St)

é um contraste agradável e estimulante.

Nas diversas zonas de paragem da via rápida, é possível desfrutar de um panorama que surpreende pela sua diversidade.

A sul e até à orla marítima, anteveem-se as aldeias piscatórias e as cidades costeiras tendo o azul do mar por limite. A norte, estão as terras do barrocal, forradas de alfarrobeiras ou bucólicos pomares de amendoeiras.

Até ao nó de Tavira não serão mais do que 20 km e aí toma-se a direção de São Brás de Alportel através da EN 270.

Após 7 km, estaremos em Santa Catarina da Fonte do Bispo, aldeia que fazia parte da rota dos contrabandistas, utilizada até finais do século XIX e que ligava a costa atlântica, passando por Monchique, até à fronteira do Rio Guadiana. Rodeada por pomares onde vicejam amendoeiras e laranjeiras, dos seus solos calcários sai o barro usado para fazer os ladrilhos, os azulejos, o tijolo burro (maciço) e a telha mourisca. A Associação de Telheiros Artesanais, sob marcação prévia, proporciona visitas aos telheiros, uma atividade multissecular.

Trabalhar o barro tem que se lhe diga. Antes de a roda de oleiro girar, há que extrair a pasta do filão subterrâneo, retirar-lhe as impurezas: um pequeno tronco, uma pedra, são suficientes para quebrar as peças. Os fornos são alimentados previamente pela lenha de azinho e depois pela casca da amêndoa, que deixa no ar um cheiro a terra. O produto final, depois da brunidura, leva uma aguada de cal para clarear e ficar mais resistente.

Tomando a direção oeste, bastam 9 km para se chegar a São Brás de Alportel.

Xanabus ou *Xanabras* – é o âmago da indústria corticeira, ponto de cruzamento das estradas que uniam Loulé a Tavira e Faro a Almodôvar (Alentejo), desde do tempo dos Romanos. “A Calçadinha” é um dos vestígios da época, ainda visível.

Os sobreiros, os eucaliptos, os pinheiros e os medronheiros sombreiam as encostas em redor da vila.



Museu do Traje do Algarve (St)

Visite-se também o Jardim do Episcopado também conhecido por Jardim da Verbena, com o seu bonito coreto.

De seguida, há que rumar ao Museu do Traje do Algarve integrado na Casa da Cultura António Bentes, sedeadada num palacete de inspiração mourisca, com o seu curioso espólio de indumentárias das gentes algarvias de antigamente e de brinquedos.

Realmente curiosos são os nomes das aldeias deste concelho. Tareja, Desbarato, Tesoureiro, Parisés, Mealhas ou Mesquita são apenas alguns exemplos. Em quase todas, os artesãos mantêm as suas tradições. As mantas de retalhos, os cestos de vime e de cana, as vassouras e os pincéis, a latoaria, o trabalho de ferro forjado, as colheres de pau, desenvolvem-se a par e passo com a produção de mel, queijos, enchidos, medronho ou doces regionais.

Uma gastronomia rica e diversificada em que os pratos de caça atingem a excelência, é completada pela doçaria com o morgado serrano a ocupar lugar de destaque.



Mãe Soberana (St)

Mantendo o mesmo sentido e a mesma estrada, dirigimo-nos a Loulé. Importante centro urbano árabe até 1249, a criação da feira franca, em 1291, tornou Loulé um dos grandes centros do Algarve medieval.

A história respira nas muralhas, de origem árabe, a cultura pontifícia no convento do Espírito Santo, transformado em galeria de arte. É com o carnaval, que Loulé se transforma, durante três dias de intensa folia, no centro de animação de todo o Algarve.

Na saída para Boliqueime, seguindo a EN 270, avista-se à esquerda a Mãe Soberana, num outeiro servindo de miradouro sobre a cidade, os campos e o mar. Este é um monumento do século XVI, estilo Renascença, dedicado a Nossa Senhora da Piedade, padroeira de Loulé. As lendas sobre a Mãe Soberana datam de alguns séculos atrás.

Uma delas está ligada à construção da igreja, prevista inicialmente para próximo de uma gruta. Os operários deixavam na obra as suas ferra-

mentas e no dia seguinte, sem se saber como, encontravam-nas no cimo do cerro, pensaram então que a Santa não queria a sua igreja escondida numa cova. Assim se edificou a pequena ermida no cerro que se avista em volta de Loulé. A procissão que se realiza em sua honra, no período da Páscoa, é uma das mais impressionantes e participadas do sul de Portugal.

Milhares de pessoas acenando lenços e gritando louvores, acompanham o andor na íngreme subida que conduz ao santuário, feita em passo de corrida pelos carregadores.

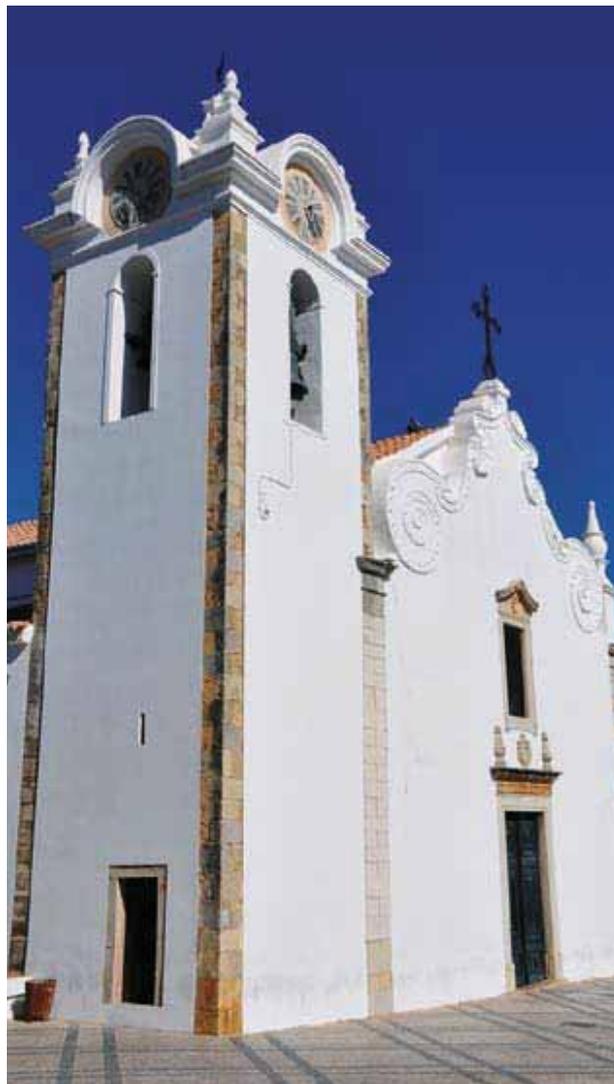
Ainda e sempre pela EN 270, a próxima paragem é em Boliqueime que se ergue a meia encosta, rodeada de montes e serros, exceto pelo sul.

O topónimo, que em italiano e significa olhos de água, é atribuído aos genoveses, sicilianos, e venezianos que nos séculos XIII, XIV e XV andavam na pesca do atum e da baleia nas costas do Algarve e depararam com este ponto muito abundante de água potável.

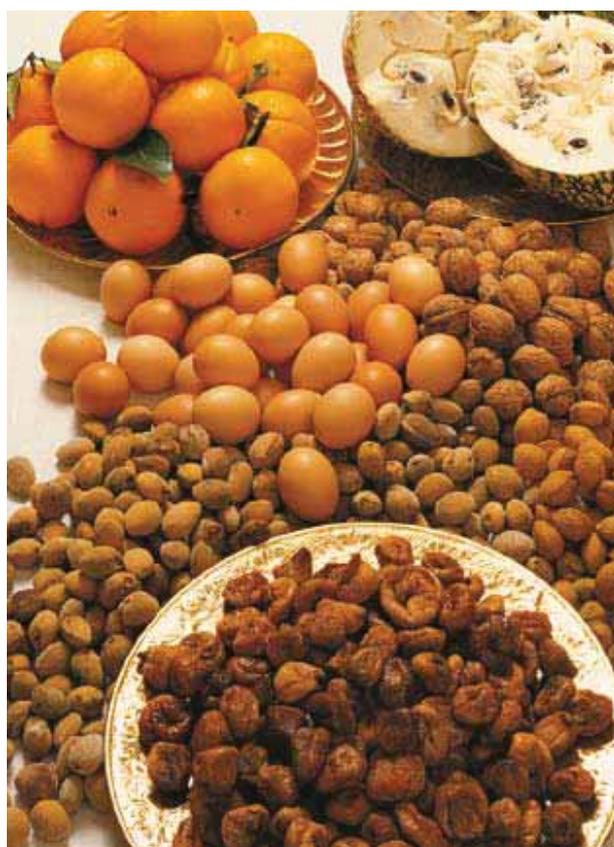
O primeiro povoado era mais próximo do mar, provavelmente na atual Praia dos Olhos de Água. A mobilidade da orla marinha e os terramotos fizeram recuar o povo já por duas vezes, até à localização de hoje. Boliqueime Velho (1 km a sul) foi destruído pelo terramoto de 1755. O rei D. João I mandou fazer aqui os primeiros ensaios da plantação de açúcar, tal a riqueza do solo. Na zona mantém-se um importante centro de transformação da alfarroba, ou pão de São João. Assim se chama porque São João Batista dela se alimentou no deserto, o que prova o alto valor energético do fruto. Durante a descasca e preparação exala um cheiro doce e inconfundível. Nas margens próximas da Ribeira do Algibre colhe-se a cana que serve para os trabalhos artesanais de cestaria, uma larga tradição, pois era nas ceiras e açafates que se embarcavam para a Flandres os frutos secos.

Muito curta é a distância até à quinta do célebre Morgado da Quarteira doado em 1297, por D. Diniz a Martim Marcham e onde hoje se ergue o complexo turístico de Vilamoura.

É necessária atenção para não falhar a saída de Boliqueime em direção a Paderne, retomando



Igreja Matriz de Boliqueime (PR)



Frutos secos (RTA)



Castelo de Paderne (St)

Existe um curto percurso pedestre em torno do castelo, passando por uma ponte medieval, com um troço da antiga calçada e desembocando numa azenha com o seu açude.

Abandona-se Paderne em direção a Silves onde se tomará a ER 269, que passando pelo Algoz nos levará até Silves.

Sobranceira ao Rio Arade a antiga capital islâmica, notável no passado pelo seu desenvolvimento, tanto cultural como comercial, impressiona ainda hoje com o castelo dominando altaneiro. Construído em grés, pedra de tom ruivo, e rodeado pela antiga Sé de Silves e o casario branco, surge-nos imutável, como se o tempo não passasse.

A ponte românica estende-se graciosa, e pelas ruelas estreitas subiremos até ao amplo Largo do Município, onde está o Pelourinho, as Portas da Cidade e o edifício dos Paços do Concelho. Ali ao lado, após o Torreão das Portas da Cidade, está o Museu Municipal de Arqueologia, que alberga no seu interior um dos mais notáveis poço-cisterna do século XII existentes no Al Andaluz. Uma visita à antiga Sé torna-se também indispensável.

de novo a EN 270. O percurso vai-se desenrolando colinas acima, com a paisagem a compensar largamente as curvas um tanto apertadas.

Paderne localiza-se numa colina suave, o seu branco casario antigo a destacar-se da paisagem circundante. Na rua principal há uma interessante chaminé decorada do século XVIII. Num cerro próximo o castelo difere do habitual: não é feito de pedra, mas de taipa, uma técnica de construção militar árabe, mistura de areias e cal *“tão forte e tenaz que excede em dureza as muralhas de pedra”*, dizia Ataíde de Oliveira, o primeiro arqueólogo algarvio.

É um dos mais antigos castelos do Algarve figurando na Bandeira de Portugal e admite-se que a primitiva fortaleza fosse construída pelos lusitanos. Castro lusitano, forte romano, alcáçova militar árabe, castelo cristão, é rico o acervo histórico de Paderne.



Igreja Matriz de Paderne (St)

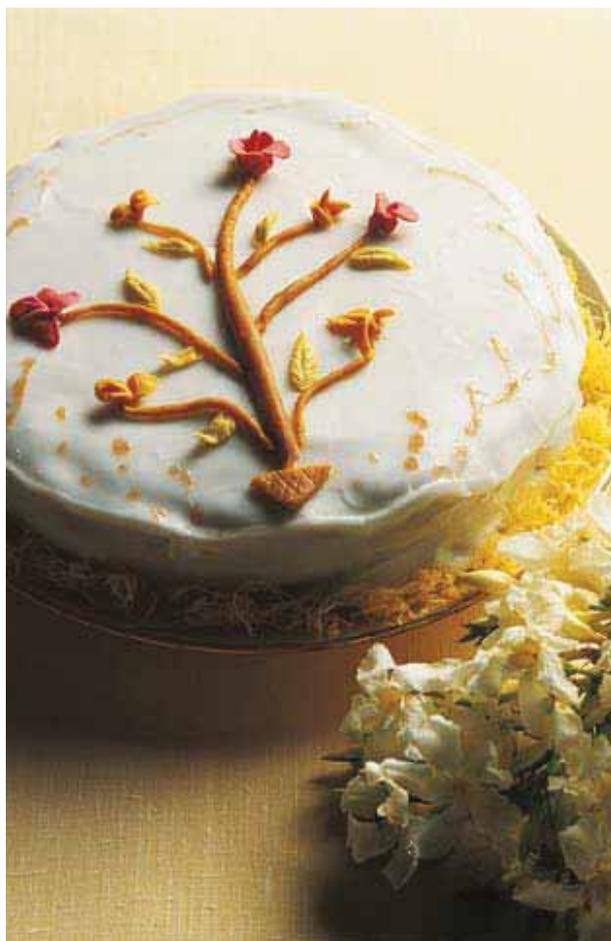
No interior do castelo, um jardim e ruínas arqueológicas não deixam esquecer uma subida até às muralhas, o melhor e mais bonito miradouro da cidade.

A tradição gastronómica faz a síntese entre os produtos do mar e da terra e a doçaria esmera-se no bolo real, no morgado de Silves, doce de ovos ou nas meias luas. Terra da laranja, não há como comprá-las, doces e sumarentas, no animado mercado local, onde ecoa o doce e estranho sotaque local, bem diferente de outros pontos do Algarve.

É em Silves que faz todo o sentido a bela lenda das amendoeiras.

Conta esta lenda que um príncipe mouro da região de *Al-Gharb* se apaixonou por Gilda, filha de um grande senhor do norte, que derrotara em combate e ela por ele.

Quando chegou ao seu novo reino, a princesa foi ficando cada dia mais triste. Sofria a princesa, sofria o jovem mouro por vê-la triste, sofria o



Morgado de Silves (RTA)



Flor de amendoeira (RTA)

povo por ver sofrer o seu senhor e a sua princesa. Ninguém conseguia encontrar a cura para tão funda desolação.

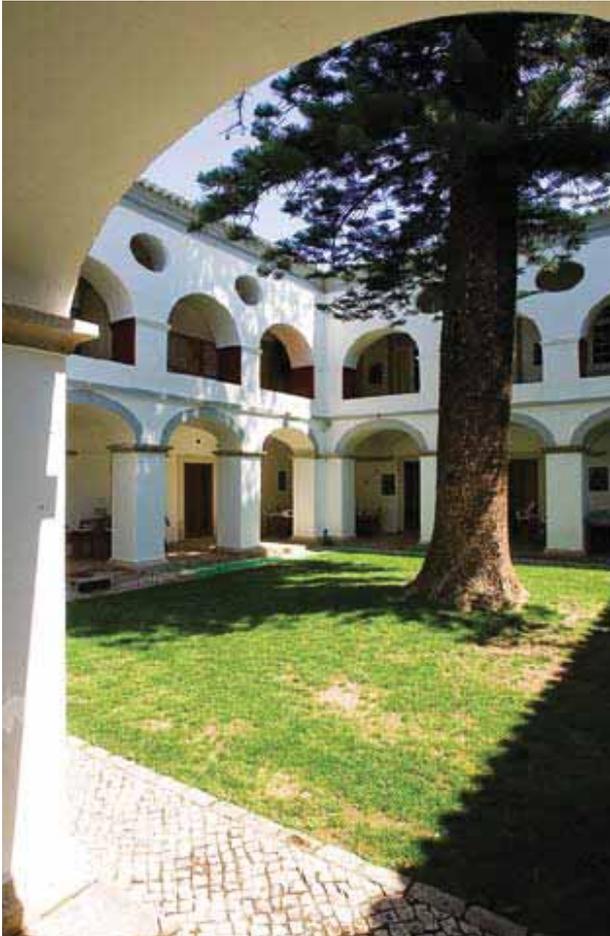
Veio-lhe então a ideia de mandar plantar milhares de amendoeiras que, ao florirem, cobririam de minúsculas pétalas alvas, os montes e vales em redor do palácio. E num belo dia de inverno o palácio acordou com um maravilhoso manto de “neve” cobrindo os campos à sua volta.

E conta a lenda que Gilda imediatamente se curou, ao olhar a bela paisagem, vivendo a partir daí feliz no *Al-Gharb*, terra quente, onde desde esse dia até hoje, em todos os invernos se repete o milagre das amendoeiras em flor.

A lenda das amendoeiras inspirou muitos poetas e escritores, como o trovador José Carlos Ary dos Santos, que criou *O Romance da Princesa do País dos Gelos* que em Terras da Moirama suspirava. O poeta escreveu-o “em louvor da fantasia de um povo que nasce vive e morre entre o céu e a água”.

Eis alguns excertos desse belo poema, inspirado na Lenda das Amendoeiras:

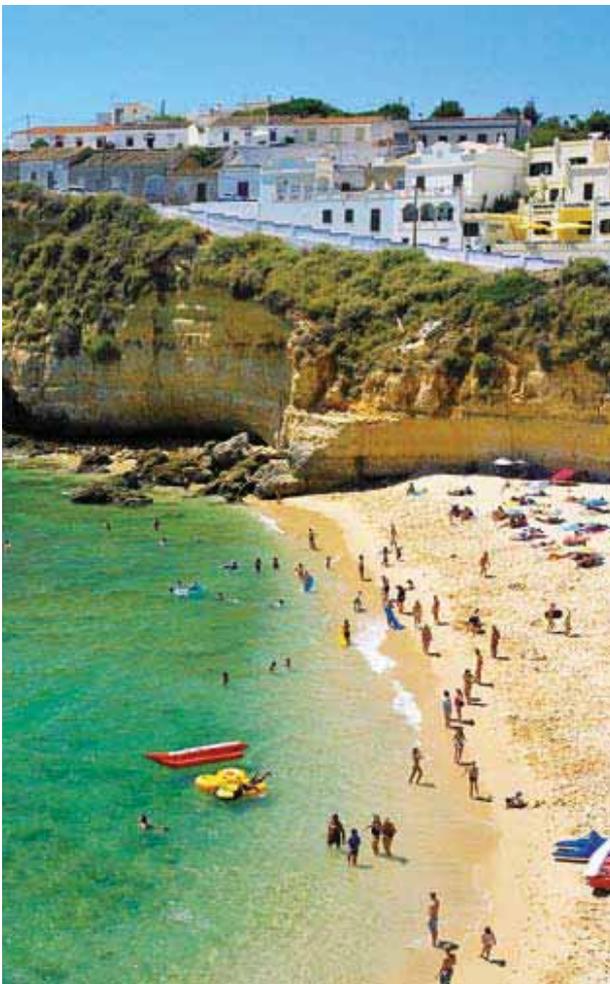
Convento do Espírito Santo (St)



(...) *A Princesa:*
 Ai portas do meu silêncio.
 Ai vidros da minha voz.
 Ai cristais da minha ausência
 da terra dos meus avós
 e desatavam-se em soluços
 os seus cabelos desfeitos.

(...) *O Rei:*
 Dizei-me magos oragos
 anões duendes profetas
 adivinhos e jograis
 sagas videntes poetas
 como hei de secar o pranto
 daqueles olhos de rio
 como hei de calar os ais
 daquela boca de estio
 como hei de quebrar o encanto
 que numa tarde de pedra
 talhada pela tristeza
 selou com dedos de chumbo
 o sorriso da princesa
 que suspira pela neve
 na ponta do fim do mundo.»

Praia do Carvoeiro (HR)



Embalados pelo ritmo de Ary dos Santos, seguiremos para Lagoa, a que no passado árabe se chamou Abenabece aparentemente devido a um lago que ficava próximo.

Protegida a noroeste pela Serra de Monchique e a nordeste pela Serra do Caldeirão, Lagoa usufrui de um clima ameno de suaves invernos e verões frescos ideais para a prática do golfe, dos passeios equestres, cicloturismo ou passeios a pé.

O Convento do Espírito Santo, transformado numa Galeria de Arte, possui uma roda de expostos, onde antigamente se depositavam sob anonimato crianças para que fossem criadas pelas freiras. O jardim alberga um menir encontrado na freguesia. Nos arredores, Porches juntava inúmeros oleiros, tradição que ainda se mantém.

A escassos 5 km de Lagoa fica o Carvoeiro, uma pitoresca praia com o casario em anfiteatro a debruçar-se sobre a areia pejada dos coloridos barcos dos pescadores artesanais. A 800 metros estão as insólitas formações rochosas do Algar Seco, esculpidas pelo vento e pelo mar com as

suas formas fantasiosas e a romântica Varanda dos Namorados. O Carvoeiro é o local indicado para iniciar uma fascinante viagem de barco pelas grutas que as falésias guardam, desvendando secretos acessos ao mar. A importância estratégica de Carvoeiro é de tal ordem que aparece naquele que é considerado o primeiro mapa impresso em Portugal, baseado num outro editado no ano de 1561 em Roma.

Uma boa surpresa é a Praia do Carvalho um estranho local de acesso escondido entre as rochas.

Uma vez lá chegados, as águas cristalinas e a moldura feérica das falésias compensam largamente.

Do Carvoeiro, pela estrada junto às falésias, que passa por Benagil seremos conduzidos até Armação de Pêra onde existiu a armação da sardinha e do atum, artes de pesca que originaram o nome. A pequena povoação de pescadores, rente a uma vasta praia de águas calmas e de um imenso azul, beijando teimosa e repetidamente uma areia fina e dourada pelo Sol, é hoje uma estância cosmopolita.

Este pedaço da costa alcantilado, não tem comparação em nenhum outro local do Algarve. Destaque para a belíssima paisagem disponível junto à Capela da Nossa Senhora da Rocha outrora um baluarte defensivo contra os ataques da pirataria, e refúgio dos que trabalhavam no mar e a usavam para se defender do saque. Ao fundo, a paradisíaca Praia da Senhora da Rocha. Aninhada numa ampla baía que se estende desde a da Ponta da Galé até aqui, com belas praias como a dos Pescadores (Albufeira) da Praia Grande ou dos Beijinhos.

Partiremos agora pela EN 125 para Alcantarilha uma terra em presépio onde a igreja domina a povoação que se espraia cenicamente pela colina.

Não vá a Rota ficar demasiado extensa, a Via do Infante coloca-nos num instante junto a Faro. Ao deixar a via rápida, em 2 km estaremos em Estoi, onde as Ruínas de Milreu apresentam a descoberto uma casa senhorial romana e um templo, do século III. A *villa* foi embelezada com mosaicos, com a representação de fauna marinha.



Praia do Carvalho (HR)



Capela da Nossa Senhora da Rocha (HR)



Igreja Matriz de Olhão (St)

Voltaremos à EN 125 para ir a Olhão talvez para assistir ao festival do marisco em agosto, dar um passeio no jardim dos pescadores na marginal ou então percorrer os recantos, os becos, o labirinto de ruelas e travessas, à moda do sul.

O ambiente colorido do mercado estende-se ao longo de todo o dia.

De manhã vende-se peixe acabado de pescar, de tarde as esplanadas são o ponto de encontro e à noite funciona uma zona de bares mesmo junto à ria. É um espetáculo de cores, aromas e sabores, um prazer para os sentidos.

A Igreja Matriz, construída em 1695, ostenta na fachada a seguinte inscrição “À custa dos homens do mar deste povo se fez este templo em que só haviam umas palhotas”.

Próximo fica o Compromisso Marítimo, fundado no século XVIII, com a fachada marcada pelos dois telhados de tesoura tendo, ao centro, uma cúpula de capela. É a partir da torre da igreja que se contempla todo o vasto e impressionante panorama da construção tradicional de Olhão, a vila cubista.

Na banheira das termas os peixes são representados, mas exageradamente gordos. Esta particularidade é intencional, pois vistos através da água, por ilusão ótica, não só aparentavam mover-se, como as suas dimensões ficam reduzidas à normalidade.

No Centro Interpretativo e de Acolhimento há informação sobre todo o complexo.

Será pela campina fértil e florida que nos aproximaremos de Faro, a capital do Algarve. Muitos são os tesouros de *Faroon*, a exigir passeio demorado.

É incontornável a beleza da Vila Adentro, o centro histórico reúne a Sé, o Convento de Nossa Senhora da Assunção, o Arco do Repouso – onde D. Afonso III descansou – e o Paço e Seminário Episcopal. A rua de Santo António e adjacentes, de acesso unicamente pedonal aliam a tradição à sofisticação de lojas modernas.



Murallas de Faro (St)

As casas, com as açoteias a substituírem os telhados sugerem cubos sobrepostos.

Todos os frutos do mar participam na gastronomia de Olhão, desde o xarém com conquilhas, às lulas cheias à moda de Olhão, aos guisados ou caldeiradas de litão ou safio. Surpreendente é o arroz de lingueirão, ou os chocos com favas.

Já a caminho de Tavira, não podemos prescindir de uma visita ao Parque Natural da Ria Formosa, com sede a menos de 2 km da cidade. Partimos ao longo de um trilho que nos permite observar as aves migratórias, a adaptação das plantas aos diversos habitats. O moinho de maré está restaurado, e o murmúrio das vagas rivaliza com o cântico das aves.

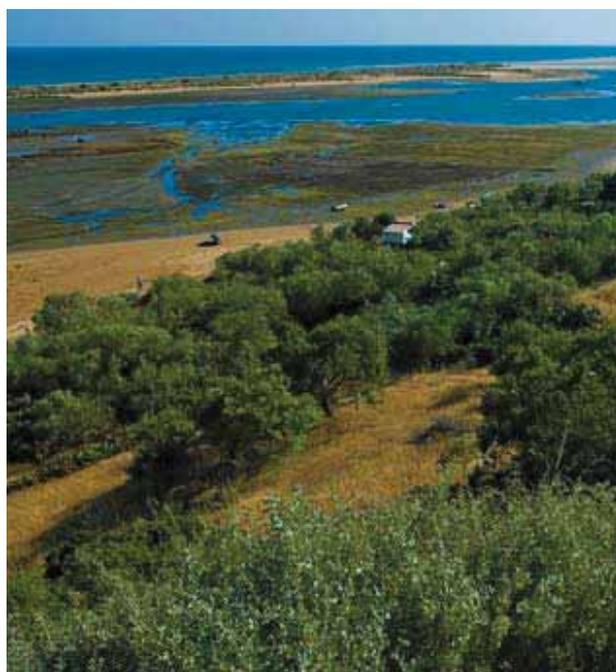
Carreiras regulares, ou barcos de aluguer, levam-nos às ilhas da Culatra, da Armona e do Farol, à descoberta das belezas da Ria Formosa.

Terra de muitas lendas, Olhão tem na história de Floripes uma moura encantada, muito linda, uma prova do poder que a Ria Formosa exerce sobre os olhanenses. Os mais velhos contavam que em determinadas noites se ouve o seu lamento cantado, suplicando que a desencantem, prometendo em troca felicidade e riqueza.

A dificuldade reside nas duras provas necessárias para tal empresa: ir a pé com uma vela acesa até uma das ilhas e voltar, durante a maré vazia. Caso



Ilha da Armona (HR)



Cacela Velha (LC)

a vela se apague durante os trajetos, o aventureiro seria submerso pelas águas. Os homens do mar continuam ainda a reear o chamamento de Floripes e muito poucos se aventuram a passar à noite no local das aparições e receando os chamamentos.

Estamos já de regresso ao Sotavento, e continuamos na zona da costa abrangida pela Ria Formosa, que de Faro até Cacela Velha vai formando pequenas ilhas de areia e outras tantas praias de sonho, como a Fuseta ou Cabanas.

Chegaremos a Tavira para nos encantarmos com o Rio Gilão, onde a cidade, garrida, se mira. O rio divide-a em duas partes, reunidas entre si por meio duma bela ponte medieval composta por sete arcos.



Tavira (LC)

Tavira possui ruas muito belas, um centro histórico que vai subindo em ruelas estreitas até ao castelo.

Foi pertença dos Mouros, como atestam as inúmeras torres das igrejas, onde outrora existiam os minaretes das mesquitas. Recomenda-se a visita ao centro de exposições do Palácio da Galeria, ao castelo, ou a uma das muitas igrejas que Tavira tem para oferecer. Valerá a pena, por isso, tomar assento no minicomboio elétrico e seguir a carreira do património e também aquela que liga a cidade às Quatro Águas, onde se apanha o barco para a maravilhosa ilha de Tavira, seguramente uma das melhores praias do Algarve.

Haverá ainda tempo para se apreciar um fabuloso pôr do sol junto ao forte de Cacela Velha, uma pitoresca aldeia no topo de uma arriba arenosa fronteira à Ria Formosa.

Possivelmente fundada pelos Fenícios, por volta do ano 800 a.C. na região habitava também a tribo lusitana dos Cúneos.

Ao chegarmos à aldeia, belos exemplares de arquitetura popular mostram-nos outro Algarve, mais genuíno. O mar despede-se de nós brilhando intensamente, despedimo-nos nós do sol para ir em busca de umas deliciosas ostras, umas amêijoas, um bom peixe grelhado ou um saboroso prato de marisco salteado, antes de voltarmos a Vila Real de Santo António onde se acaba a rota dos Caminhos Para Além do Centro.



Amêijoas (PR)



rotas e caminhos do sotavento

Seguindo a estrada líquida do Rio Guadiana, em busca de segredos seculares, ou vagueando pelos paraísos da Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António e do Parque Natural da Ria Formosa, estas são as rotas dos azuis cálidos do mar, do verde intenso da Serra do Caldeirão, dos agrestes planaltos do nordeste, das curvas sensuais das dunas da baía de Monte Gordo. Tavira vai surgir refletida no Rio Gilão, envolta na luminosidade única das suas belas igrejas. São Brás de Alportel, senhoril e grave, é um magnífico miradouro sobre os verdes da serra. Alcoutim desce de escanilhão até às águas do Rio Guadiana, a proximidade alentejana a perfumar a sua gastronomia de ervas de cheiro.

Descobriremos uma outra dimensão do tempo, sotaques cantantes, lendas antiquíssimas, mares de terra na serra profunda, vagas quentes e calorosas nas praias da baía.

Haverá encantamentos irresistíveis, a que cedemos gostosamente, para navegar sobre os rios, descobrir o passado por entre os testemunhos de pedra, ver o Sol mergulhar no mar enquanto nos deleitamos com frutos do mar, e nos preparamos para saborear noites bem dispostas e cheias de animação.

As Rotas do Sotavento desvendam alternativas tentadoras para umas férias inesquecíveis.



índice

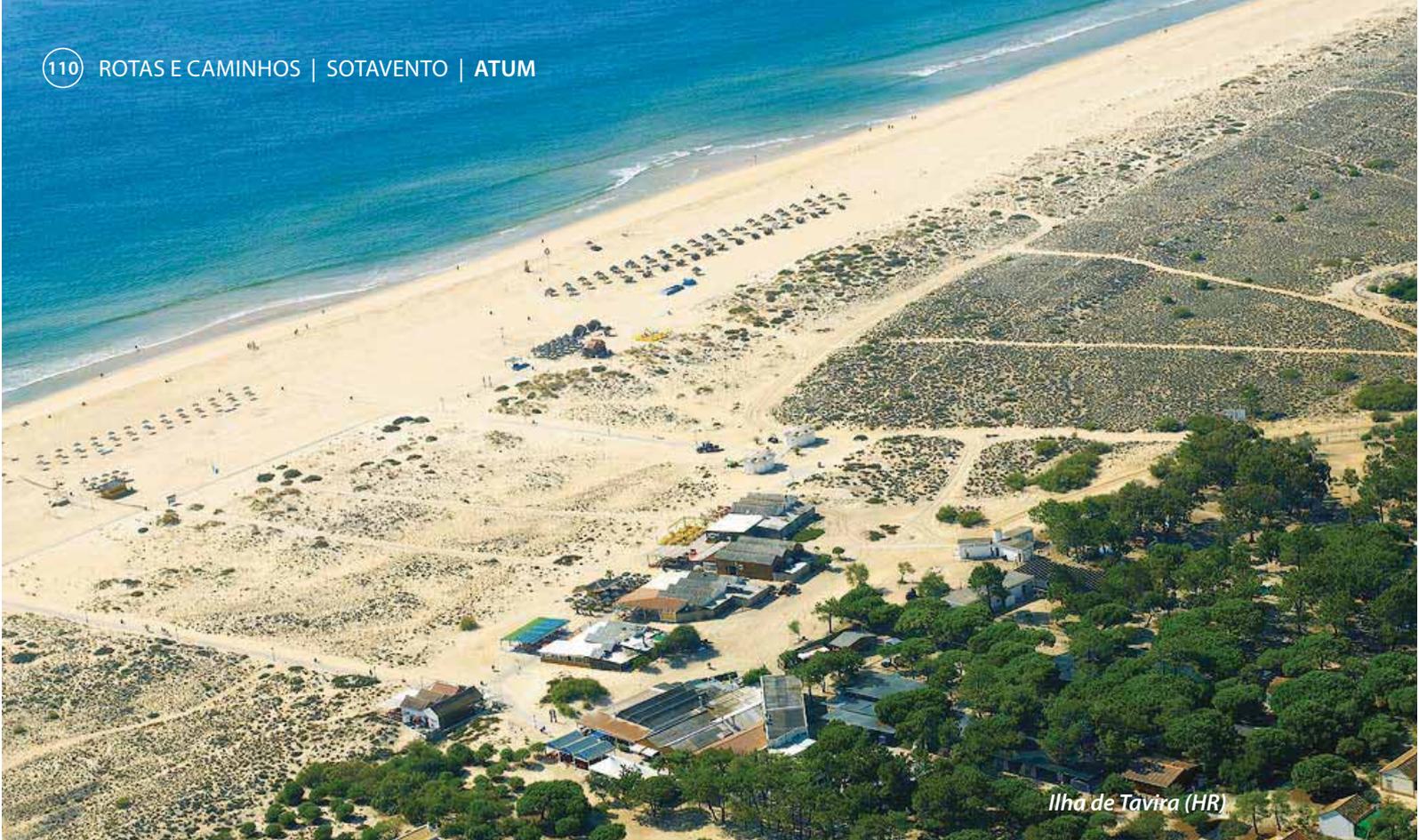
- 108** | **ROTA DO ATUM** **+/- 72 km**
 Monte Gordo » Vila Real de Santo António » Castro Marim » Aldeia Nova » Manta Rota » Cacela Velha » Fábrica » Cabanas » Tavira » Ilha de Tavira » Vila Real de Santo António » Monte Gordo
A Rota do Atum vai desenrolar-se sob o signo do azul do oceano, do amarelo dourado das areias, do verde dos pinhais, do branco da cal e do sal, mergulhando em plena Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António, lar de muitas espécies de aves.
- 118** | **ROTA DA SERRA** **+/- 115 km**
 Tavira » Cachopo » Água dos Fusos » Mealha » Anta das Pedras Altas » Corte João Marques » Ameixial » Besteiros » Catraia » Cortelha » Barranco do Velho » Alportel » São Brás de Alportel » Javali » Pereiro » Foupana » Santo Estevão » Luz de Tavira » Santa Luzia » Tavira
A Rota da Serra, partindo de Tavira, vai deambular pela face virada para o mar da Serra do Caldeirão, aliando oliveiras e amendoeiras, misturando-se estas com as figueiras, alfarrobeiras e palmeiras. Colinas suaves até ao mar. Uma paisagem impressionante, por vezes ondulando, outras precipitando-se em barrancos.
- 128** | **ROTA DO GUADIANA** **+/- 163 km**
 Castro Marim » Monte Francisco » Junqueira » Azinhal » Alcária » Foz de Odeleite » Álamo » Guerreiros do Rio » Alcoutim » Pereiro » Alcarias » Martim Longo » Vaqueiros » Cortelha » Corte do Gago » Santa Rita » Vila Nova de Cacela » Cacela Velha » Castro Marim
A Rota do Guadiana vai em busca dos segredos de uma cultura secular, do tempo do Al-Andaluz. Seguirá o Guadiana, o rio grande do sul, estrada azul por onde vários povos circularam intensamente, através de paisagens de encanto, onde o Homem deixou a sua marca, sem no entanto impedir que outras espécies aí vivessem, num equilíbrio notável.
- 140** | **CAMINHOS ALÉM DO SOTAVENTO** **+/- 351 km**
 Faro » São Lourenço » Almancil » Quarteira » Vilamoura » Albufeira » Armação de Pêra » Porches » Lagoa » Carvoeiro » Ferragudo » Portimão » Odiáxere » Lagos » Vila do Bispo » Sagres » Carrapateira » Bordeira » Aljezur » Marmeleite » Monchique » Picota » Silves » Faro
Os Caminhos Para Além do Sotavento levam-nos para as terras mais a ocidente, ou do Barlavento, uma rota que permite a quem está no leste ou a Sotavento, ficar a conhecer a diversidade que o Algarve possui na outra extremidade. No litoral, as praias extensas do Sotavento, são substituídas pelo recorte caprichoso das falésias do Barlavento. Às ondulações do Caldeirão e planaltos do nordeste, contrapõe-se o jardim selvagem de Monchique, o odor atlântico da Serra de Espinhaço de Cão. Nas cidades, sobressai a herança islâmica de Silves, a identidade de Portimão, a vivacidade de Lagos e a imponência de Faro.





rota do atum

Do ensopado reino dos pernas-longas – esguias aves convertidas em símbolos, em Castro Marim – ao oásis cosmopolita de Monte Gordo. Da monumental Tavira das cerca de 32 igrejas, à Manta Rota das águas limpas e cálidas. Ali, de onde os homens partiam para a campanha dos atuns, restam poucos vestígios da faina antiga: artes e barcos juncam as águas calmas, como que conformados, talvez felizes, com a escolha. Mas ainda lá estão os filhos dos bravos do atum. Raros, de cabelos brancos e dedos petrificados e gordos, chuleiam agora as artes de captura mais à mão. Havemos de vê-los também agarrados à ganchorra, curvados sobre a arte e a madrugada lavrando areias em busca do maná dos bivalves, no istmo peninsular de Cacela. À mesma hora, já os netos das gentes do atum se espalham pela costa, enchem prédios em Monte Gordo, simpáticas casinhas de comer em Cabanas e Altura. Mais tarde, com o eterno azul do sul em mira, ali degustaremos o produto da água e do carvão, saborearemos o mais mole dos recheios da ganchorra. E sempre mirando o azul, adivinharemos os feitos gloriosos, as guerras, dos homens remotos na rota do atum.



rota do atum

PERCURSO

Monte Gordo > Vila Real de Santo António > Castro Marim > Aldeia Nova > Manta Rota > Cacela Velha > Fábrica > Cabanas > Tavira > Ilha de Tavira > Vila Real de Santo António > Monte Gordo

LEGENDA



Barragem



Farol



Museu



Cais de Embarque



Miradouro



Praia



Cais *Ferryboat*



Monumento



Reserva Natural



Autoestrada



Estrada Municipal



Ponto de Partida



Estrada Nacional



Rota



Zona Protegida



Estrada Nacional 125



Sentido da Rota



Praia Fluvial de Alcoutim (Pego Fundo)

ALCOUTIM

PEREIRO

VAQUEIROS

ODELEITE

AZINHAL

Sevilla
Madrid

CASTRO MARIM

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

A22

CONCEIÇÃO

CABANAS

TAVIRA

LUZ DE TAVIRA

FUSETA



A Rota do Atum vai desenrolar-se sob o signo do azul do oceano, do amarelo dourado das areias, do verde dos pinhais, do branco da cal e do sal.

Monte Gordo é o ponto de partida. Espraia-se o olhar pela ampla baía, pela praia imensa. Os barcos coloridos arrumados no lado poente da praia dizem que a tradição ainda é o que era e a pesca artesanal continua.

Os pescadores já aqui viviam no início do século XVIII e além de portugueses e andaluzes, há notícias dos que vieram das costas francesa e catalã.

O Marquês de Pombal, por altura do terramoto de 1755, quis à viva força que eles se mudassem para a recém construída Vila Real de Santo António. Os homens do mar não gostaram e se uns se transferiram para a Andaluzia, outros meteram-se nos barcos e foram para a Meia Praia em Lagos, onde o areal e a baía têm largueza semelhante. Alguns permaneceram teimosamente.



Praia de Monte Gordo (HR)



Vista do Farol de Vila Real de Santo António (St)

Será talvez destas agruras, deste combate desigual que opunha o poderoso marquês aos modestos pescadores que vem o hábito de desabafar e rogar pragas, com uma linguagem colorida e por vezes irrepetível. As pragas de Monte Gordo são famosas em todo o Algarve.

Nos anos 40 do século XX, as famílias alentejanas ricas começam a construir vivendas para passar aqui a época dos banhos e nos anos de 1960, no advento da indústria turística, constrói-se um dos primeiros hotéis da região.

Será pela estrada que ladeia a mata litoral de pinheiro manso, um manto verde, fresco e profundo, onde vive o camaleão, uma espécie protegida por se encontrar em vias de extinção, que chegaremos a Vila Real de Santo António.

À direita depara-se-nos o farol, imponente nos seus 46 metros de altitude. Os navegantes dependem, durante a noite, da sua luz para saber onde o mar acaba e a terra começa; de dia, as barras azuis pintadas na torre indicam-lhes a zona da costa.

A marginal inflete depois para a barra do Rio Guadiana, que embora larga, deixa ver o casario de Ayamonte plantado na outra margem.



Vila Real de Santo António (PR)

Pouco mais do que um quarteirão separa-nos do centro histórico de traça pombalina, um estilo de construção único no Algarve, inspirado na experiência de reconstrução de Lisboa após o terramoto de 1755.

As ruas traçadas a régua e esquadro, convergem para a Praça Marquês de Pombal com a sua calçada à portuguesa de desenho radial. Em torno, ficam a igreja, a Câmara e a antiga Casa da Guarda, decoradas com cantarias e ferro forjado. Criada para substituir Santo António de Arenilha, que o terramoto destruiu, a terra nasceu a 30 de dezembro de 1773, para defesa da fronteira. Transforma-se com o tempo num importante meio conserveiro e animado centro comercial.

Petisqueiros, os habitantes de Vila Real de Santo António confeccionam pratos de atum, usam criativamente os mariscos e os moluscos e fazem da animada zona comercial uma esplanada quase contínua.



Sapal de Castro Marim (LC)

Usamos a saída norte da cidade para tomar a IC 27 em direção a Castro Marim, mergulhando em plena Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António, o lar de muitas espécies de aves, mais de uma centena. A essas, juntam-se as que procuram refúgio sazonal e ainda as outras que ali param, nas suas migrações, a caminho do calor do sul.

Se a onda rosada dos flamingos percorre os esteiros da reserva no outono, o voo elegante da cegonha, uma ave residente, está presente todo o ano.

Os patos selvagens, por sua vez, obedecendo a não se sabe que invisível sinal, num repente erguem as asas, rumo ao Sul.

Castro Marim existe há milénios, antes de ser o porto romano de *Baesuris* e sede da Ordem Militar de Cristo no século XIV. E desde tempos imemoriais, a geometria das salinas domestica os esteiros e o sapal em que o Rio Guadiana se espraia, quando se aproxima da foz. Os cristais de sal brilham ao sol, arrumados em pirâmides, uma atividade artesanal que se mantém. Das ameias do secular castelo vê-se o panorama do rio e da reserva, com as cidades de Ayamonte e Vila Real de Santo António no horizonte.

Na base das muralhas, da arquitetura tradicional da vila destaca-se a Igreja Matriz do século XVIII. Nas colinas em redor, estão o Forte de São Sebastião e a Ermida de Santo António.

A gastronomia tradicional é à base de peixe, crustáceos e marisco. Às sopas de peixe, juntam-se, entre outras especialidades o caranguejo do sapal, as favas sapatadas ou o peixe frito com açorda.

As rústicas peças de artesanato incluem encantadoras miniaturas em madeira, cestaria, rendas de bilros e tapeçaria.

Os Dias Medievais de Castro Marim são um festival que todos os anos em agosto transforma os habitantes em personagens da época, durante três dias. Os banquetes são especialmente concorridos, mas há igualmente uma feira franca e um vistoso cortejo.

Para regressar ao litoral, seguiremos pela ligação 125-6 que serpenteia dentro da Reserva até à EN 125 propriamente dita, junto à Aldeia Nova.

Aí, o rumo indica o oeste, até ao desvio, 4 km depois para a Manta Rota.

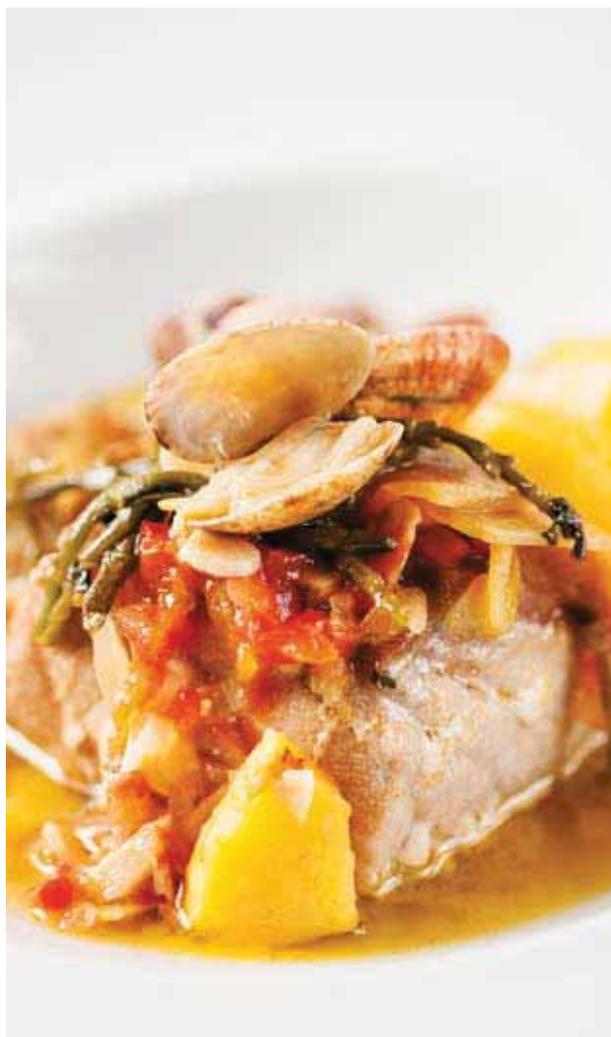
Entre o estuário do Guadiana e a Ria Formosa, que aqui se inicia, são 12 km de praia contínua, uma das mais extensas da Europa. Esta zona tem as águas mais quentes de Portugal, uma vez que a baía protege as praias das correntes do oceano. Manta Rota soube preservar-se como uma pequena vila, onde é agradável viver ou veranejar.

Uma estradinha próxima do mar permite fazer facilmente a meia dúzia de quilómetros que nos levam até Cacela Velha.

A antiga aldeia organiza-se em torno da nora medieval, mas a vista sobre a ria, junto à amurada do forte construído em 1749, só por si vale a visita.

Uma das casas ostenta na parede um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen:

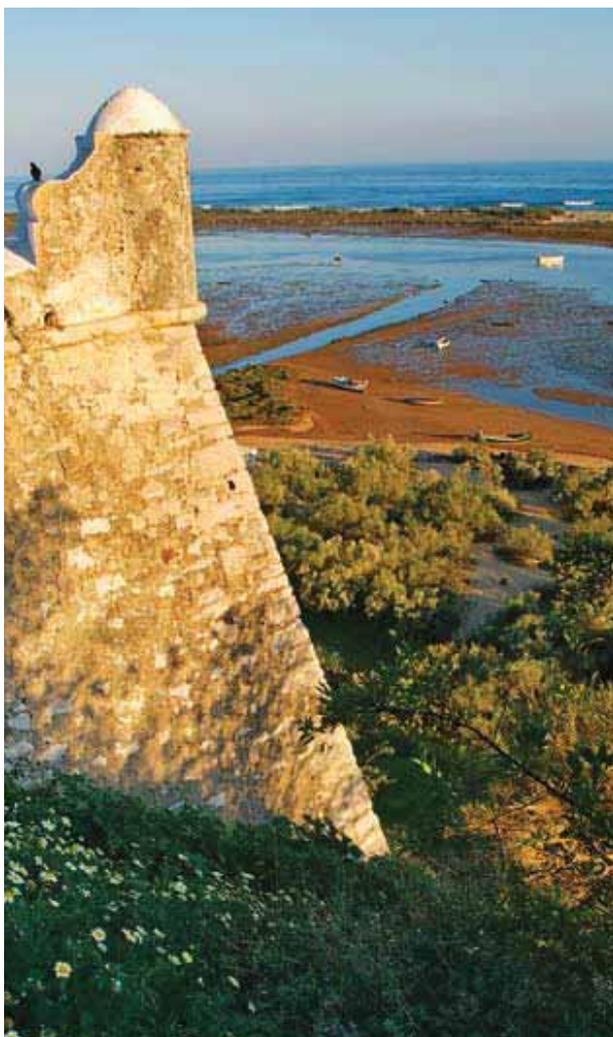
*“As praças fortes foram conquistadas
Por seu poder foram sitiadas
As cidades do mar pela riqueza
Porém Cacela
Foi desejada só pela beleza”.*



Atum (TV)



Praia da Manta Rota (HR)



Cacela Velha (LC)

O Parque Natural da Ria Formosa exhibe aqui todo o seu esplendor. De um lado está o oceano, do outro, os esteiros, sapais e ilhotes entrecortados por canais e pequenos mares. No meio, uma barreira de ilhas estreitas e arenosas desenvolvendo-se em sentido mais ou menos paralelo à linha da costa: Barreta, Culatra, Armona, Tavira e Cabanas. A agitação do mar e o vaivém das marés contrasta com os espelhos de água da ria que confinam com praias e dunas anunciadoras de terra firme.

Cacela é antiquíssima, e nasceu na margem direita da ribeira do mesmo nome, no topo de uma arriba.

Terão sido fenícios os primeiros habitantes, por volta do ano 800 a.C., os romanos, por sua vez, construíram instalações piscatórias e os árabes edificaram um forte. D. Paio Peres Correia, Mestre de Santiago, reconquistou-o em 1242.

Até hoje, o branco da cal reveste as paredes de todas as habitações, com a moldura de portas e janelas realçada a azul ou cinzento, formando um conjunto harmonioso que conseguiu ficar praticamente incólume.



Ilha da Armona (HR)

Saindo de Cacela, toma-se o desvio para a Fábrica, que fica mesmo à beira da água e cujo nome advém de uma antiga fábrica de transformação de peixe. A zona é rica em viveiros de ostras e amêijoas, que podem ser saboreados nos restaurantes à beira da água.

De regresso à EN 125, 8 km depois encontramos Cabanas, embrenhada na Ria Formosa e que vale pela sua bela praia só acessível por barco. Inicialmente só ali existiam cabanas de pescadores, frágeis habitações artesanais, de uso provisório, durante a época da pesca do atum. Esta foi substituída pela captura do polvo quando Sebastião Viana, um natural da terra, descobriu a técnica do alcatruz atualmente utilizada por todo o litoral.

Aqui é o sítio certo para provar as variadas e apetitosas receitas de polvo.

De novo na EN 125, andaremos 5 km até Tavira, a cidade das inúmeras igrejas, cuja origem remonta à pré-história como porto de embarque dos minérios do nordeste algarvio e desembarque dos produtos do Mediterrâneo. Durante o domínio islâmico, foi uma das principais povoações do Algarve. Torna-se no principal porto de apoio depois da conquista de Ceuta (1415), o que leva à sua elevação a cidade em 1520.



Polvo (LC)



Tavira (PR)



Tavira (PR)

O Rio Gilão marca-lhe a fisionomia e a identidade, reunidas as suas margens por meio duma bela ponte medieval de sete arcos.

Tavira possui ruas muito belas e é um importante centro histórico, com vasto património arquitectónico e um espólio arqueológico muito variado.

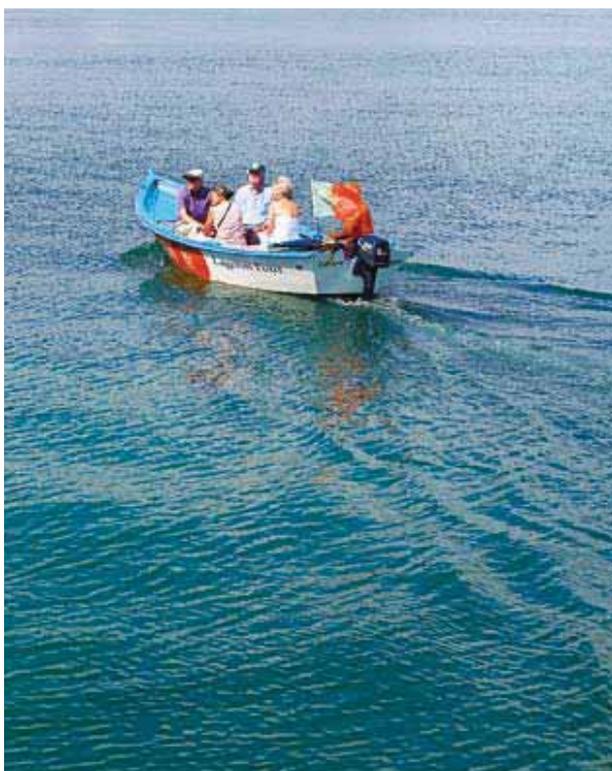
Exemplo disso é o famoso Vaso de Tavira, provavelmente do século XI, peça de uma luxuriante decoração.

Supõe-se que deveria ser usado nos rituais islâmicos do matrimónio. As pequenas esculturas representam um casal, guerreiros que simbolizam a força, músicos e animais. Destes, as pombas significam o sentimento e a tartaruga a fidelidade.

Nesse tempo, a localidade era conhecida por *Alcaria Tabila*.

Nos arredores desfruta-se de uma bela paisagem, mas é certamente nas Quatro Águas, ou na Ilha de Tavira que a cidade se reconcilia com o mar em cambiantes de luz serenos e luminosos. A Ria Formosa mostra um cenário perfeito de uma cidade com história e cheia de histórias para descobrir.

O regresso a Vila Real de Santo António far-se-á pela Via do Infante, aproveitando a localização privilegiada da estrada. A sul vê-se a lânguida baía de Monte Gordo desfazendo-se em azuis vários, o casario arrumado junto às praias. Para norte recortam-se no horizonte as suaves ondulações do barrocal. Laranjais em flor perfumam o ar, ganham as encostas mais íngremes as oliveiras e o azinho. Aqui e ali, uma chapada de cor dada pela cal das paredes das casas rurais, torna o verde das estevas ainda mais profundo.



Tavira (HR)





rota da serra

Antes do caminho da serra, duas carruagens balouçam enquanto devoram a brisa que lhes resiste. Pouca terra e muito mar, no caminho da Praia do Barril, Santa Luzia para trás, a praia dourada da espuma branca avista-se ao longe, depois do carreiro arbóreo. Há que mergulhar no tépido dali, antes desse grande mergulho na serra das urzes, medronheiros e estevas, com cheiros cruzados de alfarroba e rosmaninho.

Mas a serra é também das gentes. Resistentes de décadas ao apelo do iodo e do azul marinho, há homens e mulheres dispostos a alçar a mão na presença de forasteiros. Aproximamo-nos. São heróis de colete e avental, cabelos brancos sob chapéus de abas e lenços garridos em triângulo. Abrem-nos o tasco e a vida, convidam-nos para a perdiz em sopa, seduzem-nos com os prazeres seculares do javali, amedrontam-nos a partida. Também por ali há Algarve, longe, muito longe da cidade dos templos onde também nos levam na viagem. Do alto relevo arrochado veem-se os rubros telhados e os alinhados ladrilhos que personalizam a cidade do Gilão. Sob o céu mais limpo da Europa, há segredos por contar, a branco e verde, em cada quilómetro de alcatrão derretido.



Tavira (PR)

rota da serra

PERCURSO

Tavira > Cachopo > Água dos Fusos > Mealha > Anta das Pedras Altas > Corte João Marques > Ameixial > Besteiros > Catraia > Cortelha > Barranco do Velho > Alportel > São Brás de Alportel > Javali > Pereiro > Foupana > Santo Estevão > Luz de Tavira > Santa Luzia > Tavira

LEGENDA



Aeroporto



Farol



Museu



Barragem



Miradouro



Praia



Cais de Embarque



Monumento



Reserva Natural



Autoestrada



Estrada Municipal



Ponto de Partida



Estrada Nacional



Rota



Zona Protegida



Estrada Nacional 125



Sentido da Rota



AMEIXIAL

CACHOPO

VAQUEIROS

QUERENÇA

SÃO BRÁS DE ALPORTEL

A22

TAVIRA

SANTA BARBARA DE NEXE

ESTOI

MONCARAPACHO

LUZ DE TAVIRA

MANCIL

QUELFES

FUSETA

FARO

OLHÃO

Parque Natural da Ria Formosa



A Rota da Serra, partindo de Tavira, vai deambular pela face virada para o mar da Serra do Caldeirão, uma paisagem maravilhosa, aliando oliveiras e amendoeiras, misturando-se estas com as figueiras, alfarrobeiras e palmeiras de esparto. Colinas suaves que descem até ao mar. Uma paisagem impressionante, por vezes ondulando, outras precipitando-se em barrancos.

Nas terras, as casas mostram muitas vezes platibandas, uma frontaria decorada no cimo da habitação. Umas escondem as açoteias, onde se secam os figos e por vezes o peixe. Outras são unicamente decorativas. O gosto pelo contraste, pela decoração exuberante, pelas cores vivas, marca as platibandas. *“Marulho de ondas e seiva – azul e verde - a cor sempre toando nos sentidos”* avisa o poeta Emiliano Costa a propósito do Algarve.

Haverá também chaminés, as de base redonda, ou esguias, tal minaretes em miniatura de rendilhado geométrico.

Em Tavira o Rio Gilão divide a cidade em duas, reunidas entre si por meio duma bela ponte medieval que desemboca junto aos paços do concelho, edifício de arcadas voltadas para o jardim, este com um belo coreto a meio. O jardim margina o rio, até ao antigo mercado municipal, agora transformado num agradável centro co-



Tavira (PR)



Coreto de Tavira (PR)

mercial, com lojinhas de artesanato no interior, esplanadas onde apetece ficar a preguiçar.

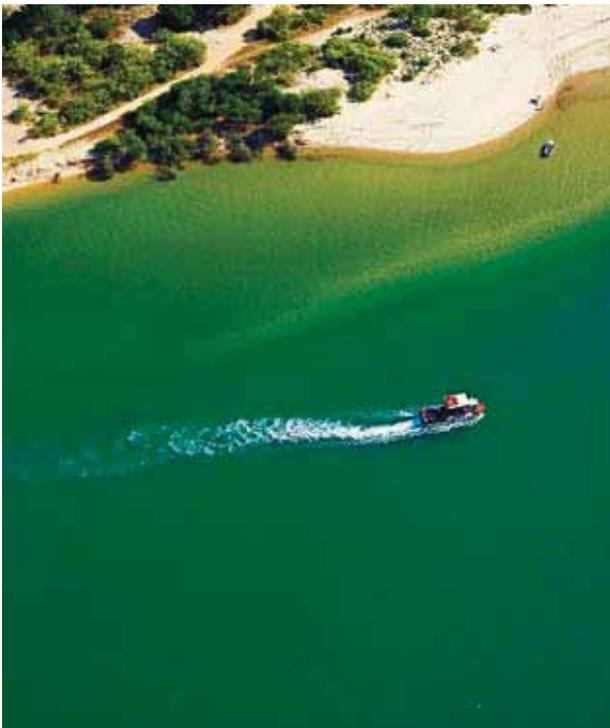
Do outro lado, alinha-se um renque de casas apalaçadas com varandins de ferro forjado encimadas pelos famosos telhados de tesoura. Este é o nome popular para os telhados de quatro águas que marcam a imagem da cidade.

Supõe-se que foram marujos de retorno do Oriente quem inventou estes telhados. Desejosos de exhibir as fortunas feitas com o comércio de especiarias, a forma diversa de construir a casa garantia a admiração, quiçá a inveja, dos seus conterrâneos.

Este tipo de construção passou a ser conhecido como os telhados de tesoura, uma vez que o travejamento inicial se assemelha às lâminas abertas de uma tesoura.



Igreja da Misericórdia de Tavira (PR)



Tavira (HR)

A cidade tem ruas muito bonitas e são muitas as igrejas que Tavira tem para mostrar.

O circuito das igrejas e dos conventos de Tavira é por si só um belíssimo passeio. Situada na Vila Adentro, a Igreja Matriz de Santa Maria do Castelo está classificada como Monumento Nacional.

Mesmo em frente, a Igreja Matriz de Santiago é um templo majestoso de nave única, com um exuberante medalhão de conchados na frontaria.

A Igreja da Misericórdia, por sua vez, é considerada o melhor edifício renascentista (século XVI) do Algarve, com uma imponente frontaria.

Há ainda a Igreja de São José do Hospital ou do Espírito Santo fundada em 1425. O templo possui azulejos de 1760 num interessante estilo rococó.

Dos conventos, destaca-se o antigo Convento de São Francisco (século XIV) e o Convento de Nossa Senhora da Piedade (século XVI), ambos no centro histórico.

Igualmente imperdível é uma visita ao centro de exposições do Palácio da Galeria e ao castelo que integrava o sistema defensivo da cidade, em conjunto com as muralhas que a rodeavam, ainda visíveis por entre as casas e a Porta da Misericórdia.

A proximidade da Ria Formosa confere a Tavira, desde há tempos imemoriais, vantagens na pesca e como porto de abrigo.

A cidade possui o único arraial existente no país. Trata-se de uma construção onde se acolhiam os pescadores e as suas famílias e se guardavam os aparelhos de pesca do atum. O Arraial Ferreira Neto, hoje transformado num hotel, conservou uma das habitações dos pescadores e fez dela um museu sobre esta arte de pesca já conhecida dos fenícios, genoveses e sicilianos. Os árabes chamaram à armação fixa para a captura do atum almadrava - alma (lugar) e *darab* (matar) - ou seja, lugar de matança. A armação do Medo das Cascas, situada na costa de Tavira, foi a última a funcionar.

A Crónica da Conquista do Algarve diz que em 1242, Tavira foi conquistada aos mouros por D. Paio

Peres Correia. A tradição, por sua vez, refere que o ataque à cidade surgiu como represália por sete dos seus cavaleiros terem sido traiçoeiramente mortos quando caçavam nos arredores.

Não chegaram até nós vestígios da cidade romana de Balsa, que muitos historiadores localizam a oeste de Tavira. O que se impõe, na arquitetura da cidade, é a herança árabe. Várias torres da muralha ainda se encontram de pé e a Igreja de Santa Maria foi construída sobre uma mesquita.

O nosso primeiro objetivo, à saída de Tavira, é chegar ao Cachopo, usando a ER 397; é altura de começar a perscrutar as casas de traça rural em busca das platibandas. As frontarias das casas algarvias começaram a ser decoradas por volta dos anos trinta, com cores vivas obtidas dos pigmentos naturais misturados com a cal. O almagre, diluído em tom rosa ou vermelho sangue de boi, ocre simples da cor do sol ou queimado lembrando a terra, o negro oriundo do fumo e da cinza, o azul luminoso do mar. Quanto aos motivos decorativos, esses são seculares, a espiga, o olho ou as folhas, surgem estilizadas.

A estrada vai seguindo as ondulações do barrocal. O desvio para a Picota, leva-nos a um miradouro.

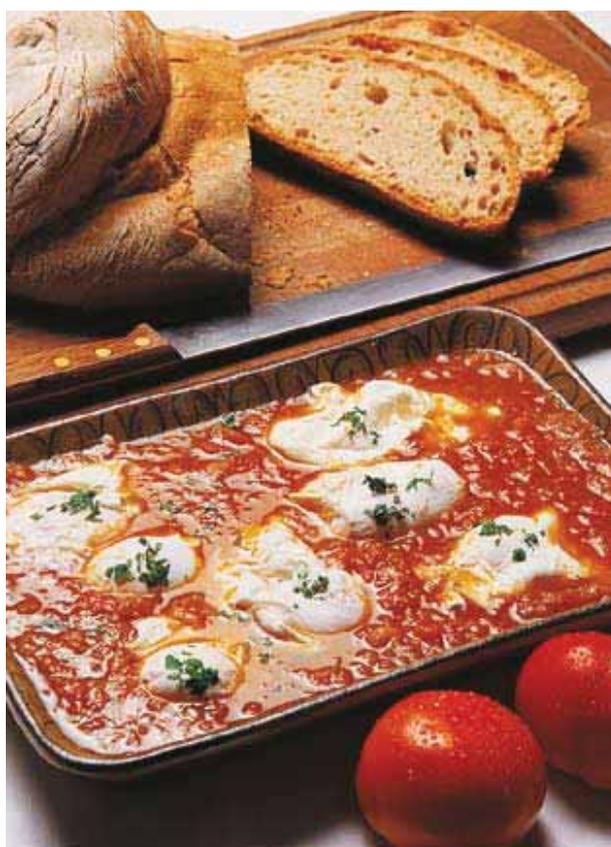
Palheirinhos dista 4 km e após mais uma dúzia deles estaremos em Água dos Fusos já na Serra do Caldeirão. A aldeia da Pedralva (5 km) é o último ponto de referência antes do Cachopo. Nesta pequena aldeia do século XVI, logo à entrada encontramos a Fonte Férrea, rodeada de árvores frondosas. Já no povoado, o Museu de Cachopo ilustra expressivamente a identidade serrana.

Na oficina de tecelagem artesanal A Lançadeira, a trama dos oito teares tece desde pesadas cortinas até delicadas écharpes. Linho, algodão e lã são pacientemente trabalhados. Em demanda das oficinas do ferreiro e dos albardeiros, de cujas mãos saem selas e molins, avistaremos chaminés rendilhadas. O coelho bravo serrano, a açorda de poejo, a galinha cerejada, os ovos com tomate, são alguns dos pratos aromáticos que aqui se podem provar.

Tomando o sentido noroeste, por uma estrada bordejada de giestas, plantadas há muitos anos por cantoneiros, chegaremos a Mealha.



Serra do Caldeirão (PR)



Ovos com tomate (RTA)



Figos (RTA)

Nos arredores existe o moinho da Chavachã, todo construído em xisto. Fica junto à Ribeira do Vascão, na direção de Portela (5 km) com indicações na estrada.

O percurso segue agora pela EN 2 em direção a sul. Surgem-nos estranhos topónimos, como Besteiros e o carinhoso Catraia, sinónimo de moça pequena.

Na aproximação a Cortelha, apreciem-se os socalcos cultivados, os imponentes eucaliptos. Separam-nos 2 km de Barranco do Velho, em tempos uma estância termal, procurada pelas suas águas frescas, mas sobretudo uma encruzilhada na estrada que na altura era a principal ligação entre o litoral e o interior. Aqui passavam os almocreves, num leva e traz de mercadorias e notícias, desde o tempo em que para o chenchir árabe (horta e jardim simultaneamente) no litoral, levavam mel, aguardente de medronho e lenha. No regresso traziam peixe seco e no barrocal acarretavam figos e amêndoas.

O montado de sobro, majestoso, escorre pela serra, e daqui sai a melhor cortiça do mundo. A sua bolota alimenta o porco preto, depois transformado em saborosos presuntos e enchidos.

Só a pé terá acesso aos mistérios de tempos passados da Anta das Pedras Altas. Inesperadamente regressamos à pré-história, neste monumento onde se acharam pedras lascadas e artefactos de adorno pessoal.

Em torno, subsistem as casas redondas, célticas, atualmente usadas como celeiros. Com espessas paredes em xisto, cuidadosamente compostas, a cobertura é cónica e em colmo ou junco. Numa paisagem espetacular, com ravinas fundas e montes altos e arredondados, por entre os sobreiros, o rosmaninho, as urzes-brancas e as estevas formam um belo colorido.

Continuaremos mais 4 km para Noroeste até Corte João Marques, um topónimo de sabor alentejano e 8 km depois surge o Ameixial. A aldeia quedou-se tranquila, hesitando entre o Alentejo e o Algarve.

Este é um dos sítios onde se diz “o Algarve fica além” apontando vagamente o Sul.



Rosmaninho (JEP)

As ementas de caça temperadas pelas ervas de cheiro, delícias rurais inigualáveis.

Decididamente rumo ao sul, cedo chegamos a Alportel estrategicamente colocada.

De São Brás de Alportel registemos a importância incontornável enquanto centro da zona corticeira.

Em redor há sítios de nomes tão singulares como Tareja, Tesoureiro, Javali, Cova da Muda, Desbarato, Mesquita ou Soalheira. Nestas aldeias encontram-se com facilidade peças de artesanato, ou então, doçaria regional, em que não falta o doce sabor da amêndoa e da alfarroba.

A vila preserva testemunhos deste longo passado, em especial no centro histórico. Palacetes de varandas de ferro e fachadas cobertas por azulejos, alternam com casas de traça popular. No adro da Igreja Matriz, que possui um excelente miradouro, realiza-se anualmente a Festa das Tochas Floridas, uma procissão da Páscoa em que os homens carregam velas profusamente adornadas de flores.

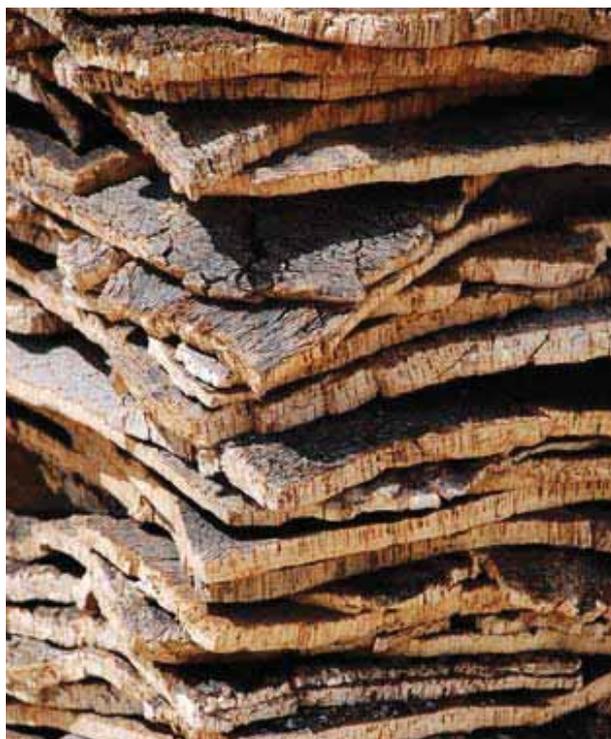
Tomaremos agora a EN 270 no sentido leste e a 2 km encontraremos a indicação para a Mesquita onde vamos virar para sul. O lagar da terra está transformado em restaurante, mas as oliveiras ainda lá estão.

Segue-se o Pereiro, a 6 km, a Foupana e uma minúscula povoação, Estiramantens, que pouco se alterou desde o século passado.

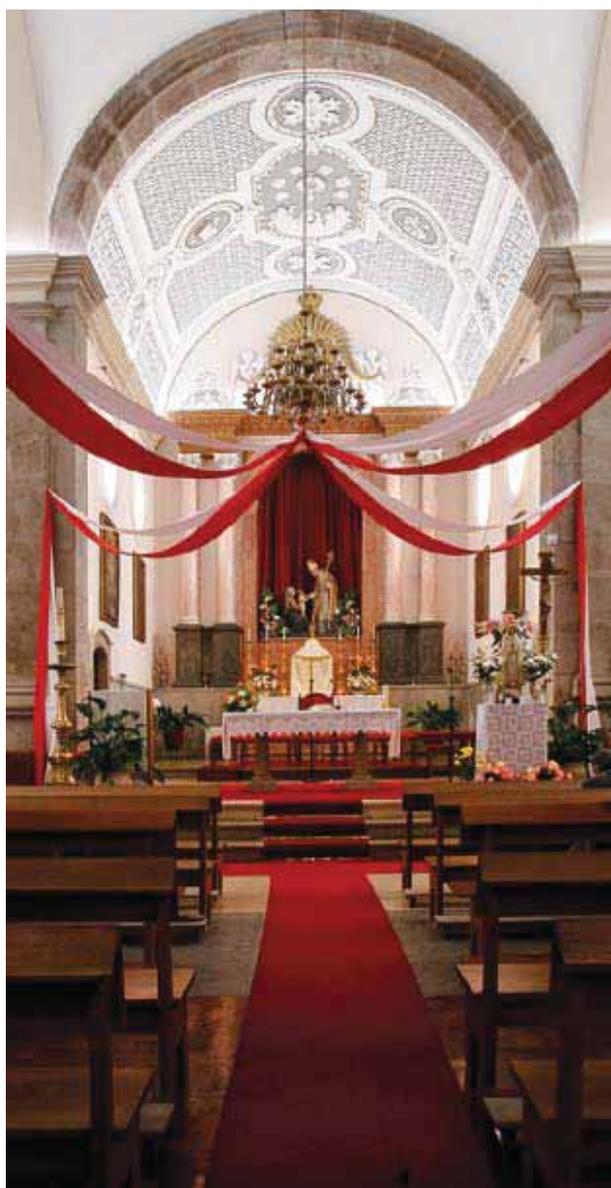
Santo Estêvão surge num vale de exuberante flora, onde passa a Ribeira da Asseca, que alimenta pequenos açudes, onde se formam quedas de água.

A estrada termina no largo principal da Luz de Tavira, junto à igreja que possui uma esplendorosa fachada. A sua porta lateral, de estilo manuelino de cantaria trabalhada, não lhe fica atrás.

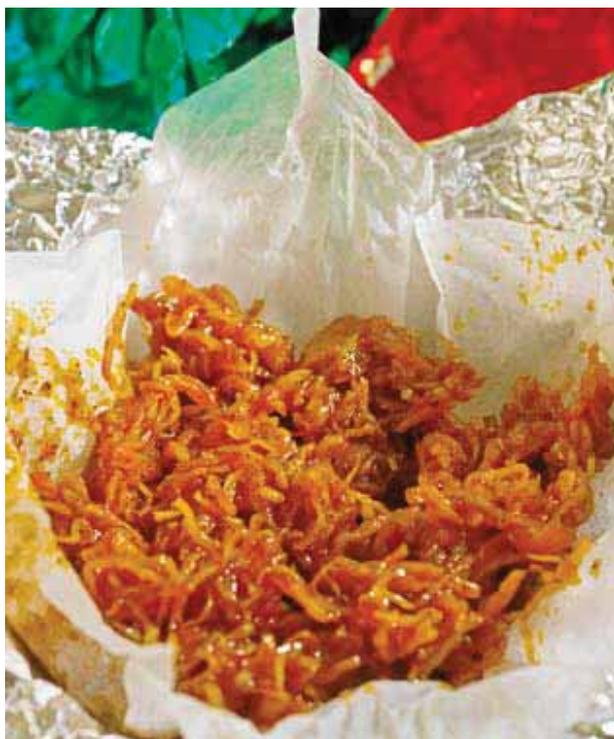
Justifica-se um pequeno desvio até à aldeia piscatória de Santa Luzia para ver um outro templo, mas desta feita erguido pela natureza: uma oliveira bimilenária, localizada em Pedras D'el Rei. São precisos 5 homens para abraçar o esburacado tronco, que tem uma espécie de



Cortiça (PR)



Igreja Matriz de São Brás de Alportel (St)



Dom Rodrigo (HR)

porta para o interior da árvore. Ali se desenvolveu espontaneamente um zambujeiro.

As azeitonas desta árvore alimentaram e o azeite delas extraído alumiu povos primitivos, gregos, cartagineses, romanos, suevos e árabes. Na sua sombra repousaram cruzados, navegadores, mercadores e camponeses. Viverá, certamente, ao longo do III Milénio, que agora se iniciou.

Estamos de novo em Tavira, a tempo de testar a excelente gastronomia com inevitável destaque para o atum, as cataplanas de bivalves, capturados na Ria Formosa, os peixes da contracosta da Ilha de Tavira, uma praia paradisíaca a que se acede unicamente de barco. Adoçaremos por fim a boca com os Dom Rodrigues, os morgados de amêndoa, gila e fios de ovos, as miniaturas de peixes, flores e frutos.



Ria Formosa - Tavira (PR)





rota do guadiana

Ali onde o cansado rio peninsular atira a extasiados olhares os últimos fulgores de beleza, antes de morrer nos braços das mais quentes águas de Portugal; ali, onde as fronteiras não são o grande curso de água, que mais fronteiras – menos marcadas, é certo – são as que separam litoral, barrocal e serra.

Devoramos os três países algarvios na caminhada: do extenso sapal guardado pelo castelo e pela cal de Castro Marim ao extenso conjunto aquífero que dá de beber a meio Algarve. Das intensas paisagens de mato rasteiro de que apenas humanos vultos escuros são guardiões à miragem de Martim Longo, vila inusitadamente jovem - e viva - perdida em paisagem de Alentejo.

Pelo meio, encontraremos terras de menires pré-históricas e medievais castelos encantados, de onde divisamos as velas dos sonhadores de agora no serpenteante Guadiana. Depois de lhe capturarmos a generosa beleza, tomaremos usufruto dos seus peixes de água doce em qualquer das tasquinhas que ladeiam a foz, em Odeleite.

Ali, onde a desertificação atirou os museus para o que eram escolas, passaremos a vista citadina pelo quotidiano de tempos remotos. E poderemos transportar entre as múltiplas curvas da serra os produtos de teares, olarias e um saber acumulado de séculos.



Castro Marim (PR)

rota do guadiana

PERCURSO

Castro Marim > Monte Francisco > Junqueira > Azinhal > Alcaria > Foz de Odeleite > Álamo > Guerreiros do Rio > Alcoutim > Pereiro > Alcarias > Martim Longo > Vaqueiros > Cortelha > Corte do Gago > Santa Rita > Vila Nova de Cacela > Cacela Velha > Castro Marim

LEGENDA



Barragem



Farol



Museu



Cais de Embarque



Miradouro



Praia



Cais Ferryboat



Monumento



Reserva Natural



Autoestrada



Estrada Municipal



Ponto de Partida



Estrada Nacional



Rota



Zona Protegida



Estrada Nacional 125



Sentido da Rota



MARTIM LONGO

Clarines

Guiões

PEREIRO

Praia Fluvial de Alcoutim (Pego Fundo)
ALCOUTIM

Alcaria Cova de Cima
Alcaria Cova de Baixo

Corte Tabelião
Corte da Seda

Barluco de Cima
Barluco de Baixo

Montinho das Laranjeiras

Guerreiros do Rio

VAQUEIROS

Zambujal

EN122

Alamo

Furnazinhas

Foz de Odeleite

Fernandilho

Bentos

Barragem de Odeleite

ODELEITE

Alcaria
Fonte do Penedo

Taipas

Casas

EM508

Quebradas

IC27

Ribeira

Fortim

Estrada

Corujos

Sentinela

AZINHAL

Alcarias

Cintados

EM506

Corte Gago

Barragem de Beliche

Beliche

Alcaria do Cume

Portela da Corcha

Vale Covo

Marroquil

Alcarias Grandes

Castelhanos

Sevilla
Madrid

Agua dos Fusos

Estorninhos

EM397

Cortelha

Serro do Enho

Junqueira

Alcarias

Monte Francisco

EM397

Carrapateira

Corte de António Martins

IC27

CASTRO MARIM

Palheirinhos

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António

Aldeia Nova

VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Picota

Estorninhos

EM397

Corte de António Martins

Monte Francisco

Monte Gordo

Santa Catarina da Fonte do Bispo

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Monte Francisco

Monte Gordo

Malhão

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Monte Francisco

Monte Gordo

Pereiro

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Monte Francisco

Monte Gordo

Cerro da Cabeça

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Monte Francisco

Monte Gordo

Moncarapacho

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Monte Francisco

Monte Gordo

Alfandanga

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Monte Francisco

Monte Gordo

Marim

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Monte Francisco

Monte Gordo

Alfandanga

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Monte Francisco

Monte Gordo

Alfandanga

Estorninhos

EM397

Ribeira da Gafa

Monte Francisco

Monte Gordo

A22

CONCEIÇÃO

CABANAS

TAVIRA

LUZ DE TAVIRA

MONCARAPACHO

FUSETA

OLHÃO



A Rota do Guadiana vai em busca dos segredos de uma cultura secular, rondando o circuito das alcarias (aldeias) que os árabes conheciam, ou fundaram, no tempo do Al-Andaluz.

Seguirá o Guadiana, o rio grande do sul, estrada azul por onde vários povos circularam intensamente, através de paisagens de encanto, onde o homem deixou a sua marca, sem no entanto impedir que outras espécies aí vivessem, num equilíbrio notável.

A natureza agradece, retribuindo com cores, cheiros e sabores.

Castro Marim, o quilómetro zero deste passeio, é uma das localidades mais antigas do Algarve, de comprovado povoamento remoto. Já há 5 000 anos a.C. aqui existiam povos exploradores dos metais, que ergueram um castro no lugar do atual castelo, para se defenderem. Os romanos fizeram passar por ali a estrada que seguindo o rio ia até Lisboa, passando por Alcoutim, Mértola e Beja. Por aqui entrava o comércio vindo do Mediterrâneo.

Os árabes reforçam-lhe a importância durante o seu domínio, que durou cerca de 4 séculos, até 1242, altura em que D. Paio Peres Correia a conquista.

Nesse período, a largueza da foz do Guadiana era diferente e a vila estava mais próxima do mar, uma ilha rodeada por águas baixas.

Antes de mais, visitemos o castelo, sede da Ordem de Cristo no século XIV. No amplo terreiro ergue-se o Castelo Velho do século XI/XII, envolvido pela cerca muralhada que tem origem nos séculos XIII/XIV e definia por sua vez a povoação medieval. Localizado no cimo do monte, constitui um miradouro ímpar do rio Guadiana, das salinas e dos esteiros.

As casas caiadas, bordejadas as janelas e portas por barras coloridas, não fogem ao modelo de arquitetura tradicional. Na Praça 1º de maio está a Igreja Matriz, com um belo painel de azulejos. A azulejaria é uma arte árabe que os portugueses desenvolveram com imaginação e versatilidade.

Em duas colinas próximas, podem ver-se a Ermida de Santo António e o Forte de São Sebastião,



Castelo de Castro Marim (St)



Castro Marim (St)



Salinas (St)

parte integrante das muralhas que envolviam todo o casario, havendo ainda alguns troços visíveis.

Basta descer até ao jardim próximo do rio para ficarem as salinas ali à mão.

O Sol faz brilhar os minúsculos cristais, espelhos refulgindo em brancas pirâmides recortando-se no azul do céu. Distinguem-se os gestos seculares, os utensílios imutáveis dos salineiros, erguendo carrego a carrego as montanhas brancas, marcando a fisionomia do lugar.

A vila tem o privilégio de se situar nas margens do Rio Guadiana, embebendo-se na Reserva Natural do Sapal de Castro Marim e Vila Real de Santo António, sem água a mais ou terra a menos, um delicado equilíbrio cromático.

Esta foi a primeira reserva natural a ser criada em Portugal e inclui salinas, charcos, esteiros, pastagens e grandes extensões sem vegetação, as charcas.

Ao tempo da invernada, inúmeras espécies de aves procuram aqui comida e abrigo e é local privilegiado para a reprodução de peixes, moluscos e crustáceos.



Sapal de Castro Marim (PR)

A perna-longa é uma das aves residentes, mas é fácil surpreender o voo da cegonha, dos flamingos, da garça-boieira, entre tantas outras, algumas raras e difíceis de observar em território nacional.

Caso o apelo das curvas dengosas do rio seja difícil de conter, satisfaça-o com um curto cruzeiro rio acima.

Continuando com os pés em terra e os olhos nas margens, o desvio para Monte Francisco, na IC 27, leva-o à sede da reserva, local ideal para satisfazer a curiosidade sobre este pequeno paraíso.

Seguindo em direção a norte naquela via, na Junqueira percebe-se que o artesanato é uma atividade de rua, feita a empreita à soleira da porta em amena cavaqueira com as vizinhas.

Meia dúzia de quilómetros mais adiante chegamos ao Azinhal. Esta encantadora aldeia é um dos seis azinhais do Algarve. A Igreja Matriz, no extremo oriental da população, é pouco vulgar,



Garça (HR)



Renda de bilros (RTA)

com uma cúpula semelhante a um farol, uma nave redonda e uma pequena cúspide. O moinho de vento que lhe está próximo, ainda que desativado, possui uma vista magnífica sobre o Rio Guadiana e Espanha.

Ainda menos vulgar é o Museu O Saber das Mulheres instalado no Centro Cultural do Azinhal, que lança um olhar atento para o papel das mulheres na comunidade. São ainda elas que mantêm a chama familiar, tratam dos campos e dos filhos e ainda lhes sobra tempo para o delicado artesanato das rendas de bilros. As rendeiras do Azinhal criaram a renda das folhas, inspiradas em folhas de várias plantas. A renda é originária das Flandres, e terá chegado ao Algarve pela mão dos comerciantes que se deslocavam ao porto de Antuérpia para comerciar figos secos e outros produtos.

Os bilros trabalham-se numa almofada, suportada por uma canastra de verga feita de propósito para o efeito. O molde, em cartão grosso, é picotado pelos picos (alfinetes) que irão permitir o desenrolar do bordado. Os bilros, que suportam a linha de algodão penteado são feitos de loendro.



Doces regionais (RTA)

Não se pode sair do Azinhal sem antes provar os doces regionais, igualmente saídos da mão feminina, que conserva os métodos artesanais.

Continuando em direção a norte, não deixe passar a placa indicadora do percurso alternativo para Alcoutim, ao km 16, virando aí no sentido do rio. Na Fonte do Penedo as casas baixas escondem teares, o xisto empoleira-se em muros que protegem culturas e gado. Alcária fica no cimo de uma subida suave e se parar num dos cafés ou tasquinhas, convém provar o queijo de cabra e umas lascas de bom presunto. Vai ser difícil resistir ao cheiro, caso a panela esteja ao lume para preparar umas sopas de lebre ou um coelho frito.

Um pouco mais adiante, eis que a água espreita por entre os montes. A Foz de Odeleite é uma minúscula aldeia, empoleirada sobre a ravina junto ao local onde a ribeira desagua no Guadiana.

Atravessada a ponte, a zona envolvente surge como um paraíso natural com as casas sobre as escarpas mais altas da margem do Rio Guadiana, as hortas e as vinhas correndo até ao rio, onde há pequenos ancoradouros. De quando em vez passam os barcos da pesca artesanal, um ou outro veleiro de recreio.

Não chegarão a 4 km até encontrarmos Álamo onde se descobriu uma *villa* romana, e uma notável barragem da mesma época, de muros espessos, seis contrafortes e mais de 40 metros de comprimento que armazenava a água da Ribeira da Fornalha.

O Museu do Rio é o orgulho da povoação que dá pelo estranho e belo nome de Guerreiros do Rio. O acervo conta a história do Rio Guadiana e as suas atividades piscatórias desde os cartagineses.

Apetece mesmo parar numa terra que se chama Montinho das Laranjeiras e passa-se das palavras ao atos. Os romanos também acharam o sítio simpático e aprazível, como atestam as ruínas de uma *villa* aqui construída nos séculos XI/XII.

Alcoutim surge-nos depois de uma curva mais apertada da estrada e do Guadiana, início de um desfiladeiro que a vila ocupa em anfiteatro.



Barragem de Odeleite (HR)

Na outra margem está San Lucar del Guadiana.

Pelas vielas estreitas da vila, chega-se ao Castelo de Alcoutim construído no século XVI, não sem antes se ter passado pela Igreja da Misericórdia, a Ermida de Santo António e a casa de campo dos condes de Alcoutim. A Igreja Matriz é uma das primeiras construções renascentistas no Algarve, erguida entre 1538 e 1554, no local de uma igreja medieval.

Os jardins do castelo, primorosamente tratados são um miradouro privilegiado.

Construído com o xisto da região, ainda lá estão as ameias, as seteiras e grande parte da muralha. A porta principal está resguardada por um belo portão de ferro forjado.

As suas fortes paredes testemunharam vários séculos de história e na Galeria do Castelo, que aceita a marcação de visitas guiadas, estão patentes, na exposição Do Passado ao Futuro vestígios arqueológicos desde 5 000 a.C. até aos projetos museológicos de hoje.

Um manancial de lendas entranha o castelo. Contam como bravos cavaleiros e lindas princesas mouras, pelos seus amores frustrados, estão encantados.

Há outros segredos por entre as penedias da margem do Guadiana, ligados ao contrabando, que acabaram por forjar laços estreitos com os andaluzes da margem esquerda.

É tempo de nos embrenharmos um pouco mais pelo nordeste algarvio, pelo que tomaremos o desvio para Corte Tabelião (EN 122-1) à saída da vila, que nos conduz até à envolvente da barragem de Alcoutim. São parcas as palavras para descrever o deslumbre paisagístico.

Na bifurcação com a EN 122 vira-se para sul, até Balurcos. Inflete-se em seguida a marcha para a EN 124 e 9 km adiante surge o Pereiro. O seu pequeno museu tem como temática "A Construção da Memória".

A esteva ressuma a sua resina forte e cobre o planalto de rocha, mostrando um Algarve quase alentejano. As casas imaculadamente brancas têm por vezes fornos no exterior. Impõe-se aqui



Castelo de Alcoutim (LC)



Esteva (LC)



Bonecas de juta (RTA)

profunda. O seu templo, quinhentista, está no ponto mais alto da terra. Para chegar à Ribeira do Vascão passa-se pelo Cerro das Relíquias, onde há vestígios arqueológicos. Pelo caminho, muitos serão os encontros imediatos com aves, e chegando à água, patos-reais. Há uma azenha próximo da ponte.

De novo na EN 124, chegamos a Martim Longo, a terra mais populosa do planalto da Cumeada do Pereirão. Diz a história que o nome da aldeia provém de um habitante de nome Martim e que era muito longo. Só não se sabe se era longo de altura, ou longo de vida. A sueste, no Cerro do Castelo (2 km) existem as ruínas de um castelo romano.

Um grupo de artesãs montou a oficina de bonecas de juta chamada "A Flor de Agulha".

As miniaturas retratam figuras típicas da região, batizadas com os nomes dos modelos originais. Lenhadores, pastores e ceifeiras ganham um nome e uma história. A Igreja Matriz tem a sua origem numa antiga mesquita de que conserva o minarete, adaptado a torre sineira.

um pequeno desvio para se visitarem as Alcarias. Para se chegar a Alcaria Queimada, passa-se por Alcaria Cova de Cima um pouco adiante está a Alcaria de Baixo e ainda a Alcaria, simplesmente.

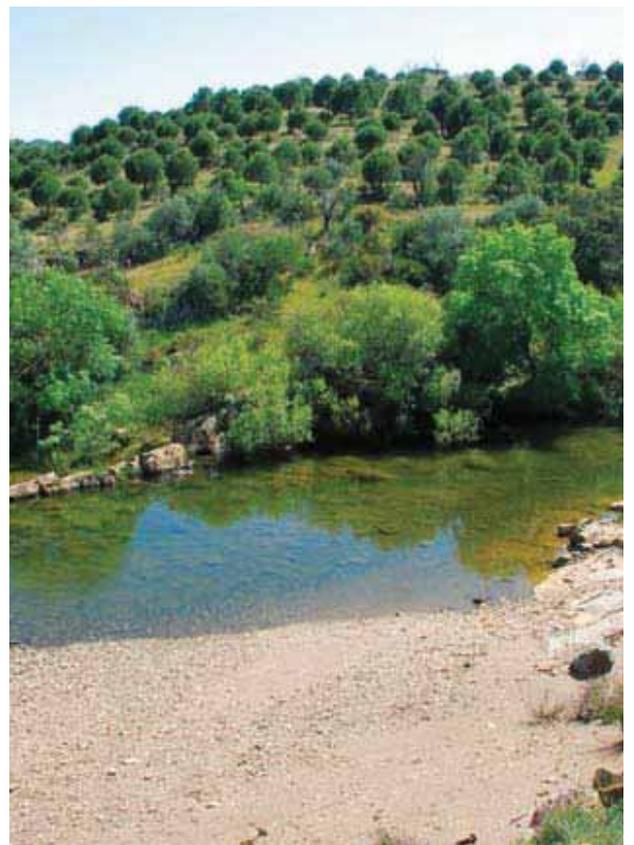
Montes antigos, que conservaram a toponímia árabe e se estendem ao longo da Ribeira da Foupana.

Uma paisagem diferente, em que o toque agreste é suavizado pela água.

De regresso ao Pereiro, por entre terras de xisto percorremos os 10 km até Clarines, imóvel no tempo, preservando toda a sua identidade. A Ermida da Oliveira, de construção medieval, esconde-se por entre as ruas estreitas.

Diz a lenda que quem puser a cabeça no buraco do tronco da oliveira que está junto à igreja se cura das cefaleias.

É altura de seguir para Giões onde as ruas acompanham docemente as curvas de nível da serra



Ribeira da Foupana (RO)

Cozido de grão (RTA)



Em termos de gastronomia destacam-se o mel, o pão, os enchidos e os doces regionais e queijo de cabra. Um ensopado de borrego ou um cozido de grão são alternativas saborosas.

Pela EM 506 unicamente 12 km nos separam de Vaqueiros. Minas antigas, artefactos, habitações primitivas, abrangem ao vivo cerca de 1 800 anos de história.

Na Igreja Matriz, a cegonha decidiu construir o seu ninho junto ao campanário.

Através de um troço da EM 506 particularmente bonito, passaremos por Fernandilho e Fortim e segue-se o Monte da Estrada. Aqui cortamos em direção ao Sul deixando a EM 506, 1 km depois da povoação. Desde Vaqueiros andam-se 24 km, e mais uns poucos conduzem-nos à Anta das Pedras Altas.

As localidades, aqui conhecidas por montes, abrigam apenas algumas dezenas de habitantes e sucedem-se a poucos quilómetros uns dos outros, silhuetas da cultura serrana, com as cores e os motivos tradicionais alegrando as casas.

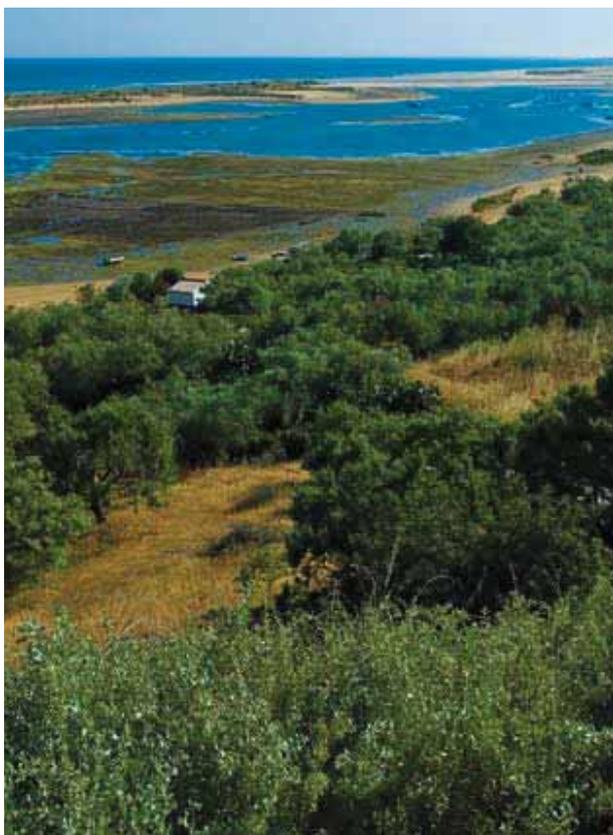
Facilmente chegamos à Cortelha gozando entretanto o magnífico panorama da Ribeira do Beliche serpenteando no vale. Pela EM 509 passaremos por Corte do Gago seguindo-se as Alcarias Grandes - uma designação recorrente neste percurso - que ladeiam a albufeira, a que se acede por um estradão vindo da última Alcaria de regresso à EM 509 passa-se por Marroquil (6 km). Moinhos e noras murmuram os seus cânticos suaves, do forno a lenha sai um penacho de fumo. Cantam calhandrinhas, as perdizes levantam voo assustadas.

Viramos para sul em direção a Santa Rita, passando pela pitoresca Corte de António Martins por umas das mais belas estradas algarvias.

Durante 30 quilómetros, espraia-se a vista pelas praias num lado da via, enquanto do outro, surge a serra rural. O Parque da Rocha dos Corvos, onde é agradável parar e tornar a perscrutar a paisagem, está apenas a 1 km de Santa Rita, lugar de transição entre o litoral e a serra onde ainda se encontram restos de uma represa romana que atravessou o vale de lado a lado permitindo o

Vaqueiros (PR)





Cacela Velha (LC)

aproveitamento das águas do ribeiro para irrigação. As casas, encimadas por chaminés típicas, com as suas portas abertas, falam de hospitalidade e simpatia.

Seguem-se facilmente as indicações até Vila Nova de Cacela, o lado rural da freguesia, que se estende até ao mar e à aldeia de Cacela Velha. Finaliza-se esta rota pelos perfumes do passado, onde as tradições ainda são o cunho do dia a dia, marcadas pelas águas doces dos rios e ribeiras, das fontes e açudes, usando a modernidade da Via do Infante para se chegar ao ponto de partida: Castro Marim. Lembrar-nos-emos entretanto do escritor transmontano Miguel Torga, numa citação perfeita para finalizar o percurso: *"O Algarve, para mim, é sempre um dia de férias na Pátria... apetece-me tudo, menos ser responsável, cético!..."* Apetece, isso sim, usufruir de todos os prazeres que os diferentes algarves nos proporcionam, acrescentaríamos nós.



Revelim de Santo António (St)





caminhos além do sotavento

De mar a mar, com a serra no entretanto. Do centro ao leste do Algarve, deliciemo-nos na grande volta meridional. Da capital à capital passando pelo Algarve das falésias e penhascos, das grutas e leixões, dos recatos arenosos e algares escondidos. Pela encosta até à terra do Infante, subindo a arribas e descendo a areais insuspeitos.

Mas cantemos também o homem, o casario alvo interpelando o mar esmeralda; olhemos as mãos sabidas e gretadas, cosendo as artes que amanhã vão armadilhar o sustento; observemos os seus barcos pontuando a grandeza do areal, humanizando-o e transmitindo-lhe História; celebremos o homem através dos sabores, diferentes na igualdade do mar, iguais na diferença da serra: da cataplana de Albufeira ao presunto de Monchique, da batata-doce de Aljezur ao peixe em churrasco de Armação de Pêra ou Lagos. No final, adocemos a boca com o figo ou cantemos ao paladar com o bolo de amêndoa.

Da ida a Aljezur regressemos pela serra.

Entontecemos nas estradas estranhamente algarvias, pelas serras inusitadamente algarvias, por entre a vegetação insolitamente algarvia. E nessa desusada volta cheiremos o outro Algarve antes de regressarmos à capital para o repouso do turístico guerreiro.



caminhos além do sotavento

PERCURSO

Faro > São Lourenço > Almancil > Quarteira > Vilamoura > Albufeira > Armação de Pêra > Porches > Lagoa > Carvoeiro > Ferragudo > Portimão > Odiáxere > Lagos > Vila do Bispo > Sagres > Carrapateira > Bordeira > Aljezur > Marmeleite > Monchique > Picota > Silves > Faro



LEGENDA

	Aeroporto		Farol		Monumento		Termas
	Barragem		Marina		Museu		Praia
	Espaço Natural de Recreio e Lazer		Miradouro		Moinho		Reserva Natural
	Cais de Embarque		Estrada Nacional 125		Rota		Ponto de Partida
	Autoestrada		Estrada Municipal		Sentido da Rota		Zona Protegida

Os Caminhos para Além do Sotavento levam-nos para as terras mais a ocidente ou do Barlavento, uma rota que permite a quem está no leste ou a Sotavento, ficar a conhecer a diversidade que o Algarve possui na outra extremidade.

Partiremos de Faro, a capital algarvia de antiquíssima origem, não sem antes visitar, pelo menos a Vila Adentro onde está a Sé, o Convento de Nossa Senhora da Assunção, o Arco do Repouso – onde D. Afonso III descansou – e o Paço e Seminário Episcopal. O acesso faz-se através de três portas abertas na muralha seiscentista.

Escolhendo o Arco da Vila, teremos ao lado o palácio do Governador, com frontaria para o Jardim Manuel Bivar. Quanto ao Arco do Repouso, dá passagem para o Largo de São Francisco tendo por pano de fundo a Ria Formosa que por sua vez serve de cenário ao convento do mesmo nome, agora recuperado e transformado em Escola de Hotelaria e Turismo. A Porta Nova abre diretamente para um canal da ria que nos leva à doca e ao Centro de Ciência Viva.

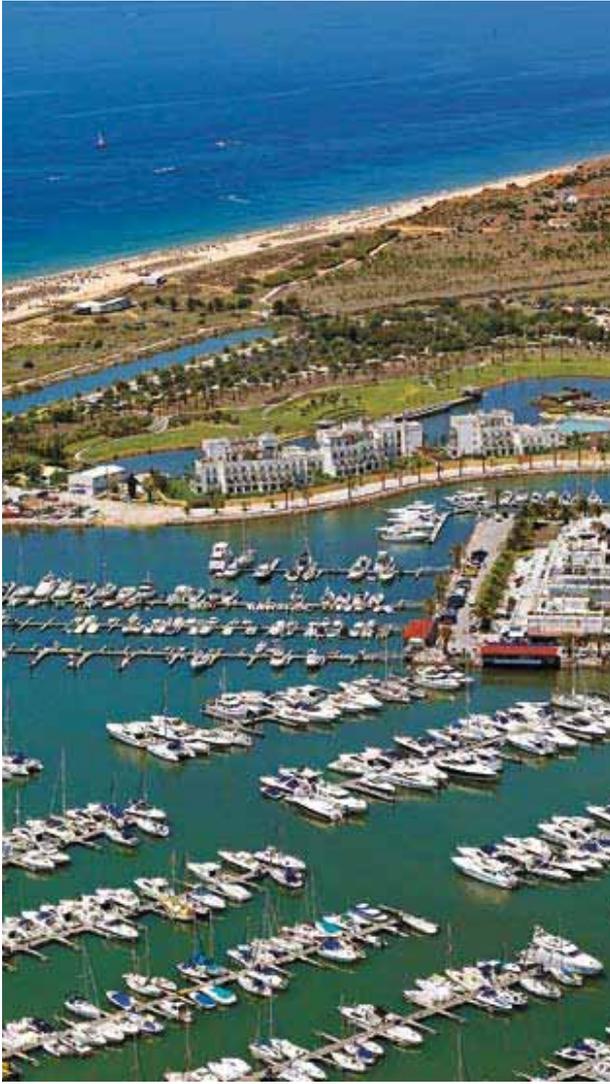
No interior das muralhas a Sé ergue-se, gótica e imponente. Da sua torre avista-se todo o centro histórico, envolvido a norte pelo casario moderno



Arco da Vila (St)



Faro (PR)



Marina de Vilamoura (HR)

Atravessemos a vila de uma ponta à outra para, na saída, tomar a estrada que indica Quarteira. Já há outras alternativas rodoviárias, mas por aqui iremos em suaves curvas até à aldeia de pescadores que se travestiu em estância turística por via da sua maravilhosa praia.

O destino próximo é Vilamoura, e a sua marina com o espelho de água repleto de barcos e uma envolvente sofisticada de esplanadas e lojas.

A velha Quinta de Quarteira está transformada num excelente complexo de lazer e nem falta um Parque Ambiental, junto ao caniçal da Ribeira de Quarteira, onde nidifica a galinha-sultana e a garça-vermelha, entre mais de uma centena de espécies.

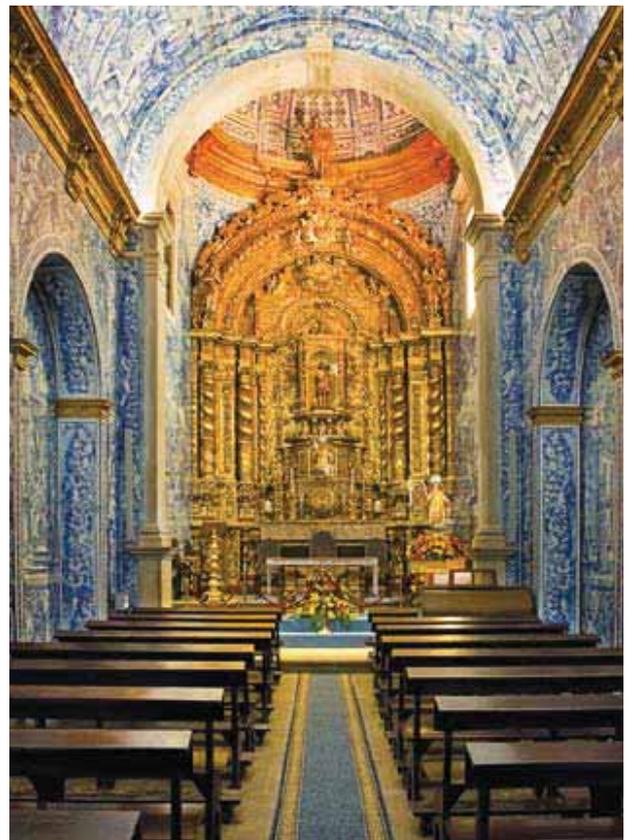
Em Vilamoura pode-se fazer quase tudo o que apetecer. Na marina e na magnífica Praia da Falésia, os desportos náuticos. Passeios pedonais, equitação ou cicloturismo nas amplas zonas ajardinadas. Todavia o golfe é aqui o desporto rei. O dia pode ser completado com um espetáculo no casino, um pé de dança nas discotecas. Em termos culturais, o museu do Cerro da Vila e as ruínas recuperadas da vila romana dão-nos uma perspetiva do passado histórico.

da cidade e a sul pelas águas do mar. No antigo Convento de Nossa Senhora da Assunção, com um curioso claustro de dois andares está o Museu Arqueológico.

Merece a cidade uma visita mais alongada, talvez chegando ao Alto de Santo António e à Igreja do Carmo, passando pelo casario tradicional das Mouras Velhas ou bordejando a Ilha de Faro.

Optamos, porém, por seguir viagem, pela EN 125 em direção a Almancil fazendo uma breve paragem em São Lourenço e aí admirar a sua igreja, cujo interior está recoberto de azulejos.

É em Almancil e nos arredores que se encontram dos mais famosos restaurantes do Algarve, dada a proximidade de luxuosos empreendimentos turísticos, construídos de modo a não beliscar as belezas naturais do Algarve e a proporcionar os encantos do *dolce far niente* de umas férias de sonho.



Igreja de São Lourenço (St)

Mantendo o nosso apego às estradas secundárias, usaremos a saída de Vilamoura para nos dirigirmos a Albufeira, fazendo uma breve paragem na Balaia, uma praia envolvida por arribas coloridas com equipamentos turísticos e desportivos.

Eis Albufeira, com as suas falésias douradas e as praias de areia clara.

Os árabes chamaram-lhe *Al Buhera* (fortaleza) porque se instalaram no cerro da vila, uma posição inexpugnável debruçada sobre o mar e a foz da ribeira.

Depois de um giro junto ao miradouro do Pau da Bandeira, deambulemos pelas ruas estreitinhas até ao Largo Eng. Duarte Pacheco, o coração da zona turística de Albufeira. A zona poente inclui o centro histórico com pormenores de arquitetura tradicional.

Mas o que realmente apetece em Albufeira é calcorrear as suas maravilhosas praias de areia fina e mar azul-turquesa. Em correnteza, de oriente para poente, desde a Balaia até à Galé,



Miradouro do Pau da Bandeira (LC)



Praia de São Rafael (HR)

passando por São Rafael e pela Ponta do Castelo tudo encanta.

A ER 526 que tomamos a oeste de Albufeira, leva-nos até Armação de Pêra, encravada numa vasta baía que vai da Ponta da Galé até à Ponta da Senhora da Rocha.

Nada é mais sereno do que a sua vasta praia de mar calmo e de um imenso azul, beijando repetidamente a areia fina e dourada que reflete o Sol. No centro da vila encontram-se inúmeras esplanadas, caso apeteça uma pausa.

Não deixe de ir até ao miradouro natural da Senhora da Rocha, no cimo da arriba à capela de capitéis visigóticos.

Passaremos depois por Porches, aonde a cerâmica artesanal ainda é uma atividade importante, com múltiplas oficinas ótimas para comprar a tradicional recordação, seja ela uma delicada miniatura ou uma peça que recupera na decoração as cores algarvias: o azul do mar e o ocre da terra. Junto a Lagoa, dirigimo-nos ao Carvoeiro. O casario em anfiteatro debruça-se sobre a praia que serve de abrigo aos barcos coloridos dos



Praia do Carvoeiro (LC)

pescadores. A menos de 1 km ficam as insólitas formações rochosas esculpidas pelo vento e pelo mar do Algar Seco, com as suas formas fantásticas e a romântica Varanda dos Namorados.

Fascinante pelas muitas grutas que as falésias guardam, o Carvoeiro é o local indicado para uma viagem de barco que lhe permita conhecer os secretos acessos da Gruta do Pintal ou dos Roazes.

Ao longo dos séculos, estas cavernas, marítimas da costa do Carvoeiro serviram de habitação aos vários povos que estiveram na zona, quer como acesso para a pesca, quer para a defesa de ataques piratas e corsários.

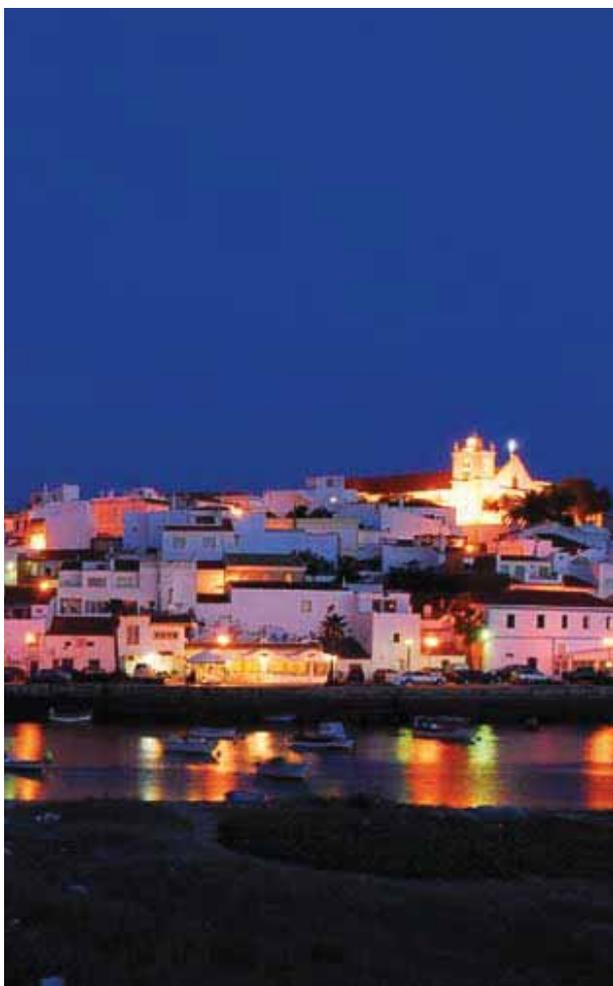
O Carvoeiro teve uma importância estratégica tal, que foi referenciado no primeiro mapa impresso em Portugal, baseado num outro editado no ano de 1561 em Roma.

Continuando para ocidente, segue-se a indicação e facilmente encontramos Ferragudo, na margem esquerda do Rio Arade. O nome explica por si a origem da terra: na costa existia um “ferro agudo” usado para puxar do mar as redes cheias de peixe. A baía de Ferragudo termina num pequeno castelo gracioso, hoje moradia privada.

Na margem direita estende-se Portimão. Acede-se a Portimão atravessando um dos esteiros do rio para se mergulhar desde logo no típico ambiente dos restaurantes sob as arcadas da ponte. Não há melhor sítio para provar as sardinhas que chegam ao porto.

No centro histórico é marcante a arquitetura dos finais do século XIX e início do século XX, nas casas de dois pisos, de varandas de ferro forjado, cantarias enobrecidas nas janelas e portas, paredes revestidas a azulejos. O perfil branco de igrejas ou as ruas estreitas do antigo bairro de pescadores e comerciantes são alguns dos aspetos de Portimão que definem o seu caráter de cidade secular.

Fenícios, gregos, cartagineses, romanos e árabes subiram o Arade e deixaram vestígios na região. Com os Descobrimentos Portugueses edificou-se, em pleno século XV, a moderna Portimão. No século XIX torna-se um importante centro piscatório



Ferragudo (LC)



Praia da Rocha (HR)

e conserveiro, e no século XX o turismo marca a dinâmica da cidade.

A marina apresenta um espaço aprazível e uma praia artificial que não é mais do que a continuação da Praia da Rocha, uma das mais belas de Portugal. Imponentes, os rochedos elevam-se, no areal claro, em formas caprichosas.

A praia de Alvor, por sua vez, é uma extensão imensa de areias douradas escondida entre os magníficos penhascos de pedra vermelha. À Ria de Alvor costuma-se, por vezes, chamar o paraíso escondido, um enclave de paisagens surpreendente onde esvoaçam centenas de aves enquanto o Sol mergulha nas águas.

A EN 125 conduz-nos até Odiáxere, uma aldeia pitoresca, e se a atravessarmos em direção ao mar, passaremos pelos Palmares e chegaremos à Meia Praia gozando de belos panoramas sobre a baía de Lagos.



Alvor (HR)



Meia Praia (HR)

Esta não é maneira mais ortodoxa de entrar na cidade, mas será certamente uma das mais belas. O areal da Meia Praia, longo a perder de vista, é enquadrado por colinas verdejantes e termina na Marina, aos pés da cidade. Foi da baía que partiram as caravelas, na saga quinhentista, em busca de novos mundos. Hoje, mantém-se o antigo cosmopolitismo e a velha cumplicidade com o mar numa das mais bonitas cidades algarvias.

A simpatia e o acolhimento das gentes de Lagos fazem parte da história: O Rei D. Sebastião elevou Lagos à categoria de cidade, depois de uma viagem ao Algarve em 1573, tão impressionado ficou com a receção calorosa do povo.

Vale a pena visitar as suas igrejas, museus, o castelo e as muralhas. A Ponta da Piedade, por sua vez, é uma referência obrigatória. Fica-se com a baía aos pés, azul vastíssimo até ao horizonte.

A maresia acompanha a gastronomia tradicional: um ensopado de safio ou uma feijoada de buzinas, sem esquecer o delicioso bife de atum ou uma condimentada cataplana, são pratos tentadores. A terminar, o incontornável Dom Rodrigo de suaves fios de ovos e amêndoa.



Lagos (PR)

Entramos num outro Algarve, o do Barlavento, quando chegamos a Vila do Bispo. Aqui devia seguir-se a Rota dos Menires, um percurso pelas pedras pré-históricas por entre uma paisagem rude e ampla, onde os ventos atlânticos se fazem sentir. Ou talvez a Rota dos Contrabandistas, partindo daqui pela serra de Espinhaço de Cão e depois atravessando a de Monchique e ainda os cerros do Caldeirão, levando ao interior o que o interior precisava e não tinha.

Não podemos deixar a vila sem provar a deliciosa moreia frita e o bolo de mel, espreitar a Praia do Castelejo, aninhada entre falésias.

Chegamos por fim a Sagres, o promontório mítico, *“O Cabo Cinético onde declina a luz sideral, emerge altaneiro como ponto extremo da rica Europa e entra pelas águas salgadas do Oceano, povoadas de monstros. Segue-se um promontório, que assusta pelos seus rochedos consagrado a Saturno. Ferve o mar encrespado e o litoral rochoso prolonga-se extensamente”* A descrição foi feita pelo romano Rufus Festus Avienos no ano 350 d.C. Quase 22 séculos depois, permanece a magia e a imponência.

Na fortaleza, sente-se a presença do Infante D. Henrique que ali sonhou a magnífica epopeia de marear e encontrar Novos Mundos, uma



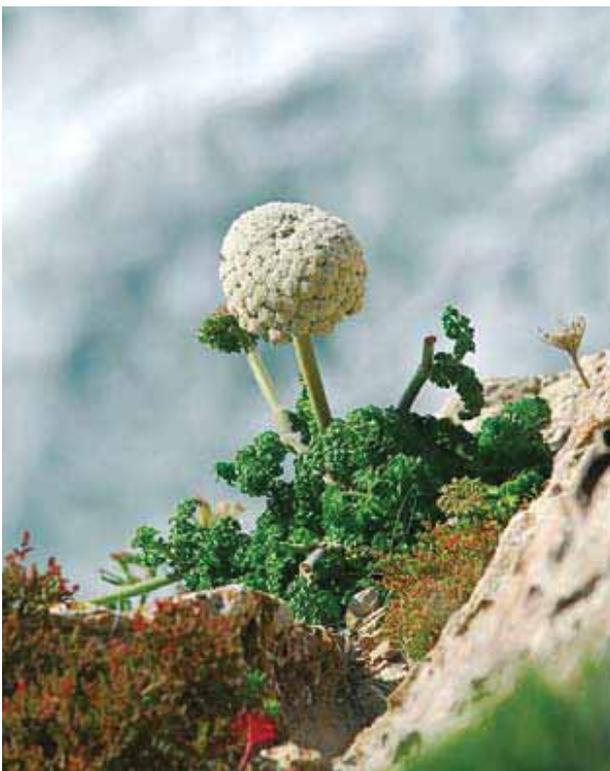
Praia do Castelejo (HR)



Fortaleza de Sagres (St)



Sagres (PR)



Flor (LC)

aventura que só teve paralelo cinco séculos depois, quando os astronautas foram à Lua.

À distância de um olhar está o Cabo de São Vicente, com a capela, o convento, fortaleza e farol, o extremo sudoeste de Portugal e da Europa. As arribas têm uma altura de 60 m, mergulhando na espuma furiosa das ondas e escondem muitas vezes minúsculas conchas de areia, quase desertas, onde se encontra o paradigma da praia perfeita que a nossa imaginação persegue.

Os apaixonados pela botânica, por sua vez, encontrarão algumas dezenas de espécies de plantas únicas no mundo, e como Sagres se encontra na rota migratória de um grande número de aves, por vezes, e havendo sorte, pode-se seguir a sua partida ou chegada, um espetáculo único que chega a levar alguns dias.

Regressemos a Vila do Bispo, que está inserida no Parque Natural do Sudoeste Alentejano e Costa Vicentina, um dos poucos locais da região do Algarve onde a natureza selvagem, aliada a um património histórico cultural riquíssimo, se mantém intacta, para nos dirigirmos a Aljezur, também no território do parque. Aqui, no seu habitat natural, estão identificadas 200 espécies de aves, 750 plantas, das quais 46 são exclusivas de Portugal, e 10 delas existindo unicamente nesta área. Na costa, encontram-se 460 espécies de algas com destaque para a produção do ágar-ágar.

Passaremos pela Carrapateira, enconchada nas dunas e onde os surfistas dizem que acontece a onda quase perfeita. A aldeia cresceu junto à ribeira e o forte envolveu a ermida já existente. Pode ainda visitar-se o Museu do Mar e da Terra da Carrapateira que traça um retrato da vida dos pescadores/lavradores.



Surfista (HR)



Aljezur (PR)

Um pouco mais adiante a Bordeira tem raízes que remontam a tempos pré-históricos. A cultura mirenses (7 000 a.C.) de povos nómadas a circular entre a foz do Rio Mira, no Alentejo, e a Praia do Burgau, no Algarve, deixou igualmente as suas marcas.

Aljezur divide-se entre os dois lados da ribeira, de um lado o povo velho com as casas em anfiteatro na encosta da colina e do outro a vila nova na lezíria da margem esquerda da ribeira, a que chamam Rio de Aljezur.

Diz-se que o antigo castelo mourisco é um dos castelos representados na Bandeira Nacional, tendo sido o último a ser conquistado em terras algarvias. Estamos na terra da batata-doce, de casca vermelha e polpa de um amarelo solar, macia e sumarenta. Com ela se faz o recheio de bolos deliciosos, e está presente na fabulosa feijoada de batata-doce de Aljezur.

Conta a lenda dos Cavaleiros de Santiago, que estes chefiados por D. Paio Peres Correia, antes de cada importante batalha utilizavam uma poção revigorante, pois carregar com armas e armaduras de ferro não seria tarefa fácil. O vigor na invasão e a rapidez na tomada do castelo de Aljezur deixou os mouros boquiabertos, já que



Monchique (LC)

desconheciam a poção dos cavaleiros cristãos e os seus resultados. A conquista ocorreu em 1249 e a poção milagrosa... é a famosa feijoada de batata-doce de Aljezur.

No litoral do concelho dominam as falésias, intercaladas por dunas e praias. Há piscinas naturais encastradas nos rochedos que entram mar adentro, com águas frescas e fundos límpidos.

Deixemos o Parque Natural da Costa Vicentina para nos embrenharmos pela EN 267 na Serra de Espinhaço de Cão, por entre matas de pinheiros, eucaliptos e sobreiros.

Marmelete surge-nos em plena serra, uma pequena aldeia tranquila de onde partem percursos florestais cortados em ardósias de tom ocre, diferentes do granito cinza que caracteriza a grande Serra de Monchique, alguns quilómetros mais adiante.

Monchique fica num vale de clima delicioso.

Os castanheiros formam magníficas florestas e as águas despenham-se em cascatas. Centenas de quilómetros de passeios pedestres foram criados, ligando florestas naturais, jardins botânicos e sítios de interesse histórico.

Na vila há hortênsias e camélias um pouco por todo o lado e o Largo de São Sebastião é de passagem obrigatória, bem como a Igreja Matriz e o Convento de Nossa Senhora do Desterro, ruína rodeada de arvoredo, com admirável panorama e onde há a maior magnólia da Europa, classificada como árvore monumental.

A cozinha de Monchique é interessante e com combinações assaz curiosas, como os pratos de arroz com feijão ou castanhas, e a assadura de porco, sendo de realçar os enchidos caseiros, os presuntos serranos, curados à antiga. Nos doces, destaque para o bolo de tacho e o pudim de mel. Terra de medronho, a aguardente é famosa, e por alturas do Carnaval pode combinar-se com os produtores para uma visita guiada a uma destilaria, onde os frutos vermelhos são transformados em água da vida.

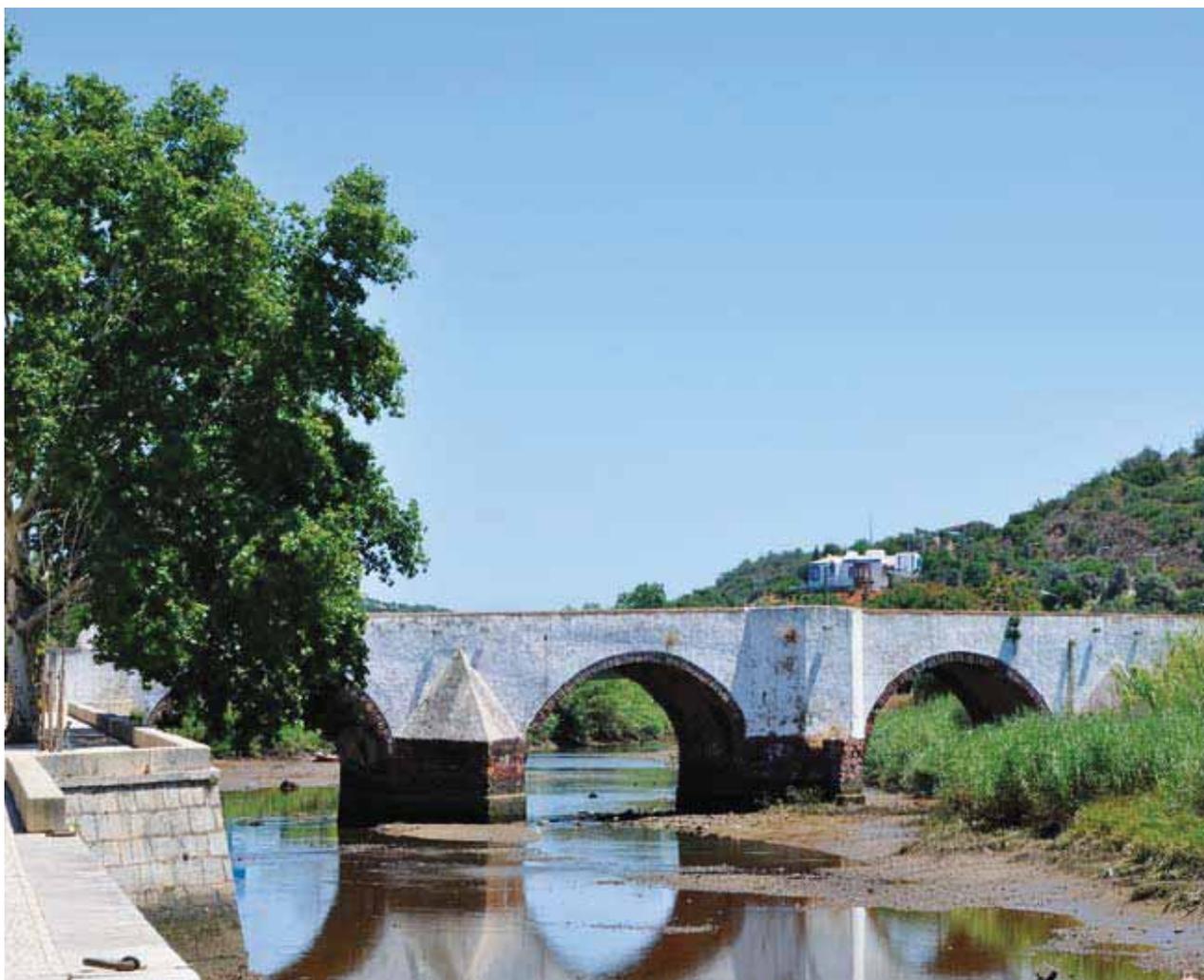
Pelas volutas da serra subiremos até à Fóia, em busca dos horizontes mais amplos do Algarve.

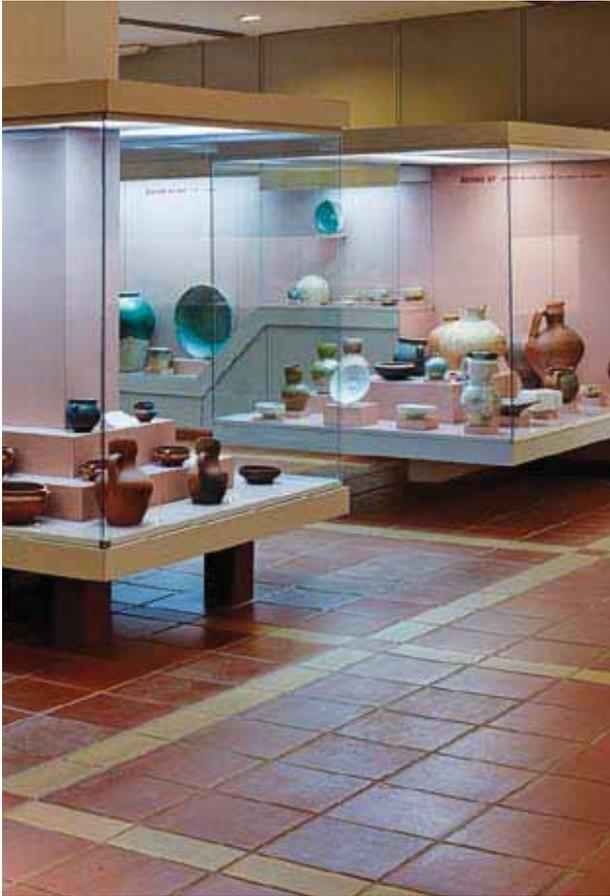


Se o dia estiver claro, avistaremos a sul Portimão e Lagos, manchas claras junto ao mar, ou os picos da Arrábida a norte.

As Caldas de Monchique ficam na descida da montanha, onde brota uma água leve, pura e cristalina, que os romanos batizaram de “sagrada”. As primeiras termas foram construídas por eles para alívio do reumatismo e afeções das vias respiratórias. Um passeio entre eucaliptos e sobreiros deixa-nos no topo da Picota, cujos declives oferecem uma vista magnífica.

Em Porto de Lagos, a antiga *Lacobriga* dos Romanos, construída em anfiteatro sobre a margem direita da ribeira, atravessamos a ponte para seguirmos rumo a Silves. A mourisca *Shielb* surge-nos enrodilhada junto ao castelo que domina a paisagem em redor. É a cidade algarvia onde a herança islâmica é mais marcante. Aqui viveram sábios e poetas do *Al Garb* (O Ocidente) do *Al Andaluz* o poderoso califado que dominou a Ibéria durante séculos.





Museu Arqueológico de Silves (St)

As portas da cidade abrem-se para as muralhas que ainda hoje guardam o castelo, cujas ameias nos proporcionam uma espécie de passeio alado, com vista para o Rio Arade que corre preguiçoso lá em baixo.

No Museu Arqueológico desfilam séculos de história. O mais curioso contudo é a sua arquitetura moderna, em torno da cisterna do século XII de mais de 20 metros de profundidade e com uma escada em galeria para se chegar ao fundo. À noite, sabiamente iluminado, o castelo ganha contornos misteriosos, e as lendas das mouras encantadas adquirem, subitamente, sentido.

A lenda da Cisterna Grande do Castelo conta a desdita de uma princesa que, na noite de São João (solstício de verão) navega nas águas fundas, usando um barco de prata com remos de ouro.

Desconsolada, entoava canções tristes. E só poderá dali sair quando um príncipe mouro pronunciar as palavras mágicas que a desencantarão.

Não abalaremos de Silves sem provar o morgado, uma das melhores receitas deste bolo tão típico na serra algarvia.

De forma a visitarmos ainda outros sítios da região, usaremos a Via do Infante (A 22), cujo acesso fica a cerca de 3 km da cidade. Num instante estaremos no nó que nos irá conduzir a Loulé.

Descendo o que resta da serra, estaremos de novo em Faro. Se estes caminhos lhe aguçaram o apetite, então experimente as restantes rotas que propomos e que darão à sua estadia de férias um sabor diferente, genuíno, em que o tempo tem uma marca diferente, lenta, saborosa e simpática, à boa moda algarvia. Exatamente como as férias devem ser.



Faro (PR)

postos de informação turística

Aeroporto Internacional de Faro

Aeroporto Internacional de Faro
8001-701 Faro
T. 289 818 582
turismo.aeroporto@turismoalgarve.pt

Albufeira

Rua 5 de Outubro
8200-109 Albufeira
T. 289 585 279
turismo.albufeira@turismoalgarve.pt

Alcoutim

Rua 1º de Maio
8970-059 Alcoutim
T. 281 546 179
turismo.alcoutim@turismoalgarve.pt

Aljezur

Rua 25 de Abril, n.º 62
8670-054 Aljezur
T. 282 998 229
turismo.aljezur@turismoalgarve.pt

Alvor

Rua Dr. Afonso Costa, n.º 51
8500-016 Alvor
T. 282 457 540
turismo.alvor@turismoalgarve.pt

Armação de Pêra

Avenida Marginal
8365-101 Armação de Pêra
T. 282 312 145
turismo.armacaodepera@turismoalgarve.pt

Carvoeiro

Praia do Carvoeiro
8400-517 Lagoa
T. 282 357 728
turismo.carvoeiro@turismoalgarve.pt

Castro Marim

Mercado Local
Rua de São Sebastião
8950-121 Castro Marim
T. 281 531 232
turismo.castromarim@turismoalgarve.pt

Faro

Rua da Misericórdia, n.º 8-11
8000-269 Faro
T. 289 803 604
turismo.faro@turismoalgarve.pt

Lagos

Praça Gil Eanes (Antigos Paços do Concelho)
8600-668 Lagos
T. 282 763 031
turismo.lagos@turismoalgarve.pt

Loulé

Avenida 25 de Abril, n.º 9
8100-506 Loulé
T. 289 463 900
turismo.loule@turismoalgarve.pt

Monchique

Largo de S. Sebastião
8550-000 Monchique
T. 282 911 189
turismo.monchique@turismoalgarve.pt

Monte Gordo

Avenida Marginal
8900-000 Monte Gordo
T. 281 544 495
turismo.montegordo@turismoalgarve.pt

Olhão

Largo Sebastião Martins Mestre, n.º 8 A
8700-349 Olhão
T. 289 713 936
turismo.olhao@turismoalgarve.pt

Ponte Internacional do Guadiana

A22 - Monte Francisco
8950-206 Castro Marim
T. 281 531 800
turismo.guadiana@turismoalgarve.pt

Praia da Rocha

Avenida Tomás Cabreira
8500-802 Praia da Rocha
T. 282 419 132
turismo.praiadarocha@turismoalgarve.pt

Quarteira

Praça do Mar
8125-193 Quarteira
T. 289 389 209
turismo.quarteira@turismoalgarve.pt

Sagres

Rua Comandante Matoso
8650-357 Sagres
T. 282 624 873
turismo.sagres@turismoalgarve.pt

São Brás de Alportel

Largo de São Sebastião, n.º 23
8150-107 São Brás de Alportel
T. 289 843 165
turismo.saobras@turismoalgarve.pt

Silves

EN-124 (Parque das Merendas)
8300-000 Silves
T. 282 098 927
turismo.silves@turismoalgarve.pt

Tavira

Praça da República, n.º 5
8800-329 Tavira
T. 281 322 511
turismo.tavira@turismoalgarve.pt

postos municipais de informação turística

Albufeira

Estrada de Santa Eulália
8200 Albufeira
T. 289 515 973
posto.turismo@cm-albufeira.pt

Estrada Nacional 395 (entrada da cidade)

8200 Albufeira
T. 289 599 502
posto.turismo2@cm-albufeira.pt

Alte

Pólo Museológico Cândido Guerreiro
e Condes de Alte
8100 Alte
T. 289 478 060

Portimão

(Ed. TEMPO – Teatro Municipal)
Largo 1.º Dezembro
8500-538 Portimão
T. 282 402 487
info@visitportimao.com

Querença

Largo da Igreja
8100-495 Querença
T. 289 422 495

Salir

Centro Interpretativo de Arqueologia
8100-202 Salir
T. 289 489 137

Silves

Centro de Interpretação do Património
Islâmico
Praça do Município
8300-117 Silves
T. 282 440 800
turismo@cm-silves.pt

FICHA TÉCNICA

Edição e Propriedade

Região de Turismo do Algarve
turismoalgarve@turismoalgarve.pt
www.visitalgarve.pt

Sede: Av. 5 de Outubro, 18
8000-076 Faro, Algarve, Portugal
Telefone: 289 800 400
Fax: 289 800 489

Coordenação

Área de Comunicação e Imagem
marketing@turismoalgarve.pt

Textos

Conceição Branco (rotas)
João Prudêncio (aberturas)

Tradução

Inpokulis

Fotografia

Arquivo da Região de Turismo do Algarve (RTA)
Stills (St) - Vasco Célio, Virgílio Rodrigues,
Melanie Maps, Manuel Barros, Filipe Farinha
Luís da Cruz (LC)
Pedro Reis (PR)
Hélio Ramos (HR)
Hugo Santos (HS)
Rafaela Oliveira (RO)
Telma Veríssimo (TV)
João Eduardo Pinto (JEP)
Aero Foto (AF)

Conceção Gráfica e Paginação

NEWINGS design agency

Impressão

Greca, Artes Gráficas Lda.

Tiragem

1.000 exemplares

Distribuição

Gratuita

Depósito legal

400359/15

2ª Edição

2015

algarve.
o segredo
mais famoso
da europa



Apoio:

TURISMO DE
PORTUGAL



www.visitalgarve.pt

PT 2015